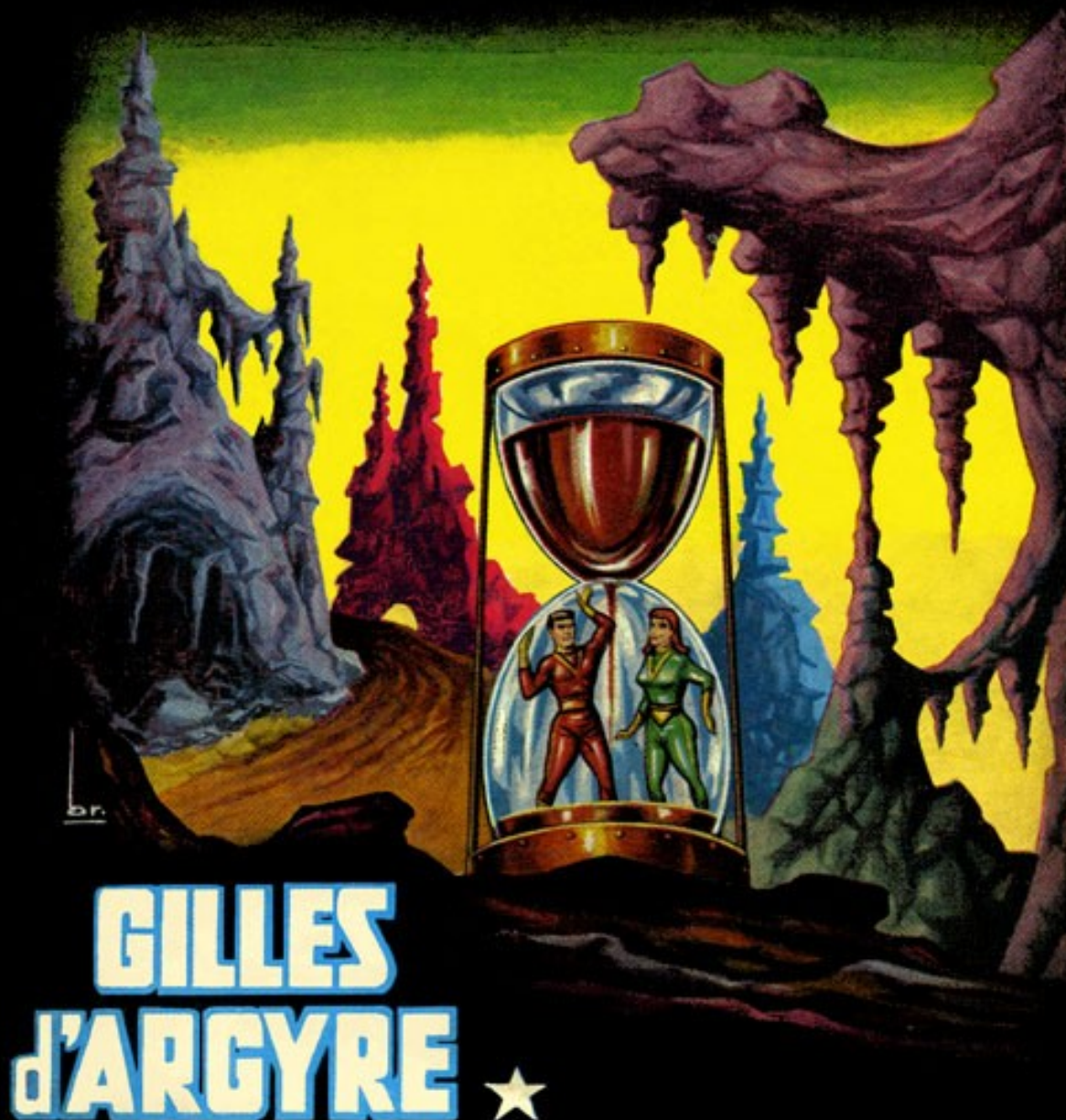


LES TUEURS DE TEMPS



★ ★ **ANTICIPATION** ★ ★

Editions
"Fleuve Noir"



Varun Shangrin era o mais valente capitão, o mais hábil comerciante e o mais ousado aventureiro de toda a nebulosa de Magalhães. Após doze anos de navegação, ele trazia sua astronave, a "Vasco da Gama", ao porto. Os porões estavam repletos.

De repente, sem aviso prévio, as estrelas cintilaram e mudaram de lugar.

Sem usar o Runi, um não-humano jogador de xadrez, Shangrin nunca teria compreendido o que aconteceu.

Mas quando ele se voltou para o problema, acabou se rendendo à evidência: A "Vasco da Gama" havia se movido no tempo e duzentos milhões de anos tinham se passado.

Como encontrar o caminho do presente?

Ele teve primeiro que identificar o agressor, para então forçá-lo a fazer as pazes. Um grande problema!

Título original: ***Les tueurs de temps***

© 1965 ***Gilles d'Argyre*** (pseudônimo de Gérard Klein)

Editions Fleuve Noir

"Quando Deus criou o tempo, ele o fez em grande quantidade..."
Provérbio irlandês

CAPÍTULO 1

A astronave achava-se na metade do caminho entre a Grande Nuvem de Magalhães e a Pequena Nuvem de Magalhães, finalizando uma frutífera viagem de exploração que havia durado doze anos.

Tratava-se da expedição mais ambiciosa que a civilização humana de Magalhães Menor havia enviado para além das suas fronteiras. Seus representantes eram capazes de grandes empreendimentos quando assim exigiam seus interesses.

Cinco ou seis mil anos antes, seus antepassados, chegados da Prima Galaxia, haviam-se esforçado em conquistar novos mundos e em se multiplicar. No ano de 27.937 (base universal), que é quando começa nossa história, a civilização humana de Magalhães Menor contava com uns seis mil planetas colonizados, cujo contingente médio de população ascendia a duzentas e cinquenta mil almas em cada um, embora roçasse, em alguns, os cem milhões, e se reduzisse em outros a umas quantas famílias.

O homem ainda era feliz em Magalhães Menor. Podia continuar multiplicando-se no mesmo ritmo durante cerca de vinte mil anos, antes de alcançar os limites do enxame estelar. Mas isto não o impedia de ir ver o que acontecia mais além. A distância sempre multiplica o interesse que despertam os mundos desconhecidos.

A astronave era esférica e podia percorrer um milhão de anos-luz em um ano. Quando partiu de Neo-Sirius, sua tripulação era de seis mil pessoas, mas doze anos depois, devido aos nascimentos e aos falecimentos, havia aumentado para sete mil, quinhentas e noventa e uma. De qualquer modo, a capacidade da nave era para mais de dez mil, sendo ademais considerável a potência dos seus geradores e a do seu armamento.

Entretanto, comparada às distâncias percorridas e aos obstáculos superados, a "Vasco" não era mais que uma casca de noz. Os perigos haviam sido enormes, mas os Magalhânicos eram pessoas intrépidas, e os porões da "Vasco" estavam estourando de riquezas, espécimens e documentos capazes de demonstrar que os riscos do espaço continuavam sendo rentáveis.

Estava previsto que a "Vasco" alcançaria seu lugar de origem em um pouco menos de dezoito meses de navegação livre de obstáculos e através de um espaço conhecido. Nenhuma massa estelar de importância podia perturbar, a menos de uma centena de anos-luz, aquele regresso, e os detetores de rota permaneciam decididamente silenciosos. Até os robôs teriam cantarolado um estribilho eletrônico para se distraírem se fossem capazes de sentir tédio.

Nada a bordo da "Vasco" permitiria supor que a bem mais de mil anos-luz a nave havia irrompido em um dos mais vastos campos de batalha da história. As naves que nela se enfrentavam - damos-lhes o nome de naves para maior comodidade, embora sua semelhança com qualquer aparelho como a "Vasco" fosse praticamente nula - estavam concentradas em certos planos do espaço que os detetores da "Vasco" não podiam explorar. A luta vinha se desenvolvendo a quase sete mil anos, sem que as

frentes parecessem haver alcançado ainda sua posição definitiva. De fato, o campo de batalha tinha se deslocado incessantemente ao longo do tempo. A origem daquela guerra se situava, para a "Vasco", em um distante futuro a respeito do qual seus ocupantes não tinham a menor ideia. E o conflito fazia se enfrentarem duas galáxias e duas raças poderosas.

A princípio, a ocasional incursão no campo de batalha por parte de alguma nave alheia às duas potências beligerantes já havia sido prevista por estas, a fim de que nenhum intruso pudesse sequer se dar conta da circunstância. Mas algum erro deve ter acontecido naquela previsão.

De fato, uma série de coincidências infelizes aconteceram para que a "Vasco" irrompesse, sem saber, em pleno ponto crítico da batalha. Começou por penetrar em uma zona onde a explosão de um "cruzador" havia quebrado as estruturas íntimas do espaço.

Desta forma, a nave foi transferida do segundo espaço, através do qual viajava, até um espaço multidirecional. Uma vez nele, foi detectado imediatamente por uma estação automática, a qual iniciou o procedimento de rodear a "Vasco" com um campo de minas. Se seus detetores estivessem em condições de identificar a natureza dos ditos objetos, e se o capitão Shangrin tivesse suspeitado dos riscos que ameaçavam sua nave, haveria ordenado a paragem imediata das máquinas. Mas ninguém tinha motivos para ter a menor prevenção a respeito.

Tampouco os disparos de advertência foram percebidos, e o campo destinado a inibir os geradores habitualmente usados pelo adversário não exerceu a menor perturbação nos primitivos motores da "Vasco". Por último, a nave passou a menos de um ano-luz de uma das minas e a ativou, tendo sido instantaneamente projetada para o passado sem uma explosão, sem uma sacudidela.

A estação automática enviou imediatamente um relatório à autoridade competente, dando-lhe conta de que uma nave de origem desconhecida havia sido posta fora de combate. Mas a situação então era tão crítica no setor dependente daquela autoridade, tão premente a urgência de outras necessidades inadiáveis, que decidiu deixar para mais tarde as indagações relativas àquele incidente.

Apesar de tudo isto, um resumo informativo foi expedido para o grande quartel geral, embora coincidindo com a chegada de outras dezesseis milhões de notas que, procedentes de outros pontos, afluíram para o cérebro principal no momento em que este começava a dar sinais de esgotamento, motivando assim que passasse quase despercebido.

Contudo, o fato poderia não ter tido muitas consequências se as peculiaridades do caráter dos magalânicos tivessem sido outras.

A "Vasco" estava sob o comando do capitão Varun Shangrin. Os representantes dos dezesseis planetas da Pequena Nuvem de Magalhães, que eram a sociedade responsável pela expedição, haviam hesitado umas mil vezes antes de escolhê-lo.

Era certo que o capitão pertencia a uma família que havia batizado um bom número de planetas virgens e que ele, pessoalmente, havia explorado a fundo muitas zonas do espaço, conseguindo sobretudo - detalhe determinante para uns sócios temerosos de perder, em arriscadas aventuras, as fortunas anteriormente arrancadas ao cosmos - devolver sempre sãs suas naves e tripulações.

Mas a reputação de Varun Shangrin trazia também a recordação de um homem propenso a desafiar o desconhecido, passional, íntegro até a violência, e dotado de um vozeirão capaz de intimidar os astros. Alguns o consideravam mais um feitor que

um capitão; outros, um feroz guerreiro e um egoísta.

Na intimidade dos seus refúgios, os representantes de Magalhães Menor sentiam calafrios ante as ousadias do capitão e do seu sorriso fanfarrão, tratado-o pelas costas de pirata, bandoleiro espacial, ladrão do vazio e colecionador de todos os vícios. Contudo, não deixavam de admitir que ele era o homem indicado para lançar-se para o desconhecido e regressar com as mãos carregadas de ouro, com o espírito ansioso por novas rotas e os olhos arrebatados pela visão de mundos maravilhosos. Além disso, intimidava-lhes a postura autoritária do capitão, o fato de que fosse melhor traficante que eles próprios, seu modo de invadir aqueles gabinetes acolchoados com pele e atestados de arquivos, com o capacete na cabeça e calçando botas grosseiras, introduzindo consigo geladas reminiscências do espaço e acres cheiros de maquinaria... Algumas vezes os obrigava a expor o dinheiro em troca de esperanças incertas, deixando-os depois na expectativa durante meses e anos, até o seu infalível regresso, com o rosto novamente curtido pelo brilho de gigantescos sois. Era humilhante para eles que Shangrin arriscasse sua vida e eles somente suas fortunas.

Invejavam-no, porque ele tinha oportunidade de realizar transações insólitas com povos míticos e inumanos, que eles, os pálidos mercadores de Loma, de Suni, de Amo, de Yorque e de Neo-Sirius, jamais chegariam a conhecer. No fundo, eram sempre atormentados pelo temor de que algum dia o capitão se apresentasse inesperadamente no céu das suas cidades no comando de uma frota de guerra.

Temiam-no, porque os mercadores dos portos sempre temeram os seus capitães. E seu medo era produto da ignorância, pois desconheciam o porque da vitalidade e da força de Shangrin

Mas se confiavam nele era precisamente porque o temiam, porque sabiam que era invencível, porque suas naves traziam cargas mais valiosas que as dos outros expedicionários e porque suas armas não conheciam a derrota. E tudo isto representava benefícios enormes, em troca de riscos não menores.

Por isto, os representantes dos dezesseis planetas não puderam encontrar nada que lhes conviesse quando convocaram seus capitães; todos tinham defeitos: jovem demais, pusilânime demais, bom técnico mas mal comerciante, cobiçoso demais, muito fraco no comando, astucioso mas sem arrojo, consumido demais pelas enfermidades do espaço, velho demais, inseguro demais, medíocre demais.

Todos com algum "demais". Os altos e belos capitães da Pequena Nuvem de Magalhães desfilaram um após o outro diante dos representantes dos dezesseis planetas, mas nenhum conseguiu convencer, porque todos eram inferiores às necessidades, porque o desafio era superior às suas capacidades. A preocupação dos representantes aumentou, visto que não queriam perder a "Vasco", a maior e mais potente nave construída pelo homem naquela zona do universo.

Até que chegou Varun Shangrin. Ele encarou os representantes e disse: "Eu me encarregarei da "Vasco". Vendo-os fazer caretas compungidas, riu estrondosamente ante os altos e belos capitães de Magalhães Menor e perguntou aos sócios da companhia se eles iam se conformar com crianças imberbes quando podiam dispor de um homem.

Foi-lhe então concedido o comando da "Vasco". Aquilo significava para os representantes a maiores inquietações, novas rugas em seus rostos, reativação de velhas úlceras estomacais e a taquicardia nos cansados corações, mas também maior prosperidade para o futuro. Acrescentaram à "Vasco" todo um exército de cientistas, técnicos, espaçonautas e soldados.

Mas também agregaram um monte de recomendações e a nomeação de um segundo em comando, um jovem esperto chamado Gregori, cujos prometedores dotes

lhes prometiam para o futuro uma fama igual à de Shangrin, e cuja fria compostura talvez pudesse moderar a impetuosidade do capitão.

E, sendo definitivamente homens precavidos, os representantes asseguraram seu próprio sossego recorrendo a uma precaução adicional: converteram um decidido jovem chamado Gregori em uma espécie de mecanismo de segurança. Só que, como eram muito discretos, guardaram-se de revelar ao interessado aquela missão suplementar, ocultando-a também a Shangrin, claro. Foi assim que o capitão e seu segundo em comando lançaram-se para o espaço intergaláctico com sua nave e seus tripulantes, com o desejo ardente da conquista que estimulava os corações de ambos e, sem que nenhum dos dois soubesse, com a mente de Gregori "condicionada" e dotada de singulares faculdades totalmente insuspeitas.

Agora eles estavam regressando para a Pequena Nuvem de Magalhães, sem que tivesse sido necessário ativar aquelas faculdades, que teriam permanecido ocultas se...

Shangrin estava levantando tranquilamente a xícara de porcelana quando um brusco movimento do seu segundo a fez resvalar entre seus dedos. O chá derramou-se por sua barba, enquanto a xícara, após rolar sobre seus joelhos, acabou espatifando-se contra o chão. Os olhos azuis do capitão lançaram chamas e suas pesadas mãos caíram violentamente sobre a mesa, fazendo vibrar a superfície de metal.

- Será que você não repeita nada? - rugiu. - Nem a mim nem a um venerável chá de Lenqsen?

- As estrelas! - exclamou Gregori. - Olhe!

- Que está acontecendo com elas?

Os olhos do capitão arregalaram-se ao percorrer com uma rápida olhada a coleção de telas que cobria toda uma parede da sala. Seu rosto, antes avermelhado pela cólera, empalideceu intensamente.

- As estrelas desapareceram das telas durante um segundo, mas voltaram a aparecer no ato! Mas... não são as mesmas de antes! O fenômeno foi prodigiosamente rápido e se eu não estivesse observando as telas quando aconteceu, é quase certo que não teria notado, salvo por sua nova disposição.

- Jamais vi algo parecido! - murmurou Shangrin.

Ele parecia com um urso se movendo quando tirou seu corpanzil da poltrona: inclinava-se para a frente, fazia um esforço e punha-se de pé, ligeiramente encurvado, com seus cento e trinta quilos de peso, seus quase dois metros de altura e seus sessenta e sete anos de idade, uns quarenta deles passados no espaço. Era um homem de uma voz trovejante, bom técnico e, sobretudo, excelente mercador.

Aproximou-se das telas que apresentavam sua impressão usual de perfeita transparência e profundidade.

- Não consigo identificar nenhuma dessas constelações, nenhuma delas - começou a dizer. - Teria sido preciso que tivéssemos dado um salto incrível para que a paisagem mudasse a tal ponto. Questão de posição relativa dos astros?

- É possível que os controles consigam localizar algumas e acabem nos situando - sugeriu Gregori.

O capitão Varun Shangrin fechou os olhos em atitude meditabunda e fez estalar duas ou três vezes no ar os seus dedos enormes; mas a inspiração não acudiu em sua ajuda.

- Os astronautas e os passageiros já notaram algo, capitão - avisou Gregori. - Já começaram a ficar inquietos.

Vários avisos vermelhos cintilavam com premência. Quase todos os postos da nave solicitavam entrar em comunicação direta com o capitão, e logo os agudos toques da linhas de prioridade dominaram o ambiente. Shangrin não se movia.

- O que pensa exatamente, capitão? - perguntou-lhe o segundo.

As pesadas pálpebras de Shangrin ergueram-se pouco a pouco.

- Bem... o que eu vou lhes dizer, garoto... Afinal, pelo que me consta, estamos fora de rota. Estou pensando em uma maneira de apresentar-lhes esta circunstância sob um aspecto favorável.

- Creio que vai ser difícil.

- Eventualmente será impossível, claro. Mas tentarei distraí-los por uns dez minutos. Veja.

Shangrin deixou cair os dedos sobre um teclado, fazendo com que todas as luzes vermelhas se apagassem de uma vez. Somente um aviso verde permaneceu aceso: era o dos serviços de navegação e rumo.

- Cortem todas as comunicações entre a câmara de navegação e o resto da nave - ordenou o capitão. - Fica proibida qualquer conversa privada até nova ordem. Que todos os homens permaneçam em seus postos e que ninguém responda às perguntas que sejam formuladas do exterior. Entendido?

- Às ordens, senhor - respondeu uma voz anônima.

Shangrin a fez calar-se acionando outro comando e depois conectou o circuito geral. Em seguida, todos os corredores, salas, restaurantes, câmaras e dormitórios do "Vasco" recolheram os ecos da sua voz:

- Atenção! Fala o capitão Varun Shangrin. - pigarreou para limpar a garganta, deu uma piscada para o seu segundo em comando e prosseguiu:

- Vou anunciar-lhes uma grande notícia. Em prosseguimento de uma experiência preparada pelo meu ajudante Gregori e por mim mesmo, conseguimos por a ponto um sistema de translação instantânea e o estamos experimentando em nossa própria nave. Daí a repentina modificação dos nossos horizontes estelares. Aproveitaremos esta economia de tempo para visitar novas zonas do espaço, sem que por isto nosso regresso demore, em absoluto, muito pelo contrário. Isto é tudo.

E cortou o contato.

- Não poderia ter-lhe ocorrido outro truque melhor? - censurou Gregori. - Creio que antes de uma hora já estarão em cima de nós novamente.

- Dentro de uma hora pode acontecer muitas coisas - replicou Shangrin. - É muito provável que achemos alguma razão definitiva que nos permita deixar de nos preocupar, como por exemplo, saber o que aconteceu realmente. Ou então... - voltou a piscar o olho - posso descobrir o segredo dessa famosa translação instantânea, a não ser que você mesmo o consiga antes.

- Nem você nem eu podemos alardear tanta técnica, capitão. Duvido inclusive que esse conceito de translação instantânea chegue a ter algum sentido lógico.

- Não sei! Admito que não somos tão sábios para encontrar a explicação de um fato assim, mas teremos que inventar pelo menos alguma história que o justifique. Aí é onde entra nossa técnica.

Shangrin terminou seu comentário com uma grande gargalhada.

- Claro, o mais importante será evitar que ninguém perca a calma - concordou Gregori.

- Isto não vai ser possível - opinou o capitão. - Quem poderia evitá-lo? Juraria que nesta nave as tripas de mais de um já começam a dar reviravoltas. Mas vejamos os controladores de rota; pode ser que tenham alguma coisa para nos dizer.

- Vamos - assentiu Gregori sem muita convicção.

Sabia que seu chefe não costuma fanfarronear nem diante do mais solene. Em diversos transe havia se salvado e saído de apuros com simples jogos de palavras, dominando situações onde outros teriam fracassado mesmo com as melhores armas. Mas o fato de que pretendia mentir descaradamente para seu próprio pessoal, para os sagazes magalânicos, lhe parecia excessivo.

Tão excessivo, pelo menos, como o incrível salto espacial que a "Vasco" parecia ter dado.

Henrik, o homenzinho calvo encarregado do controle de rota, fervia de cólera.

- Isto é ilegal! - protestou, assim que viu o capitão. - Você não tem direito de proibir as comunicações entre este controle e o resto da nave, nem tampouco pode impedir que a tripulação seja informada. Você merecia que...!

- Silêncio, senhor Henrik! - cortou Shangrin com voz trovejante. - Tenho comanda-
do desde a época em que o capitão era estritamente quem dizia a última palavra. Sei que os tempos mudaram, mas não aconteceu o mesmo comigo. Por outro lado, qual-
quer situação de emergência me autoriza a assumir plenos poderes. De forma que deixemos de histórias e vamos ao ponto, pois os minutos urgem.

Henrik teve que engolir sua raiva e acompanhá-lo à câmara de navegação. Esta consistia em uma esfera que reproduzia o infinito espacial que rodeava a nave, onde as estrelas brilhavam sobre um fundo negro. Nenhuma parede era visível, destacan-
do-se assim as tênues manchas das nebulosas e dos remotos conglomerados estela-
res entre os quais brilhava de vez em quando o fulgor de uma nova, como um farol destinado a guiar os navegantes através da labiríntica teia de aranha do universo.

No meio daquela esfera parecia flutuar uma ampla cabine, onde ficavam os contro-
ladores de rota. Uma passarela leve e transparente dava acesso a esta, e Henrik os conduziu para lá.

Na realidade, todo o espaço visível era uma criação artificial. No segundo continu-
um, onde a "Vasco" se movia a uma velocidade muito superior à da luz, as estrelas não eram visíveis de modo direto. Além disso, o espaço experimentava certas defor-
mações que alteravam as distâncias. Por isto, mediante complicados dispositivos, se construía sobre as paredes da esfera a imagem que teria podido contemplar algum
hipotético viajante que estivesse cruzando a trajetória e a velocidade da "Vasco".

Aquela câmara de navegação era um instrumento tão esplêndido quanto caro e sua utilidade era bastante discutível durante as longas expedições, pois as manobras eram na realidade realizadas por dispositivos automáticos cibernéticos.

Mas os magalânicos sentiam-se muito orgulhosos dela. Preferiam o controle huma-
no ao automático, pois permitia uma exatidão na roda que era invejada por muitos pilotos da Prima Galaxia, embora eles estivessem equipados com dispositivos auto-
máticos mais avançados.

- Onde foi que nos metemos? - murmurou Gregori. - Não consigo reconhecer absolutamente disposição alguma dessas estrelas.

Henrik levantou os braços em desespero.

- Nem eu - disse ele. - Nada, quero dizer nada! E eu conheço de memória o setor, quer dizer, o que cruzávamos antes disto acontecer. Jamais conseguiremos voltar à nossa rota! Nunca!

- Se voltar a dizer isto - rugiu Shangrin, - juro que torço seu pescoço e o atiro no espaço! Nós sairemos sim, vocês verão, e com lucros.

- Muito bem, capitão - respondeu Henrik, reticente.

- Que dizem nossos integradores?

- Nada ainda, apesar de que os fiz funcionar imediatamente. Imaginei que por al-
gum motivo desconhecido havíamos dado um enorme salto no segundo espaço e

que não conseguíamos identificar as estrelas porque a perspectiva havia mudado. Os integradores comparam sistematicamente as posições das estrelas que você pode observar com as indicações dos nossos atlas espaciais. Mas, pelo menos até agora não identificamos alguma constelação com segurança.

- Análise topológica, estou vendo. Alguma nova ou alguma nebulosa conhecida?

- Nada em relação a novas. Os integradores não registram nenhuma nebulosa, somente estrelas relativamente próximas. E a propósito, vocês notaram algo estranho?

- Sim - interveio Gregori. - Aqui as estrelas são muito mais numerosas que no espaço que deixamos.

- Exato. Estávamos atravessando a zona deserta que separa nossas duas Nuvens de Magalhães, a Maior e a Menor, onde as estrelas são relativamente escassas. Aqui, ao contrário, elas se mostram agrupadas com maior densidade, como em um conglomerado local de escassas dimensões.

- Estou vendo - confirmou Shangrin. - E a resposta dos integradores? Será definitiva dentro de...

- Talvez em um minuto, ou talvez nunca. Naturalmente, podemos pedir-lhes a qualquer momento um extrato dos seus resultados provisórios.

- Adiante! - decidiu Shangrin.

Henrik deu suas ordens e os homens que ocupavam os painéis começaram a trabalhar até que a voz do analisador se deixou ouvir, surda e monótona:

- Não existe nenhum sistema estelar de mais de doze unidades que lembre, com uma probabilidade de ponto zero cinco, alguma estrutura conhecida. Dentro de doze horas, aproximadamente, será possível determinar o aspecto geral do cúmulo estelar que nos rodeia. Não obstante, os primeiros resultados indicam que sua forma é consideravelmente diferente do que abandonamos. Ao mesmo tempo, foram descobertas três galáxias longínquas que poderiam ser a Prima Galaxia, a nebulosa de Andrômeda ou a constelação do Cisne. Convém salientar que as três aparecem notavelmente mais próximas do que deveriam estar, segundo nossos atlas espaciais, e que sua luz...

- Façam com que ele se cale! - bramiu Shangrin.

Henrik fez um sinal e o analisador interrompeu sua litania.

- Claro - opinou, olhando de soslaio para seu capitão, - não acreditei em uma só palavra da sua famosa história de translação instantânea. É mentira, não negue.

- De acordo - admitiu Shangrin. - Mas que outra coisa eu podia fazer? Tentei manter a calma e consegui até agora. O que você queria que eu lhes dissesse?

- A verdade.

- Ou seja, que nos extraviemos e que possivelmente nunca regressaremos aos nossos mundos de origem?

- Por que não?

- E acha que eles me perdoarão se eu lhes disser a verdade?

- Ignoro - concedeu Henrik. - Mas em troca sei que você é um homem acabado. O conselho o demitirá.

- O que seria um prazer para você, não é verdade? Pois as coisas não vão acontecer assim tão rápido. Diante da gravidade da situação, assumirei plenos poderes. Dissolverei o conselho se achar necessário.

Henrik se sufocou.

- Não permitiremos que faça isto! Os guardiães intervirão..

- Não tenho medos dos guardiães!

Henrik gesticulava com seus esquálidos braços, como se lhe faltasse o ar. E Gregori teve que levar o capitão quase à força.

CAPÍTULO 2

- Você tem um caráter impossível, capitão - censurou-o Gregori, enquanto se afastavam do lugar. O segundo tinha a impressão de estar pisando em um terreno de vidro.

Shangrin não contestou. Grossas gotas de suor resvalavam sobre sua testa. Era capaz de permanecer calado durante horas, quando a cólera o dominava.

Gregori refletiu. A situação era realmente grave, tanto material como psicologicamente. Se no primeiro aspecto a gravidade não era tão premente, já que, apesar de achar-se perdido em um universo desconhecido, a "Vasco" podia continuar viajando às expensas das suas próprias reservas durante dez ou vinte anos ou talvez até um século, o lado psicológico da situação podia dar lugar a uma crise perigosa: ninguém queria continuar uma viagem cujo destino era ignorado. A destituição do capitão Shangrin no curso das primeiras horas era inevitável. Claro que ele resistiria a ceder, e tinha partidários que apoiariam seus truques e fanfarronadas e o seguiriam até o fim do universo se fosse preciso. Mas ele também tinha inimigos em todos aqueles que detestavam seus modos autoritários. O conflito podia explodir entre uns e outros, já que a inevitável promiscuidade, mesmo em uma nave tão grande como a "Vasco", contribui mais para agravar as inimizades que a fomentar a solidariedade.

Se Shangrin se atrevesse a opor-se ao conselho, os guardiães teriam que intervir. Mas isto constituía uma verdadeira incógnita. Era bem sabido que, segundo as leis de Magalhães Menor, existia em todas as naves o recurso aos guardiães quando um caso de emergência exigisse a salvaguarda da ordem interna. Mas ninguém parecia estar nem um pouco inteirado da natureza real desses guardiães. Tratar-se-ia de agentes discretamente incluídos entre a tripulação, ou de cibernéticos capazes de atuar improvisadamente como força de polícia? Alguns céticos sugeriam que aquilo dos guardiães era pura lenda, algo destinado a infundir respeito e temor para que as tripulações se abstivessem de motins e para que nenhum capitão deixasse de se submeter ao conselho, conseguindo-se assim que as leis fossem sempre obedecidas.

Gregori dizia a si mesmo que o capitão acabava de precipitar deliberadamente a crise: sua história disparatada de translação instantânea ia desencadear uma onda de indignação capaz de levar à sua destituição por sentença do conselho. Era impossível que Shangrin não houvesse previsto a eventualidade. Gregori sabia que ele era obstinado, colérico, impulsivo e autoritário, mas ninguém punha em dúvida sua reputação de homem inteligente. Por que ele se havia comprometido daquela forma? Para ganhar alguns minutos de tranquilidade? Era absurdo; ninguém recorre a uma bomba atômica para esmagar uma mosca.

Gregori observou as telas. Uma paisagem de estrelas como tantas outras, como tantos milhões. Por que eram desconhecidas? Que distância haveria entre elas e as que compunham Magalhães Menor, com suas prósperas cidades, suas naves, suas fábricas, seus museus e suas mulheres ciumentas daquele espaço irresistível que lhes arrebatava maridos e amantes? Que tipo de abismos? A extensão de todo um

universo? Talvez o infinito?

As máquinas continuavam imperturbáveis, cumprindo sua finalidade; invisíveis, ativas pelas irregularidades de um cristal, seus circuitos continuavam observando, traduzindo, anotando, arquivando e entregando dados em um torvelinho de relâmpagos contínuos. Mas se a elas muito pouco importava o significado de datas e lugares, não acontecia o mesmo com os homens; depois de doze anos de viagem, acreditavam em que avistariam muito em breve os hospitaleiros portos de Magalhães Menor e em desfrutar a parte que lhe correspondesse do fabuloso espólio conseguido; e ao invés disto, iam aceitar um novo compromisso com o espaço?

Por que Shangrin havia se precipitado falando de translação instantânea? Por acaso ele acreditava que era a única explicação para o que havia acontecido à "Vasco"? Não, não parecia lógico. Podia ter dito que a nave havia caído em um nó do espaço e insistir para acalmar os ânimos, na confiança de devolver-los à órbita normal. Isto teria sido razoavelmente mais simples e verossímil sobre o incidente.

Gregori dirigiu seu olhar para o capitão. Shangrin tinha os olhos fechados e parecia dormir. Mas não havia dúvida que ele estava pensando, fazendo isto rápida, dura e intensamente. Quando parecia relaxado, desprevenido e à mercê de qualquer um, era na verdade mais agressivo e perigoso para seus adversários.

Era impossível que o capitão tivesse agido tão superficialmente. Devia contar com algum meio para transformar aquela aparente fantasia da propulsão instantânea e estaria tentando ganhar tempo. Alguem restabeleceria com suficiente rapidez a situação da "Vasco" para que a reputação de Varun Shangrin não fosse prejudicada. Gregori suspeitava que a manobra do capitão encobria alguma coisa.

Mas de que se tratava? Quem, na "Vasco", podia desentranhar um enigma como aquele? Um dos físicos? Algum matemático? Por acaso um dos psicossomatas, homens habituados a manipular as mais incríveis faculdades do sistema nervoso humano? Era improvável, pois em tal caso Shangrin não haveria vacilado em dizê-lo. E por que teria mantido em segredo tais pesquisas?

Só havia uma pessoa na "Vasco" que era capaz de explicar algo tão surpreendente, e a quem o capitão tivesse empenho em encobrir a todo custo. Gregori sentiu que um calafrio lhe percorria a espinha, eriçando-lhe a pele da nuca. Uma pessoa? Não, não chegava a tanto; quando muito, um ser.

O Runi

Desesperadamente, Gregori tentou evitar o tremor das suas mãos. O Runi! Aquilo explicava tudo, ou quase tudo. As peças do quebra-cabeças iam se encaixando com uma estremecedora facilidade. Quem, senão ele, podia ter interesse em que a nave se desviasse no espaço, tomando talvez a direção oposta à de Magalhães Menor? Quem, senão aquele ser repulsivo e enigmático, podia ser capaz de conseguir isto? E a presença do Runi à bordo da "Vasco" era o segredo que o capitão Varun Shangrin tinha o maior empenho em ocultar.

Não tinha ocorrido a Gregori pensar antes no Runi, porque não conseguia convencer a si mesmo de que um ser tão monstruoso pudesse ter conhecimentos científicos. Recordava daquela noite escura em que, violando flagrantemente todas as leis estabelecidas, o capitão e ele introduziram o Runi sub-repticiamente a bordo da "Vasco". Foi uma estranha experiência, penetrar como ladrões na nave em que eles próprios comandavam, enganando os sentinelas e desconectando os circuitos de alarme. Os motivos pelos quais Shangrin tinha se obstinado a levar a cabo aquele ato, foram incompreensíveis para Gregori. Mas o capitão parecia querer mais seu

monstro que a parte que lhe correspondia nos despojos. Talvez porque o Runi demonstrasse tanta paixão quanto ele pelo jogo de xadrez, ou então porque ele parecia possuir uma ciência enigmática que Shangrin talvez confiasse em pô-la ao seu serviço. Mas, tratando-se daquele ser assustador, como saber se não seria ele que na realidade acabaria servindo-se do capitão?

Gregori fez uma careta. Tinha ficado com más recordações do planeta dos Runi. Os xenólogos haviam decretado que os Runi eram definitivamente idiotas, e toda a tripulação, exceto Shangrin, aceitou aquele julgamento. Ele foi obstinado em ensinar um daqueles seres a jogar xadrez. O tabuleiro e suas sessenta e quatro casas serviram de intermediário entre o universo mental dos Runi e o dos seres humanos. Por último, os xenólogos revisaram seu diagnóstico e puseram à sua disposição instrumentos tradutores. Assim, conseguiram patentear incoerentes esboços de inteligência por parte dos Runi.

A maioria daqueles esboços não tinham equivalente na ciência humana. Somente alguns pareciam corresponder a uma sombra de significado. Mas a incógnita de como os Runi haviam conseguido penetrar em certos segredos do universo ficava sem resposta. Careciam de civilização visível, de linguagem, de tecnologia e de instrumentos. Limitavam-se a percorrer as amareladas planícies do seu planeta alinhando alguns seixos ou galhos segundo um esquema absurdo à primeira vista e depois prosseguiram seu caminho. Depois, outro Runi passava por ali, retocava alguma coisa e partia. Nada mais.

Parecia tratar-se de uma série de jogos indefinidamente repetidos, e aquilo inspirou em Shangrin a ideia de ensiná-los a jogar xadrez.

Gregori avançou até o capitão e tocou no seu ombro.

- O Runi - disse.

Shangrin soltou um grunhido e abriu os olhos

- Você suspeita que devemos ao Runi este passeio suplementar, não é verdade? - continuou Gregori.

- De fato - confessou o capitão.

- Mas eles não têm nenhum aparelho, nem fonte de energia, nem...

- Eles podem fazer coisas das quais nós não temos a menor ideia - replicou Shangrin, visivelmente abatido.

- E acha que poderá obrigá-lo a nos fazer voltar ao nosso espaço?

- Se eu conseguir vencê-lo no xadrez, creio que sim.

Havia desespero na voz do capitão. Gregori sabia que a cada nova partida o Runi se vangloriava de progressos assombrosos. A princípio, Shangrin o derrotava com facilidade, valendo-se do seu cérebro. Mas, apesar da sua experiência de sessenta anos como enxadrista, não se havia atrevido a jogar as últimas partidas sem a ajuda da calculadora. O Runi possuía uma memória prodigiosa e sua lógica não conhecia falhas. Dentro de pouco tempo jogaria melhor que qualquer ser humano. Não era muito rápido, visto que o tempo era um conceito depreciado em seu planeta, mas este fator tampouco importava grande coisa aos jogadores de xadrez, pois algumas partidas duram meses e até anos.

- Por que não vamos vê-lo? - propôs Gregori.

- Eu estava me preparando para fazer isto - respondeu Shangrin. - Meditava sobre o ataque de Eichenhorn.

Embora Gregori soubesse mover as peças sobre o tabuleiro, não compartilhava aquela paixão com o seu capitão; preferia os jogos mais rápidos e intensos, onde a personalidade do adversário se manifesta mais diretamente.

Shangrin levantou-se lentamente; o urso estava fatigado.

- Você acha que eu sou culpado por tudo, não é verdade? Que me empenhei em considerar o Runi como uma mina de ouro, não é?

Gregori ficou em silêncio.

- Pois você tem razão, mas não totalmente. Levei muito tempo viajando pelo espaço, e isto me convenceu de duas ou três coisas. A principal é que a expansão do homem no universo é um milagre, um incrível e frágil milagre. Há trinta ou quarenta mil anos, não sei com exatidão, o homem se resumia a um único planeta da Prima Galáxia, a que chamavam Via Láctea. Então foi ocupando mundos em três ou quatro galáxias. Nós somos simplesmente uma dessas ramificações extremas, muito separadas do tronco original.

E o homem, esse conquistador das estrelas, mesmo tendo superado muitas vicissitudes, ainda não topou com alguma coisa capaz de comprometer seu poderio. Um milagre, insisto nisto, Gregori; uma sorte incrível, que cedo ou tarde tem que acabar; ninguém pode ganhar sempre. Alguma vez acontecerá alguma coisa. Algum cataclismo, ou o encontro com outra espécie mais poderosa e igualmente dominadora. Será um incidente trivial na aparência, mas será fatal para o homem.

Como é natural, se o homem conseguir se aliar em seu jogo com outra raça, isto poderia representar uma vantagem considerável. Os Runi poderiam ser uma dessas oportunidades. Unindo o que eles sabem e podem, com o que nós sabemos e podemos, a aposta seria muito maior e nossos meios quase poderiam alcançar a medida das nossas ambições. Claro que existe um risco. Algum dia, os Runi podem voltar-se contra nós, ou abandonar-nos em um momento crucial. Eu aceitei este risco, embora talvez tenha cometido um erro.

- Você nunca tinha me falado nesses termos - disse Gregori.

- Para que? São palavras tão solenes que até parecem petulantes. Eu prefiro a realidade, o que é claro e concreto. Quase todos me consideram uma espécie de raposa velha do espaço, e têm razão; gosto do dinheiro e do poder, sou despótico e cultivo ideias próprias de outra geração. Mas nada disto me impede de prescindir das coisas.

Shangrin apoiou uma de suas manoplas sobre o ombro de Gregori, a quem excedia em altura por uma cabeça.

- Você pertence a outra espécie. Não conhece o temor aos deuses, nem o acaso nem o espaço. Pode ser que isto venha com os anos. Prefiro não me lembrar como eu pensava na sua idade. Mas se algum dia essa angústia o invadir, você também cometerá voluntariamente certos erros.

Shangrin retirou sua mão e acariciou a barba, pensativamente.

- Vamos ver o que Runi opina sobre tudo isto - decidiu.

Gregori se perguntou até que ponto ele havia sido sincero. Como sabê-lo? Mas se aquele velho capitão simplesmente havia tentado comovê-lo, quase podia jactar-se de ter conseguido.

CAPITULO 3

Dentro da sua cabine, espremido por toda uma série de dispositivos destinados a permitir a sobrevivência e a comunicação com os humanos, o Runi tinha o aspecto de um caranguejo peludo. Uma espécie de carapaça de cor laranja protegia parte do seu sistema nervoso, coroando um cilindro forrado de pele e composto por sete anéis de um diâmetro aproximado ao do corpo humano. O Runi podia esticar-se até alcançar um comprimento superior aos quatro metros, ou comprimir-se até encaixar seus anéis em menos de um metro. Na interseção entre o corpo e a carapaça, ali onde se iniciava o cilindro, apareciam crispados uma dúzia de pequenos membros articulados; pareciam instrumentos cirúrgicos e, para o Runi, eram órgãos sensitivos assim como dedos ou instrumentos.

Na ocasião ele estava acorado sobre o solo, como um caranguejo debruçado sobre uma monstruosa bola de lã. Tinha ao seu lado um tabuleiro de xadrez e seu corpo parecia aprisionado pelos dispositivos de comunicação.

Quando os homens entraram, o Runi iniciou uma prolongada vibração que os aparelhos tentaram interpretar em linguagem humana.

- Senhorsesenhorsesenhorsesenhorse... quando me devolverá ao meu planeta Senhorsesenhorsesenhorsesenhorse...

- Já basta, Runi! - cortou Shangrin secamente.

O capitão afundou as mãos nos bolsos e contemplou seu hóspede. Os esqueléticos membros do Runi tremiam convulsivamente. Era um espetáculo não pouco repugnante.

- Jábastajábastajábasta... - repetiu aquele estranho ser. E ergueu-se ligeiramente. Uma onda percorreu sua carapaça alaranjada

"Ele é completamente estúpido" - pensou Gregori. - "Os xenólogos tinham razão. Realmente não compreendo porque capitão teima em encontrar inteligência nesses animais."

- Escute bem, Runi - disse Shangrin. - Você admite que eu o venci de um modo leal?

- Certocertocerto - respondeu o Runi.

- Muito bem! E você tinha aceito as condições do trato, não foi? Se você ganhasse, eu ficaria dez anos em seu planeta para melhorar sua técnica no xadrez; mas se eu vencesse, você tinha que me acompanhar e passar dez anos no meu mundo. E este trato não deixa de ser vantajoso para você, porque eu não espero viver muito mais que cento e cinquenta anos.

- Certocertocerto.

- Isto é exasperante! - queixou-se Shangrin - O sistema tradutor voltou a se quebrar.!

Inclinou-se sobre os dispositivos e começou a revisar todos os comandos, procedendo a um ajuste minucioso

- Vejamos agora! Creio que o Runi vai deixar de gaguejar.

"De modo que era culpa da máquina." se disse Gregori. "Eu devia ter pensado nisto. Quando um abismo tão considerável separa duas espécies e estas têm que recorrer a um artifício mecânico para se aproximarem, certas incompreensões recíprocas haverão de ser atribuídas unicamente a falhas técnicas. O erro dos xenólogos talvez tenha sido o de confiar demais em seus aparelhos. Mas então, como conhecer de um modo seguro o pensamento alheio? Sempre pode dar-se o caso em que a máquina introduza algo seu na mensagem. Em alguma ocasião será um simples matiz, mas em outras pode tratar-se da mensagem toda, se for criada pela máquina sob uma falsa instrução. Quando a semântica deixa de ser um simples jogo de palavras, passando a incluir comportamentos, ínfimos movimentos de membros articulados e tênues vibrações de pelos sutis, como estar sempre seguro do que o outro tenta transmitir? Os instrumentos já não são suficientes. É necessária também a intuição, a veia e sólida intuição de um homem como o capitão."

- Você não cumpriu honradamente o contrato, Runi - acusou Shangrin. - Tentou fazer trapaça e desencadeou um mecanismo que eu desconheço para obrigar-nos a devolvê-lo ao seu planeta. Você não tinha nenhum direito a fazer isto, Runi, e deve voltar a situar-nos ali onde nos encontrávamos.

Gregori se perguntou até que ponto se poderia confiar na honra de um ser não humano. Por acaso existiriam para ele a honestidade, a palavra dada, o jogo limpo? Podiam atribuir tais virtudes à insólita figura de um caranguejo peludo?

O corpo do Runi se desenroscou quase totalmente, fazendo com que a carapaça alaranjada oscilasse sobre o cilindro e os membros articulados se agitaram freneticamente.

- Não é verdade, não é, não é - articulou o dispositivo tradutor. - Nós nos extraviamos, extraviamos, extraviamos...

Houve um silêncio, após o qual o mecanismo pronunciou de um modo mais claro e audível:

- Não é verdade. Nós perdemos, mas eu não sou responsável por isto. Nós os Runi não podemos conseguir essas coisas.

Uma veia azul começou a latejar nervosamente sob a têmpora esquerda de Shangrin.

- Diga-me onde estamos, Runi! - gritou ele imperiosamente.

A cabeça do Runi ergueu-se até quase alcançar o nível da cabeça do capitão. Milhares de finos fios como cabelos a conectavam à máquina tradutora e a rodeavam com uma espécie de halo metálico.

"É impossível" - pensou Gregori. - "Ele não tem meio algum para dar nossa situação no espaço. Não dispõe de instrumento algum, nem sequer de um radio telescópio, nem tampouco de uma tela que o permita observar as estrelas."

Mas a resposta chegou rápida.

- Continuamos no mesmo ponto - informou o Runi, - considerando o movimento próprio da nave. Não mudamos no espaço, nem muito menos nossas coordenadas espaciais variaram.

- Isto é impossível, Runi! - exclamou Shangrin. - Não podemos identificar as estrelas que nos rodeiam, nem determinar alguma constelação conhecida. Até as galáxias mudaram. Está mentindo, Runi!

- Não, não não não, eu não minto. Não sei o que aconteceu. Produziu-se uma mudança em todo o entorno. A massa devorou o tempo. A inércia é perpendicular à fase do rádio. O C aumentou. Repito: o C aumentou.

- A máquina enlouqueceu - opinou Gregori. - Ou talvez o próprio Runi.

- Não creio - replicou Shangrin. - O Runi está tentando nos dizer algo, mas a má-

quina não possui equivalente algum apto para expressar isto. O Runi disse em um segundo muito mais coisas do que nós poderíamos articular em um mês, mas a máquina traduz somente o que tem algum sentido para ela. Creio que, comparados com ele, todos nós somos retardados mentais: as perguntas que lhe formulamos são deploravelmente elementares.

"Mas joga xadrez muito devagar" - pensou Gregori. E a resposta acudiu à sua mente de imediato: Seria porque aquele ser explorava sistematicamente todas as possibilidades? Talvez pensasse ao mesmo tempo em uma infinidade de outros problemas, dos quais eles não tinham a menor ideia?

- Não se trata de nenhuma transferência no espaço - prosseguiu o Runi, - e sim de um traslado através do tempo. Segundo entendo, os sistemas de coordenadas foram deslocadas em suas consciências. Sua nave efetuou um grande salto através do tempo. Para o passado, um passado muito remoto. Um salto equivalente a duzentos milhões dos seus anos.

- A máquina voltou a se quebrar - queixou-se Gregori.

Shangrin fulminou-o com o olhar.

- Cale-se de uma vez! Não vê que ele está nos dizendo a verdade?

Gregori estremeceu violentamente.

- É impossível! - protestou.

- Posso demonstrá-lo - insistiu o Runi, implacavelmente. - A quantidade de inércia de uma massa depende da idade do universo e decresce em função do tempo. Agora aumentou subitamente. Por que não olham se seus instrumentos detectaram o defeito?

Havia um tom desdenhoso nas últimas palavras do Runi? Ou seria um defeito do aparelho tradutor? impossível sabê-lo.

- Considerado como um sistema fechado - continuou dizendo o Runi, - o universo vai perdendo massa à medida que envelhece. Este fenômeno pode ser atribuído à expansão ou, inversamente, a expansão pode ser tida por uma expressão aproximada do mesmo processo. O tempo consome a massa. Parece que esta relação é reversível e que a massa consome o tempo. Não disponho de meios para averiguar se o incidente obedece a uma causa artificial. Em algum lugar deve existir uma certa entidade capaz de controlar o tempo; e tem que ter sido ela quem projetou a nave para o passado. Se minha suposição está correta, essa entidade não pode ser vencida no xadrez por nenhuma outra; de fato, o jogo não pode ter para ela significado algum.

A última reflexão do Runi podia parecer fora de lugar, mas Gregori sabia que não era assim. Antes da chegada da "Vasco" ao seu planeta, os Runi nunca haviam imaginado que pudesse existir outra espécie inteligente no universo. Depois, o jogo de xadrez que havia sido um eficaz mediador entre duas inteligências diferentes, um instrumento de superlativa importância.

Tudo apontava para a confirmação de um fato: o Runi os conhecia, infinitamente melhor do que eles o conheciam. E, pela primeira vez, passavam a depender daquele ser, o que poderia sugerir-lhe algum estratagema.

- Duzentos milhões de anos...! - sussurrou Shangrin fechando os olhos.

Então voltou-se para o Runi.

- Existe algum modo de regressar ao nosso tempo?

- Não vejo nenhum - respondeu o Runi. - Não estou equipado para compreender os problemas do tempo. Somente pude comprovar que havíamos passado, sem transição, de um determinado estado do universo a outro estado distinto. Se nossa translação foi causada por algum ser vivo, é provável que somente ele possa devolver-nos ao nosso tempo.

- E como poderíamos estabelecer contato com essa... entidade?

- Não sei - respondeu o Runi. - Mas quero que compreendam uma coisa: nossos mundos são simultâneos no tempo, embora estejam relativamente distantes no espaço. Na época em que acabamos de ser arrojados, nem sua raça nem a minha ainda existiam. De modo que me encontro tão perdido como vocês e meu desejo de voltar ao meu tempo, ao meu planeta, e para junto dos meus, não é menor que o de vocês. As circunstâncias me obrigam a ser seu aliado.

Shangrin manifestou uma grande emoção.

- Estamos de acordo, Runi - declarou com grave entonação. - E juntos teremos que sair desta confusão. Que se propõe a fazer? Necessita de algo em especial?

O Runi recobrou sua primitiva postura, deixando que umas lentas ondulações percorressem seus anéis alaranjados.

- De nada - respondeu através do circuito tradutor. - Vou continuar estudando os movimentos do cavalo.

A partida parecia perdida para Shangrin, mas Gregori o viu sorrir.

- O assunto vai ser duro - murmurou o capitão.

E Gregori se perguntou se ele estaria se referindo ao seu enfrentamento com os enigmas do tempo, com a entidade desconhecida, ou com a tripulação da "Vasco".

CAPÍTULO 4

O robô-beleguim percorria os corredores concêntricos da “Vasco”. Estava pintado de negro, segundo a tradição, e uma pequena balança de ouro pendia sobre seu peito, presa a uma cadeia do mesmo metal. Quando levava aquele símbolo, podia dar ordens a um humano e devia ser obedecido por ele. Com menos frequência levava suspensa uma pequena espada de ouro. Então seu poderes poderiam obrigar um ser humano pela força.

Naquele momento ele seguia um itinerário bem definido. Ia ao encontro de alguém que não o esperava, e para isto penetrou no recinto de um parque artificial que durante a noite passada havia sido modificado pelos robôs-jardineiros. Estes haviam substituído o antigo tanque por um riachinho; instalaram colinas, plantaram árvores e trocaram o anterior matiz do “céu” dando-lhe um tom cinza que sugeria nostalgia. A erva parecia verde, alta e densa, enquanto que o colorido das flores salpicava os taludes. Os robôs-jardineiros variavam tão frequentemente como podiam o aspecto dos parques artificiais, com o objetivo de evitar que os humanos chegassem a se cansar de ver sempre a mesma paisagem. Realizavam as mudanças a intervalos irregulares e imprevisíveis, conseguindo deste modo que nenhum ser humano soubesse antecipadamente que tipo de paisagem ia encontrar e que a surpresa pudesse fazê-lo relativamente feliz.

Mas o robô-beleguim estava farto de saber daquilo e a coisa o deixava totalmente indiferente. Estava até inteirado de que a decoração atual tentava representar uma paisagem da Prima Galáxia, lugar e nome que para o robô não evocava senão um conjunto remotíssimo de estrelas e, sobretudo, a fonte e a origem de grande parte daquele direito legal cuja imposição, acatamento e respeito constituía a principal das suas missões. E embora fosse capaz de imaginar que aquela Prima Galáxia contaria sem dúvida com um bom número de mundos, não todos necessariamente iguais à paisagem ali reproduzida, em troca ignorava que as colinas, o rio, a grama e as árvores instaladas reproduziam a mítica imagem de um mundo quase esquecido, que havia sido o verdadeiro berço da espécie humana.

Até mesmo o robô notava a singularidade e o exotismo daquela decoração.

Os humanos também se mostravam subjugados a ela, pois a percorriam proferindo exclamações de assombro. Alguns já haviam deitado sobre a grama, enquanto que um grupo de meninos brincava junto à margem do riachinho, vigiados por uma professora humana. O robô-beleguim desaprovava o emprego de professores humanos. Achava que tal tarefa era pouco digna para aquela espécie. De fato, tão indigna como qualquer tipo de trabalho; e julgava que a presença daquela mulher como o pernicioso reflexo de certas ideias modernas.

Avançou decididamente para a professora sem deixar pegadas sobre a grama, pois movia-se flutuando no ar, a alguns centímetros sobre o solo.

Uma vez em frente a ela, examinou-a com severidade: loira, de uns trinta anos, vestida com calça e blusa azuis, com um rosto ovalado de pele suave e olhos de uma

cor azul muito clara. Ela esboçava em seus lábios um sorriso tranquilo e sua atitude revelava segurança em si mesma.

O robô-beleguim incrementou um pouco sua separação do solo e ficou face a face com a professora. Não lhe era permitida a pretensão de equiparar-se daquela forma com os humanos, mas ele considerava que tal atrevimento conferia maior dignidade à sua missão, dignidade que refletia automaticamente sobre os seres humanos. O robô havia se transformado um especialista em casuística.

- Norma Shundi? - perguntou.

A mulher voltou-se vivamente.

- Que deseja?

- Está convocada para fazer parte do conselho. A seção será aberta às vinte horas e figura na ordem do dia uma demanda de destituição formulada contra o capitão Varun Shangrin.

Ela pareceu sobressaltar-se.

- Destituir o capitão? Por que?

- A acusação se refere a um abuso de poder por parte do capitão.

- Ah! Este feliz incidente! Na realidade em nem sequer sei o que aconteceu. Diga-me, a acusação recai unicamente sobre a pessoa do capitão?

- Seu segundo fica automaticamente implicado.

- Gregori? Não é possível! - exclamou a jovem, com a voz interrompida por uma espécie de soluço. - Eu não penso em participar do conselho!

- Está obrigada a isto, salvo por enfermidade ou outra causa de força maior.

- Nunca tomei parte em um conselho. Ignoro de que modo teria que agir.

- A maior parte dos membros que integrarão o conselho desta tarde não terão sobre o caso uma experiência superior à sua.

- E não há forma de evitá-lo?

- Nenhuma - respondeu o robô.

- Mas isto é um sistema absurdo! - protestou ela. - Como podem escolher as pessoas ao acaso?

- Assim está disposto no regulamento.

O robô-beleguim deu meia volta e afastou-se. Era curioso observar quão diferentemente reagiam os humanos quando eram requeridos para fazer parte do conselho. Alguns sentiam-se visivelmente lisonjeados e outros manifestavam um medo terrível de não saberem se comportar adequadamente.

Somente alguns respondiam com total indiferença, mas mesmo estes compareciam à citação. Havia sanções previstas para quem não cumprisse aquele dever sem causa justificável, embora sua aplicação poucas vezes se fizesse necessária. A pequena espada de ouro com sua cadeia permaneciam quase sempre inativas no fundo de uma gaveta.

Ainda faltavam cinco humanos para o robô-beleguim avisar. As lista dos seus nomes havia sido decidida pelo serviço de estatística, encarregado de designar os componentes do conselho mediante um simples sorteio entre os adultos da "Vasco". O sistema democrático vigente em todas as naves da Magalhães Menor era o supremo aperfeiçoamento dos métodos de sondagem de opinião. Há muito tempo estava demonstrado que se podiam conhecer os desejos e preferências da população interrogando somente uma reduzida porcentagem representativa da mesma. A derivação lógica do fato consistiu em confiar o poder a dita seleção. As sessões do conselho não eram regulares a bordo da nave, pois somente eram convocadas quando se apresentava algum problema de gravidade suficiente, ou por petição do capitão ou de um determinado número de passageiros. Todo mundo podia ser designado, à ex-

ção de certos especialistas cuja imparcialidade se considerava necessária, com por exemplo, os membros das formações de combate.

A finalidade perseguida com aquele sistema era que ninguém pudesse controlar a composição do conselho. Os robôs-beleguim tinha atribuída, entre outras missões, a salvaguarda de que tais normas fosse escrupulosamente cumpridas.

Quando entrou na sala do conselho, os olhos de Norma Shundi procuraram logo Gregori. Mas a tribuna ainda estava vazia. Os encargos da acusação estavam resumidos em uma tela luminosa: abuso de poder e prática de uma experiência capaz de por em perigo a nave e seus passageiros.

Segundo a lei, a solicitação de destituição se mantinha anônima.

"Quem terá se atrevido a formulá-la?" - perguntou-se a jovem.

Instalou-se em uma poltrona e deixou que seu olhar percorresse o negro teto do local, onde se destacava o rastro leitoso da nebulosa de Magalhães. "Em que lugar do espaço estaremos agora?", considerou. Circulavam pela nave alguns rumores sobre um incidente que os teria desviado da rota. Mas Norma não se sentia muito afetada pelo fato; era relativamente feliz a bordo daquela nave, desfrutava da vida cuidando dos meninos e, sobretudo, amava Gregori.

A professora notou que Henrik, o chefe de navegação, fazia uma entrada um tanto espetacular para dirigir-se ao seu posto. Chegaram finalmente os robôs-beleguim e a sala não demorou em ficar cheia. Um dos colegas de Norma, um rapaz taciturno e silencioso, foi sentar-se ao seu lado.

Um robô-beleguim pronunciou algumas palavras rituais e declarou aberta a sessão. Então Varun Shangrin apareceu na tribuna, seguido de perto por Gregori. Fez-se silêncio na sala durante mais de um minuto enquanto Norma devorava com os olhos as figuras dos dois homens. Shangrin dominava o conselho com sua estatura gigantesca; ao seu lado, Gregori parecia quase frágil.

Começaram a se ouvir cochichos, os quais Shangrin escutou impassível. Montanhas de documentos se empilhavam sobre a mesa de Henrik. Este os examinava com nervosismo e olhava de vez em quando, furtivamente, em direção ao capitão. Shangrin acariciou sua barba ruiva.

- Peço a palavra! - berrou.

Os murmúrios cessaram no mesmo instante.

- E eu mesmo concedo - acrescentou, baixando um pouco o tom. - Pelo visto, alguém quis se aproveitar da situação para reclamar minha destituição. Infelizmente tal coisa é impossível.

Deu uma olhada ao redor, sobre o público, e acrescentou:

- E digo impossível porque acabo de me demitir.

Um membro do conselho se levantou.

- Isto é inadmissível nas presentes circunstâncias - replicou. - Exigimos algumas explicações prévias.

- Sim, sim! - disseram em coro várias vozes. - Queremos saber o que aconteceu!

Gregori sorria. Norma dizia a si mesma que a situação não seria tão comprometedora e que eles deviam contar com alguma base capaz de dar uma guinada radical à questão.

- Qual sua opinião sobre o ocorrido? - perguntou Shangrin, dirigindo-se ao seu interlocutor.

Um beleguim interveio imediatamente.

- Roga-se ao interpelante que se identifique - exigiu.

- Peer Nardi, xenólogo - esclareceu o homem.

Ele era alto e magro, com o cabelo de um cinza metálico que lhe dava um aspecto

distinto, e falava com voz contundente, bem taxativa.

- Não deixei de ouvir alguns rumores que circulam hoje pela nave - acrescentou, - e dos quais se deduz que, por algum motivo inexplicável, demos um salto inconcebível no espaço e agora nos achamos em uma zona desconhecida. Também ouvi você, capitão, jactar-se da descoberta de um sistema de propulsão instantânea e pretender que o havia experimentado em nossa própria nave. Não vou ocultar-lhe que não acredito em semelhante invenção. E não gosto nada desse imbróglio de supostas descobertas, de mentiras e de mistério. O que está nos ocultando?

Levantou-se outro homem, ao qual Norma conhecia porque ele vivia no mesmo setor da nave e por certa devoção que o indivíduo parecia professar-lhe.

- Jal Derin, metrólogo - apresentou-se. - Trabalho nos instrumentos de precisão, onde descobri aberrações evidentes. Tentei estabelecer contato com o departamento de física da navegação para verificar se havia registrado ali alguma coisa semelhante, mas a comunicação me foi negada. Isto é inadmissível.

O homem parecia sinceramente indignado.

Henrik, vendo-se diretamente interpelado, levantou-se do seu assento.

- Eu tinha minhas ordens - desculpou-se.

- Ordens de quem?

- Do capitão.

- Você tem alguma ideia do lugar onde nos encontramos?

Henrik vacilou.

- Creio que sim, mas é algo tão fantástico, que...

- Ordeno-lhe que se cale, Henrik! - cortou estentóricamente Shangrin. E gesticulou com tanta violência, que parecia disposto a estrangular o chefe de navegação se continuasse falando.

- Inadmissível, inadmissível! - protestou uma multidão de vozes.

O capitão pareceu ignorá-las.

- Alguma outra pergunta? - inquiriu.

- Sim! - interveio uma mulher. - Sou Dora Norte, bióloga. Alguns rumores afirmam que teremos que continuar viajando outros dez anos, ou talvez mais, antes de alcançarmos Magalhães Menor. - Está correta esta suposição?

- Ignoro completamente, senhora - respondeu Shangrin, cuja voz adquiriu de imediato a doçura do mel. - Mas devo dizer-lhe que de minha parte nada me daria mais prazer que poder desfrutar mais dez anos da sua grata companhia.

Brotaram alguns sorrisos, rapidamente sufocados.

"Ele está recorrendo às suas bufonarias" - pensou Norma. "Esta é a última carta que lhe resta? Ganhar tempo divertindo a galeria?"

- Protesto! Que se permita que Henrik fale! - impugnou Jal Derin.

- Objeção recusada - sentenciou placidamente o robô-beleguim.

- Henrik poderá falar tanto quanto quiser - trovejou Shangrin, - mas fará isto em seu devido momento. E agora, vou expor-lhes o que aconteceu.

O silêncio foi restabelecido, quanto os dois homens e a mulher voltavam a se sentar.

- O fato ocorreu às sete horas e trinta e oito minutos - começou o capitão. - Inesperadamente, o aspecto de todo o céu experimentou uma transformação radical. Todos os que estavam em frente a uma tela puderam comprovar...

O texto da acusação, iluminado até então no visor situado às costas de Shangrin, foi substituído pela imagem do espaço que naquele momento podia observar-se da proa da "Vasco".

- Estávamos perdidos... Eu não conhecia nenhuma das constelações visíveis e pre-

cisava dar tempo aos navegantes para que tentassem determinar nossa posição. quis evitar que o pânico se instalasse e por isto proibi as comunicações entre a câmara de navegação e o resto da nave, ao mesmo tempo em que afirmava dominar a situação.

O capitão aspirou uma grande quantidade de ar.

- E não era verdade - acrescentou.

Shangrin introduziu uma pausa na explicação mas ninguém protestou. Ao que parece, havia decidido jogar as cartas com sinceridade.

- Pensei que conseguiríamos descobrir rapidamente a origem do fenômeno e que poderíamos dar uma solução. Mas foi impossível.

Várias vozes impacientes o interromperam.

- Demissão! Demissão!

- Eu já disse que apresentei minha demissão - replicou friamente o capitão.

Os Robôs-beleguim percorreram a sala para restabelecer a ordem.

- Examinei minunciosamente as estrelas - prosseguiu Shangrin, - e me ocorreu uma ideia. Pedi a Henrik que fizesse um certo teste.

Henrik se levantou.

- É fantástico! - disse. - Recorri à ajuda dos cibernéticos, e...

Mas o capitão o interrompeu.

- Espere! Mostre-nos antes a imagem do céu que eu o mandei compor.

- Mas é que...

- Faça! Depois você fala.

Uma tela, até então apagada, iluminou-se apresentando o aspecto do firmamento. As estrelas brilhavam sobre um fundo negro. Uma simples olhada permitia comparar ambas as telas e notar que, embora as imagens oferecessem marcadas diferenças, a configuração geral das constelações eram quase idênticas. Somente na tela inferior uns brilhos intensos indicavam a presença de várias novas não visíveis na superior.

- Esta imagem - explicou Shangrin, apontando para a tela mais baixa - representa uma parte do céu que agora nos rodeia.

Fez um gesto e uma terceira tela se iluminou na parte mais alta da parede.

- E esta outra nos mostra o mesmo horizonte observado da "Vasco", mas tal como era antes do fenômeno.

A voz do capitão adquiriu uma entonação dramática quando ergueu a cabeça e apontou a barba para os membros do conselho.

- Quanto à tela central - disse, - fruto do trabalho de Henrik, responde à particularíssima circunstância de que representa a mesma região do céu enfocada mais acima. Mas atentem agora para o que digo, representa o estado da dita região... duzentos milhões de anos atrás.

Shangrin esboçou um sorriso demolidor.

- Para ser exato, um pouco mais antiga, entre duzentos e quinze e duzentos e trinta milhões de anos. Agora é sua vez, Henrik.

O chefe da navegação mexeu febrilmente em seus papéis, enquanto a luz produzia reflexos sobre sua calva. As excitação que o alterava devia-se mais à descoberta que ao medo.

- As analogias existentes entre esta imagem e a região espacial que temos diante de nós são impressionantes - disse. - Embora faltem nela numerosos detalhes, que correspondem a cataclismos cujas consequências já não eram detectáveis, as constelações coincidem em seu aspecto geral.

- O que significa - prosseguiu Shangrin - que não nos transferimos no espaço e sim no tempo. Saltamos bruscamente para o passado. Continuamos viajando para Magalhães Menor, mas esta agora se apresenta a nós tal como era muitíssimo antes

que o homem a colonizasse, tal como era há duzentos milhões de anos. Ou seja, estamos em pleno passado, em um passado muito remoto.

- Senhor! - disse uma assustada voz feminina.

- Jamais voltaremos a ver nossos mundos de origem - sentenciou com brutalidade o capitão. - Convém que metam esta ideia na cabeça antes de tomar qualquer decisão.

E acrescentou categórico:

- A seção está suspensa, e voltaremos a nos reunir dentro de vinte minutos. Lembrem os membros do conselho que em nenhum caso podem se comunicar com o resto da nave durante esta pausa.

O capitão deu as costas à sala e saiu seguido por Gregori. Elevaram-se entre o público alguns gritos esporádicos, enquanto se formavam pequenos grupos que discutiam nervosamente as revelações de Shangrin.

"É impossível, incrível", pensava Norma, enquanto se dirigia para os corredores. A nave continuava parecendo tão real, tão segura! Nada havia mudado, salvo por alguns pontos luminosos um pouco diferentes no firmamento. Duzentos milhões de anos? Ela não se sentia nem um segundo mais jovem. As estrelas podiam pretender que o universo que agora os continha fosse duzentos milhões de anos anterior àquele outro que os viu nascer, mas com certeza mentiam, dando uma falsa imagem. A jovem alcançou o umbral do reduzido gabinete do capitão. Gregori estava de costas para ela, sentado diante de uma tela que refletia o aspecto do céu e mostrava sete pontos luminosos movimentando-se lentamente entre os astros. Norma avançou em silêncio e depositou suas mãos sobre os ombros de Gregori, o qual apagou a tela ao senti-las.

- Norma - disse ele, sem voltar a cabeça.

- Ele está aí?

Gregori apontou com o queixo para a porta da ponte de comando.

- Ele esteve magnífico - continuou a jovem. - E você também.

- Eu não disse nada.

- Não importa. Você parecia tão seguro de si.

- Bah! Pura aparência.

- Não creio que cheguem a destituí-lo

- Não sei.

Gregori levantou-se e tomou Norma entre seus braços, mas tinha uma expressão ausente.

- Não devia ter vindo aqui - disse.

- Devia sim! Eu precisava lhe dizer que para mim não tem a menor importância regressar ou não a Suni, Loma ou qualquer outro dos nossos planetas. Nunca terá, enquanto você estiver aqui.

- Não vamos poder viver sempre dentro desta nave. Sentiremos falta de algum dia descer em algum lugar.

- E se não houver um ser humano em todo o universo que agora nos cobre? Não me importaria.

- Eu não quis dizer isto. Por outro lado...

- O que?

- Nada, você saberá mais tarde.

Norma não insistiu, limitando-se a se apertar mais contra Gregori. Mas ele a afastou suavemente.

- Agora não é o momento - disse.

Ela recuou, decepcionada.

- Acha realmente que o capitão vai se demitir? Não sabe quanto eu desejaria que o fizesse, para que você ficasse mais tempo livre.

- Não diga loucuras. Ignoro o que ele decidirá, nem ninguém pode prevêê-lo. Mas ele é apegado demais ao poder para soltá-lo com uma simples demissão.

- Ele está jogando com o medo das pessoas, não acha? Por um lado eu desejaria que o destituíssem, enquanto que por outro desejo seu triunfo.

- Ele sabe manejar as pessoas, bem demais até. Mas a briga é muito renhida.

- Acha que a situação é tão grave como ele disse?

- Bastante pior, Norma.

- Não consigo acreditar.

O estridente toque de campainha anunciando o recomeço da assembleia galvanizou os corredores e arrancou eco das paredes metálicas. Ouviu-se Shangrin grunhir atrás da porta fechada e perceberam suas pisadas fortes.

- Nos veremos mais tarde! - disse Norma, já no corredor.

As três telas situadas por trás da tribuna estavam apagadas. Henrik se debatia como um gnomo entre os que o assediavam com perguntas. Os componentes do conselho começaram a adquirir consciência da gravidade do momento. A tremenda verdade se difundia como o vento pela imensa nave. Percorria os núcleos habitados, os parques artificiais, os locais de diversão, as fábricas e laboratórios, e chegava à periferia da nave, aos postos dos módulos de exploração e às estações de observação. Seria insistentemente comentada, repetida, impressa e lida. Em uma ou duas horas, a nave não seria mais que uma angustiada esfera dando tombos pelas ignotas profundezas do passado.

- Todos tiveram tempo para refletir sobre nossa situação - começou Shangrin. - Alguma pergunta?

A princípio ninguém reagiu, até que um homem se levantou, um tipo quase tão forte e de idade tão avançada como o capitão.

- Arno Linz, chefe de patrulha - disse. - Você conhece as causas que provocaram o fenômeno?

Todos conheciam Linz perfeitamente. O primeiro módulo explorador que pousou sobre o planeta dos Runi era comandado por ele. Era um homem áspero e implacável, um solitário, possuidor de uma longa história de aventuras. Havia explorado um número de mundos maior que qualquer um a bordo da "Vasco", e isto havia deixado sobre seu corpo mais cicatrizes que alguém mais poderia exibir.

- Eu ignoro - confessou Shangrin. - Entretanto - acrescentou, enquanto acariciava a barba e fazia uma pausa, - refleti a fundo e minha opinião é de que não se trata de uma catástrofe natural.

- De que modo foi provocado o fenômeno?

- Sustento que uma viagem através do tempo constitui uma violação das leis físicas. Insisto em que se trata de um fenômeno artificial.

Os murmúrios aumentaram.

- Provocado por intervenção de alguém da "Vasco"?

- Não falei tal coisa. Creio que se trata de uma agressão externa.

O rumor das vozes redobrou de intensidade. Norma agarrou-se aos braços da sua poltrona e crispou os dedos até as articulações doerem. Henrik havia se levantado neste ínterim e apontava para Shangrin um dedo acusador.

- O que lhe fez chegar a essa conclusão? - perguntou

- Eu refleti, já disse.

- Ouça-me bem, Shangrin! - falou Henrik, engasgando. - Acontecem a você umas ideias muito singulares e, além disto, curiosamente exatas. Quem lhe propôs forne-

cer esta imagem do céu correspondente a nada menos que duzentos milhões de anos atrás?

Shangrin sorriu, cheio de pose.

- Meu dedo mindinho - respondeu astuciosamente.

- Não ponho em dúvida sua inteligência, capitão - insistiu o chefe de navegação, - mas para nós não teria ocorrido pensar em um salto para o passado. E isto pela simples razão de que tal coisa é contrária a toda lógica. Não se trata de uma dedução que possa acontecer por uma simples casualidade. A que se deve você ter tido esta dedução?

- Me reservo por enquanto a responder - replicou o capitão.

Peer Nardi voltou a levantar-se.

- Varun Shangrin, capitão desta nave! - exclamou pateticamente. - Eu insisto para que responda a esta pergunta! Você não tem direito algum a reter uma informação que concerne a todos. Referiu-se a uma agressão e tudo nos faz supor que está bastante inteirado disto. Teremos que acusá-lo de cumplicidade com o agressor?

O silêncio havia se tornado tenso.

- Eu me referi a uma possibilidade de agressão - enfatizou Shangrin, - e acho que se isto for certo, poderia ser nossa melhor chance.

- Por que?

- Porque a um agressor sempre poderemos obrigar a reparar de algum modo os prejuízos que tenha causado.

Era tanta a majestade e tão olímpico o poder irradiado pelo capitão, que Norma deixou-se cair em sua poltrona e fechou os olhos aturdida. Seria aquilo a guerra? Havia alguma coisa ainda mais horrível que acharem-se perdidos no fundo do passado?

- Admito que não estou seguro de nada - prosseguiu Shangrin, - mas é possível que a partir de agora contemos com um elemento que seja capaz de levar-nos a uma resposta. Observem, por favor.

Iluminou-se uma tela e nela apareceram sete pontos luminosos que se moviam em formação regular sobre o fundo estrelado.

- São naves - esclareceu o capitão. - Sistema de propulsão primitivo, insuficiente sem dúvida para longos trajetos interestelares. Essas naves só podem abarcar um raio de alguns anos luz. E supostamente devem ter sido construídas a uns duzentos milhões de anos antes que o homem fosse capaz de abandonar seu planeta de origem.

Todo mundo ficou como que petrificado. Talvez pelo medo, talvez também porque compreendiam o que o momento tinha de único, de incrível. Norma não conseguiu decidir com exatidão.

- Esses aparelhos foram detectados há menos de uma hora pela seção de Observação. Evidentemente, elas se movem em nossa direção, mas nós não constituímos seu objetivo.

Norma notou prontamente, assustada, que o capitão estava olhando para ela muito diretamente. Parecia fixar nela seus enormes olhos azul claro, quase saltando das órbitas. Estaria sabendo das suas relações com Gregori? Não era provável, pois se assim fosse, haveria desaprovado severamente. Abrigava grandes planos para Gregori e sustentava que um capitão ambicioso não podia submeter-se a sentimentalismos.

Mas Shangrin não estava olhando para ela.

- Desejaria formular uma pergunta a Zoltan, nosso distinto biólogo - disse. - Você pode nos dizer quão antiga é a espécie humana?

O biólogo levantou-se. Era um homem jovem, com uma testa desmesuradamente alta e uma magreza que o tornava feio. Suas mãos alisavam incessantemente a bran-

cura da sua bata, com os dedos crispados como patas de uma aranha pálida.

- Um milhão de anos, aproximadamente - respondeu.

- Acha verossímil que muito tempo antes pudessem existir uma ou várias espécies parecidas?

O biólogo negou com a cabeça e então disse:

- O tema tem sido objeto de muitas controvérsias, mas as espécies mais ou menos semelhantes, digamos humanoides, que o homem pôde encontrar em suas explorações através do universo, diferem relativamente pouco da nossa quanto à antiguidade atribuível.

- E no que se refere a outras espécies?

- Formalmente, sim. Conhecemos vestígios de vida que têm pelo menos cinco bilhões de anos de antiguidade.

- Trata-se de vidas inteligentes?

- Não sabemos nada sobre isto, embora eu creia que não; entretanto, é provável que tenha existido algum tipo de civilização há mais de um bilhão de anos.

- Poderia acontecer então que nos encontraríamos algum dia com certas civilizações não humanas, não?

- Sim, creio que é possível.

As mãos do biólogo traduziam sua excitação e seus olhos piscavam. Até onde o capitão pretendia chegar?

- E com alguma civilização humana igualmente antiga?

- Não, de modo algum. Uma das teorias que nos explicam o aparecimento de várias espécies aproximadas, deixando de lado a de origem comum, supõe que as formas de vida foram se sucedendo através de grandes etapas, cada uma das quais corresponde a um estado muito determinado do universo. Nós pertencemos ao ciclo do carbono e todas as espécies derivadas deste ciclo apareceram aproximadamente ao mesmo tempo e seguiram evoluções mais ou menos idênticas, conduzindo até agora para o homem.

Shangrin dirigiu-se aos membros do conselho.

- Zoltan é um dos melhores biólogos de Magalhães Menor, o homem que formulou o conceito das eras biológicas e as pautas vitais, sucedendo-se como ondas através do tempo e do universo. - disse. - E ele afirma que essas naves que aparecem na tela não podem estar sendo tripuladas por homens.

- Eu não disse isto! - protestou Zoltan. - Somente sugeri que, conforme meu julgamento, o homem ainda não tinha podido aparecer neste universo.

- Muito bem, vamos solicitar a opinião de Smirno, o chefe do departamento de xenologia - propôs o capitão.

Um murmúrio percorreu as filas do conselho. Smirno era o adversário mais encarregado de Shangrin, quase seu inimigo pessoal. Suas controvérsias relativas aos Runi haviam feito tremer as paredes da "Vasco". O assento do xenólogo havia permanecido desocupado durante a primeira parte da sessão e os componentes do conselho atribuíam aquela ausência à animosidade entre o xenólogo e o capitão. Mas Smirno acabara de entrar quase sigilosamente, mostrando um ar tão reservado quanto pensativo.

- Examinou o aspecto dessas naves? - perguntou-lhe Shangrin.

- Sim - respondeu o xenólogo. - Conheço sua forma, em linhas gerais, e seu modo de propulsão; mas um exame feito em menos de uma hora é insuficiente para...

- Suas primeiras conclusões são o que nos interessa agora - interrompeu-o o capitão.

As estrelas e os pontinhos móveis desapareceram da tela, sendo substituídos pela

imagem de uma nave desconhecida. A ampliação era enorme, tanto que os detalhes chegavam a se diluir. Mas a forma de fusão aparecia muito clara, ao mesmo tempo em que se via surgir do casco toda uma série de artefatos: antenas, propulsores, talvez armamento.

- Esta nave foi construída por humanos, ou quando menos, por humanoides - declarou Smirno.

- Trata-se de uma opinião ou de uma certeza?

- Digamos de uma quase certeza. Existem sempre estreitas relações entre a tecnologia de uma espécie inteligente e seu aspecto físico. Todas as características de um objeto costumam ser concebidas em função de quem vai utilizá-lo. Creio que se conseguirmos capturá-lo, qualquer um de nós poderia pilotar sem dificuldade um desses três aparelhos.

- Esta nave aparece agora situada a uma distância pouco inferior a cinco anos luz - esclareceu Shangrin. - Isto significa que faz cinco anos que estava viajando pela zona onde a vemos agora e que durante este tempo, com toda probabilidade, terá chegado ao seu destino. Mas a civilização que a concebeu ainda existe e está nos esperando.

O capitão estendeu um braço para a nave fantasma imobilizada na tela.

- Zoltan acha que nenhuma espécie humana podia existir na era considerada. É muito provável que tenha razão. Mas Smirno nos disse, em troca, que esta nave foi construída por seres humanos; e todos nós conhecemos sua competência. Portanto, à primeira vista ambas as opiniões são incompatíveis.

Shangrin sorriu, sem dúvida satisfeito pela forma como conseguia embaralhar seus efeitos previstos.

- Mas existe a circunstância do nosso movimento através do tempo - acrescentou.

- Tanto Zoltan como Smirno poder estar certos. Se os homens que ocupam essas naves vêm do futuro, serão eles que detêm o controle sobre o tempo?

- Você pretende estabelecer contato com esses seres? - perguntou Nardi.

- Claro que sim. Desde que detectamos essas naves, mandei reduzir nossa velocidade, abandonando o regime intergaláctico para passar para a velocidade interestelar e para podermos nos reintegrar, dentro em pouco, ao espaço normal. Estamos nos dirigindo para o sistema do qual parecem vir as naves. Um sistema que conta com seis planetas, dois deles aparentemente habitáveis. Se essa gente possui o segredo da viagem através do tempo, não deixaremos de arrancar deles; se foram eles que, fazendo-nos saltar o abismo dos séculos, nos trouxeram do nosso tempo futuro para cá, vamos fazê-los pagar caro. Se vierem a ser nossos amigos, comerciaremos com eles, mas se preferirem a inimizade, nós lhes faremos guerra.

- Sua segurança própria é excessiva, Shangrin - acusou Nardi. - Pretende manipular à sua vontade o tempo e o espaço? Você nos oculta coisas que ignoramos e agora nos propõe um enfrentamento com seres que parecem dispor de poderes superiores, o que implica em um incrível domínio da física. Além disto, ainda não respondeu à minha pergunta.

- Nenhuma absurda monstruosidade merece ser respondida! - respondeu com aspereza o capitão. - Você pode ter vantagens em certos conhecimentos, senhor Nardi, mas eu tenho algo que você não tem: uma invejável experiência no jogo de xadrez. Isto me permite detectar uma inteligência superior sempre que me enfrento com ela no tabuleiro. Graças a esta atitude, pude ganhar aqui e agora um aliado inestimável. E não quero ocultar-lhes por mais tempo que devo a tal aliado as informações que tanto parece ter-lhes surpreendido.

Alguma coisa insólita entrou na sala. A assembleia vacilou entre o assombro e o

nojo antes de adivinhar do que se tratava. Parecia uma armação metálica sustentando uma flácida massa alaranjada em um movimento estranho. Havia-se dito que era um caranguejo monstruoso preso em uma enorme madeixa de lã. Então o ar foi atravessado por um grito feminino e vários homens puseram-se de pé com o rosto crispado e ameaçador.

- Calma! Que ninguém se mova! - gritou Shangrin. - Eis aqui meu aliado, o Runi. Eu mesmo ignorava até que ponto ele nos ia ser valioso quando o introduzi clandestinamente à bordo da nossa nave. Rogo-lhes que façam uma acolhida menos hostil, já que ele representa nosso único recurso para regressarmos à nossa época.

"Ele é extravagante demais para ser apavorante", pensava Norma. "Um monstro capaz de jogar xadrez? Não, não tem nada de humano... Como semelhante ser vai poder nos ajudar? Ele deve se sentir tão sozinho, tão perdido no espaço e tão desejoso de voltar ao seu mundo como nós, e é impossível que consiga isto sem o auxílio de um humano..."

A jovem viu que Smirno pedia a palavra, mas mal pôde prestar atenção ao que dizia o xenólogo.

- Nas atuais circunstâncias, podemos da mesma forma condenar o capitão Shangrin e renovar nossa confiança nele. Ele pisoteou leis e regulamentos em todas as formas imagináveis, mas é muito possível que seu escasso respeito pela legalidade nos proporcione hoje alguma chance de salvação. Quaisquer que sejam meus sentimentos pessoais a respeito do nosso capitão, e atendendo sobretudo ao interesse geral e à sobrevivência da nave, sugiro que continuemos sob o comando de Varun Shangrin e do seu segundo em comando.

- Protesto! - vociferou Nardi.

Mas seu grito se perdeu na confusão geral. Os robôs-beleguim emitiram vários apitos estridentes que atormentaram muitos tímpanos e a calma foi restabelecida.

- Tem mais alguma coisa a dizer, capitão? - perguntou um dos robôs.

- Somente uma coisa - acrescentou Shangrin, expressando-se quase com pena. - Desejo dar um conselho a alguns dos meus jovens e desatentos adversários. Quero recordar-lhes que a melhor forma de ganhar uma guerra ainda consiste em cooperar com o inimigo, em conseguir sua ajuda. Nada mais, senhores.

Os trâmites da votação foram muito breves. Oitenta e sete por cento dos membros do conselho confirmaram o capitão no comando e lhe outorgaram sua confiança para afrontar a crise. Mais uma vez, Varun Shangrin havia conseguido vender sua mercadoria.

CAPÍTULO 5

O aspecto tão normal, quase familiar, da nave ampliada nas telas era o mais surpreendente. Um tremendo abismo de tempo separava seus construtores dos magalânicos, mas os antepassados destes haviam percorrido a Prima Galáxia com nave extraordinariamente parecidas com aquela. Segundo as lendas, os antigos magalânicos tinham até se atrevido a franquear as distâncias intergalácticas com artefatos apenas um pouco mais potentes, aventurando-se em viagens incrivelmente prolongadas.

Esparramado em sua poltrona, Shangrin segurava sua xícara de chá, enquanto Smirno contemplava nervosamente as telas da câmara de rota e Gregori ditava ordens a um robô.

- São oitenta e sete as naves que se movimentam pelo sistema estelar em que acabamos de penetrar - comentava Shangrin. - Não é muito.

- Esta civilização parece achar-se em seu começo - comentou Smirno. O xenólogo se esforçava visivelmente em colaborar, procurando não manifestar sua antipatia para com o capitão. - Seres que estão iniciando as viagens interestelares. Duvido realmente que possamos encontrar, através deles, o meio de recobrar nossa época.

Aquele sistema solar continha sete estrelas relativamente próximas entre si. Havia menos de doze anos luz entre as mais separadas e a distância entre as mais próximas não alcançava um ano luz. Cada um dos sois estava rodeado de planetas habitáveis e em diversas etapas evolutivas. O conjunto reunia condições ideais para que uma civilização pudesse empreender facilmente a exploração do seu espaço. Seus habitantes haviam passado pouco a pouco das viagens interplanetárias às expedições interestelares. Aquela posição privilegiada havia feito desnecessária a laboriosa revolução tecnológica que sempre, segundo a lenda, foi indispensável na história da humanidade nascida na Prima Galáxia.

- Não creio que essa gente saiba realizar o prodígio de viajar através do tempo - comentou o capitão. - Mas imagino que eles também foram trazidos aqui e talvez possam conduzir-nos até quem maneja realmente os fios do assunto.

- Segundo você, eles poderiam proceder de uma época relativamente próxima à nossa. Por que então haveriam de saber mais do que nós sobre o caso, se são mais primitivos? Não estarão padecendo do mesmo infortúnio que nós?

Gregori parou de dar ordens.

- Tudo faz supor que caímos em uma espécie de buraco, uma imensa masmorra do tempo - disse. - Imaginem que algum povo poderoso pertencente a um futuro distante tem se dedicado a semear de armadilhas o espaço e o tempo. E todos aqueles que caem em uma dessas armadilhas se despenham para o fundo do passado. Se as vítimas contam com tecnologia suficiente, podem sobreviver. Superam uma decadência transitória e acabam se refazendo e colonizando os planetas que estejam mais próximos - Gregori assinalou os pontinhos que se moviam na tela. - É bem possível que essa gente desconheça sua própria origem. É o que teria acontecido conosco se o Runi não nos tivesse feito compreender o que aconteceu.

- Teríamos terminado deduzindo, Gregori! - protestou Shangrin. - Derin, o metrólogo, já tinha intuição sobre o bom caminho. Teríamos descoberto que a massa de cada objeto, e portando do universo, havia mudado.

- Entretanto - insistiu Gregori, - nem todas as vítimas teriam chegado a saber. E os poderosos povos causadores desses acidentes talvez estejam empenhados em guerras cósmicas que, por sua magnitude, lhes impeçam de levar em conta o que cai em suas defesas; pode ser multidões de naves neutras presas nelas. Quem presta atenção às miríades de mosquitos e insetos aquáticos que pululam nos fossos de uma fortaleza?

- É possível - concordou Shangrin. - Mas eu acho que os senhores do tempo vigiam tudo que se debate em suas redes e que acodem de vez em quando para se apossar do que for mais aproveitável. Conseguirei com que eles se deem conta da nossa presença, por pouco que seja humanamente possível, e lhes comprarei nosso resgate.

- Supondo que você possua algo que possa lhes interessar - interveio o xenólogo.

- Tampouco tinha o que vender ao Runi - replicou o capitão.

Smirno fez uma careta. Não gostava que alguém lhe recordasse o assunto dos Runi, e menos ainda que o próprio Shangrin o fizesse. Fingiu concentrar-se no exame da nave desconhecida, cujo perfil aparecia extraordinariamente claro. Agora a tinham a menos de três meses luz de distância, o que sugeria a possibilidade de que ainda não tivesse chegado ao seu destino.

- Distinguem-se janelas na fuselagem - disse o xenólogo. - Isto indica que seus tripulantes ainda não conseguiram o domínio do segundo espaço. Tudo coincide - e voltou-se para Shangrin para perguntar-lhe: - Que se sabe sobre as emissões rastreadoras?

- A seção de transmissão poderá começar a liberá-las daqui a um instante, tão logo a imagem melhore.

Smirno, pensativo, observava o capitão. Não deixava de perceber o leve tom irônico em cada uma das suas respostas. Parecia estar se dizendo toda vez: "Você é para mim um simples mecanismo técnico e eu me limito a usá-lo".

O olhar do xenólogo voltou-se então para Gregori, que estava examinando uns mapas, e deduziu que todo o aspecto do segundo em comando permitia considerá-lo como um homem ambicioso. Cabia à xenologia intuir as paixões latentes nas pessoas e a ele descobrir nelas possíveis defeitos, pontos fracos ou sensíveis em seu íntimo. Gregori sem dúvida aspirava ocupar algum dia o lugar do capitão. E quando conseguisse, provavelmente seria muito parecido com ele; talvez mais cauteloso e menos autoritário, mas com maior astúcia e igualmente despótico. Se Shangrin refletia uma olímpica sede de poder e uma cobiça quase ilimitada, Gregori não demonstrava aqueles sentimentos, embora ambos fossem na realidade tal e qual. Ambos eram poderosos, gostassem ou não disto.

Quanto a Smirno, em que consistia sua paixão? Não conseguia responder à sua própria pergunta. A ciência? Nem ela a preenchia. Gostava de viver, mas ao contrário da maioria dos magalânicos, não acreditava realmente na felicidade. Sentia-se envelhecer, imerso no cansaço. Estava farto de levar tombo naquela velha bola da "Vasco". Invejava o capitão e seu segundo, porque a atividade a que se dedicavam parecia preencher suas aspirações. O xenólogo admitiu com amargura que sua verdadeira paixão era a inveja, uma inveja terrível.

Pois que era de fato um xenólogo? Algo assim como a quinta roda de um veículo? De qualquer forma, era um homem que acompanhava os expedicionários e que nove em cada dez vezes terminava a viagem sem ter servido para nada; mas que de im-

proviso podia achar-se enfrentando tremendas responsabilidades, tais como o repentino contato com alguma forma de vida ou inteligência desconhecida. O xenólogo deveria saber um pouco de tudo sem conhecer nada a fundo, porque seu campo era demasiadamente extenso. Dispunha somente de uma esmagadora montanha de fichas de todos os dados copiados sobre formas de vidas alheias e sobre civilizações não humanas. Um xenólogo era um homem que classificava fichas até nunca acabar e que, com sorte, podia agregar algumas ao seu tirânico fichário.

Nos grandes departamentos de documentação dos mundos centrais, os xenólogos de Magalhães Menos desempenhavam uma tarefa muito mais interessante: reuniam e comparavam informações e edificavam assim suas teorias. Isto era deveras apaixonante, capaz de conferir um autêntico sentido da vida. Já não consistia somente em combinar fragmentos de biologia, de física, de psicologia, de linguística e de intuição para acabar misturando-os, com muito imaginação, e chegar assim a formar uma vaga ideia sobre uma espécie, partindo de alguns dados heterogêneos.

Não deixavam de ser ouvidas piadas a bordo das naves de que a xenologia era uma arte contraditória. Um julgamento que não era infundado de todo, pois um bom xenólogo estava condenado a intuir o estranho e a desconfiar das abstrações. Mas não acontecia assim nos mundos centrais, onde os xenólogos podiam utilizar sua inteligência. Smirno se dizia que se alguma vez conseguisse regressar a Magalhães Menor, pediria um emprego entre os pesquisadores. Mas era inútil sonhar com aquilo agora. Como iam sair daquele poço de duzentos milhões de anos? Estava condenado a nunca poder ser a única coisa que realmente desejava.

O xenólogo interpelou o capitão, medindo cuidadosamente suas palavras.

- Ouça bem, Shangrin - disse. - Eu aceitei colaborar com você somente porque a situação assim o exige. Mas se o acaso nos permitir voltar algum dia a Neo-Sirius, penso em entabular uma querela legal contra você. E serei implacável, acredite.

- Perfeitamente! - respondeu sarcasticamente o capitão, sem deixar de aspirar o aroma que despendia sua xícara de chá. - Admito que você é quase tão claro como o Runi.

- Consegui! - gritou Gregori. - E conguei captar uma emissão capaz de nos oferecer algo concreto!

Smirno sentiu-se aliviado ante aquela interrupção. Compreendia que não podia com Shangrin, que se irritava com ele recordando-lhe a cada passo o assunto dos Runi. Mas ele logo o acoossaria até humilhá-lo, até obrigá-lo a suplicar perdão.

Em outra tela, à direita da nave desconhecida, começou a vislumbrar-se uma imagem confusa, sacudida por linhas entrelaçadas. Embora se alterasse de vez em quando, acabou fixando-se o suficiente para permitir distinguir a figura de um homem estranhamente ataviado e que parecia falar com muita ênfase. Exibia uma curta barba negra que destacava uns lábios delgado e cruéis e suas roupas pareciam tecidas com grossos fios metálicos, mas o mais curioso era que, pendendo da sua cintura, havia um verdadeiro punhal em uma bainha de pele escarlata.

- Uma raça bárbara? - aventurou Gregori.

- Deixemos de lado as suposições prematuras! - replicou o xenólogo.

- Entende alguma coisa do que ele disse?

Smirno negou com a cabeça.

- Eu não sou linguista - disse. - Entretanto, tenho a vaga impressão de reconhecer algumas raízes originais. Os sons da sua linguagem não diferem muito da nossa. Pode tratar-se de alguma forma paralela ou mais evoluída.

- Os semânticos a estudarão - interveio Shangrin, - e creio que poderão nos dar alguma tradução em algumas horas. Mas gostaria de conhecer sua opinião prévia,

Smirno.

O xenólogo voltou-se furioso.

- Está querendo me por em ridículo, capitão?

- De forma alguma - negou categoricamente Shangrin. - Saiba que estimo suas capacidades, possivelmente mais que você mesmo. Já sei que me detesta, e está no seu direito, embora isto não nos facilite muito as coisas. Mas não importa; agora eu preciso da sua competência, porque vamos estabelecer contato com essa gente. Amanhã mesmo.

- Pensa em abordar alguma das suas naves?

- Não - respondeu Shangrin, encantado na contemplação do dourado do chá que tinha em sua xícara, - nada de naves. Vamos pisar em um dos seus mundos. E talvez o conquistemos.

Smirno pensou que, no fundo, odiava o capitão porque o considerava responsável pelo erro que os xenólogos cometeram ao julgar os Runi. Mas não adiantava nada este raciocínio, nem atenuava seu rancor, da mesma forma que conhecer a causa de uma ferida não alivia as dores.

A "Vasco" transportou-se do alto para superfície do planeta. Após circundá-lo várias vezes como um astro extravagante, escolheu uma grande planície situada junto ao equador e lançou-se sobre seu objetivo. O espaço visível nas telas passou do negro interplanetário a um azul progressivamente mais claro. As estrelas se extinguíram para voltar a reaparecer e apagar-se outra vez, segundo a nave descrevia suas órbitas, indo da luz do dia para as trevas da noite, para logo regressar à claridade.

E repetiu-se o sempre novo e grandioso espetáculo do solo desconhecido em um mundo virgem: continentes que ofereciam perfis evocadores de formas entrecortadas por massas de nuvens, picos cobertos por uma brancura deslumbrante, vastos oceanos cintilando sob a luz do sol como massas de metal fundido e escuros à noite como enormes manchas de tinta. Enxames de pontinhos luminosos pontuavam as distâncias entre os continentes sumidos nas trevas, delatando a presença de outras tantas cidades. O tráfego aéreo não era excessivo, e a "Vasco" o ignorou. Henrik e Gregori vigiavam a grande tela esférica da câmara de navegação, que lhes apresentava um mapa gigantesco desenrolando-se lentamente.

- Estamos cometendo uma imprudência demencial - objetava Henrik, dirigindo-se ao capitão. - Por que você não deixou a "Vasco" em órbita? Não temos a menor ideia sobre suas possíveis defesas.

- Quero impressioná-los - respondeu Shangrin. - E eu conheço seu armamento. Não podem nos causar dano algum.

- Por outro lado - observou Gregori, - vejo que eles só protegem suas cidades.

- O que eu estranho - prosseguiu Henrik - é que eles tenham se negado a estabelecer contato conosco depois de emitir repetidamente em suas próprias frequências. E nos responderam com foguetes!

- Eles estão em guerra - recordou Shangrin, - e terão pensado que se tratava de uma armadilha. Smirno está estudando as fotografias que tomamos ao sobrevoar suas cidades e planícies. Poderá esclarecer algo?

- Tentará formar uma ideia sobre o tipo de sociedades que vivem aqui. Uma coisa, capitão: eu achava que Smirno o detestava cordialmente. E agora, em troca, parece haver apagado da sua memória o assunto dos Runi. Ele até colabora com você como se nada tivesse acontecido.

- Ele me odeia, eu sei. Mas isto não tem importância. Smirno é um homem frio e não tentará nada contra mim enquanto durar a situação atual. Esperará que tenhamos saído do apuro.

- Eu não me confiaria muito.

- Por que não? Ele se limita ao seu trabalho. É o melhor xenólogo da nave e um dos mais eminentes de Lorna e tem uma equipe de cientistas dos mais experimentados. Eu preciso dele e não duvido em dar-lhe toda minha confiança. Pude comprovar que as pessoas que me detestam me servem com mais zelo do que as que me admiram.

- Já sabemos o nome deste planeta - disse Gregori. - Chama-se Xandra.

Não gostava do rumo que tomava a conversa entre o capitão e Henrik, mas sabia que nada impediria Shangrin de chegar até o final dos seus sarcasmos.

- Você também não sente simpatia alguma por mim, Henrik - insistiu. - Acho que ambiciona meu posto, não é? Isto é normal. Eu, na sua idade, já comandava uma nave há oito anos. Suponho que é isto que o mortifica. Deve se imaginar governando a "Vasco", dirigindo esta velha bola de metal entre as estrelas que tão bem conhece, não é verdade?

- Por favor, capitão! Eu não... nunca...

- Eu sei. Mas você jamais chegará a ser capitão, Henrik. Falta-lhe o empenho necessário, saiba disto. Eu sou mais velho que você dez anos, mas ainda tenho o dobro da sua energia. Eu sei gritar, intimidar se for preciso, mas você não é capaz de fazê-lo. Eu ainda tenho sutilezas na mente, mas você se limita a ter um caráter esperto.

Henrik ficou vermelho até a calva, o que nele era um sinal de cólera violenta. Shangrin tinha prazer em provocar seus oficiais para poder manejá-los à sua vontade. Quando já não fosse capaz de fazê-lo e eles ficassem indiferentes, seria um homem acabado, teria deixado de brincar com as paixões humanas e isto anularia seu poder sobre as coisas. Estaria morto.

Avermelhados pela fadiga, os olhos de Smirno examinaram a tela pela enésima vez. A imagem era deficiente e a luz muito dura, mas perderia os detalhes se atenuasse o brilho. E eram justamente os detalhes o que ele escrutava obstinadamente, pois eles deveriam informá-lo sobre o nível evolutivo daquele povo, sobre sua tecnologia, suas aptidões e talvez até sobre seus sentimentos.

A tela mostrava uma cidade, uma das aglomerações urbanas do planeta, não muito numerosas. Em resumo, pouco mais de uma centena. Não era muito para uma civilização que acabara de iniciar-se no domínio do espaço. A cidade aparecia rodeada de altas muralhas. Pouco visíveis na tela, os edifícios se adivinhavam, comprimidos pelo pétreo cinturão que os cingia com seus maciços torreões. Todas as cidades pareciam fortalezas sombrias, e isto era estranho. Nenhuma muralha podia oferecer proteção contra um ataque procedente do céu. E os habitantes daquelas cidades sem dúvida temiam o espaço aéreo, pois haviam lançado contra a "Vasco" alguns foguetes primitivos dotados de cabeça nuclear que explodiram na alta atmosfera, muito antes de alcançar a nave, provocando imensas auroras boreais.

As telas haviam registrado a rápida e brilhante ascensão, arrematada por um rastro de fumo daqueles enxames de foguetes. Mas um dedo invisível lançado pela "Vasco" os havia feito explodir prematuramente, criando um repentino inferno em pleno céu, com milhões de graus de temperatura, sem que chegasse a destruir a alta atmosfera de Xandra.

As cidades se abstiveram de disparar novas salvas. Sem dúvida compreenderam sua impotência frente àquela nave esférica que invadia seu espaço.

Planícies e cadeias de montanhas sucediam-se nas telas. Era surpreendente que em uma civilização daquele nível as cidades permanecessem confinadas dentro de recintos murados. Normalmente deviam cultivar a terra situada ao seu redor, possuir estradas e outros sistemas de comunicação, mas nada daquilo aparecia. As cidades

eram como ilhotes pesadamente equipados para se defenderem contra seu entorno, como redutos autônomos, isolados e obsessivos pela sobrevivência. Que tipo de guerra estaria se desenrolando ali em baixo? Por acaso os exércitos limitavam-se a se movimentar pelas planícies, a ocupar as cristas, a fustigar as cidades?

Cumpria à "Vasco" determinar isto, embora não dispusesse de algum elemento bastante seguro para conseguir. Se ali existiam verdadeiros exércitos, não pareciam dispor de meios de comunicações razoavelmente evoluídos, nem de armamento realmente moderno. Tampouco se concentravam formando batalhões em número suficiente para que os vissem se movimentar ou combater. Por acaso aquela guerra ultrapassava os limites do planeta, talvez até do sistema estelar? Seriam por acaso as supostas cidades, insuspeitas cabeças de ponte de um exército alheio disposto a invadir Xandra? Era possível que as naves, anteriormente detectadas pelas telas como simples pontos luminosos, estivessem envolvidas em alguma dramática batalha. A "Vasco" havia se limitado a prestar atenção às suas evoluções da mesma forma que uma águia a um enxame de moscas. Algum império podia estar destinado a nascer ou a desaparecer. Talvez reinasse em Xandra, e em todo seu âmbito espacial, a pior das anarquias. E ele não podia sabê-lo; sua situação era a de um homem que contempla a frenética agitação de um ninho de formigas.

Montanhas de dados iam se acumulando sobre a mesa de Smirno, mas esclareciam muito pouca coisa. O significado da maioria deles era muito inseguro para merecer um interesse autêntico, pois referiam-se a personagens e acontecimentos totalmente desconhecidos para o xenólogo. Entretanto, parecia referir-se a algum império ou algo semelhante, e, sem chegar a esclarecer o porque, intuía-se através dos seus termos que aquela suposta entidade estava gravemente ameaçada.

A nave imobilizou-se a vinte metros do solo, entre agudos sibilos e furações rugidores, como uma tempestade. Flutuava como uma esfera parcialmente perfilada, como uma massa polida de mais de um quilômetro de altura. Era brilhante, bela e enigmática. Provavelmente ninguém teria visto coisa parecida no céu de Xandra. Era um incrível prodígio.

Shangrin soltou uma gargalhada.

- Chegamos! - exclamou. - Vamos observar mais de perto esses tipos que tentaram nos fazer cócegas com seu átomos.

- Tudo isto nos permite supor - disse Smirno com voz monótona - que, pelo menos latente, existe um estado de guerra entre os habitantes das cidades e os das planícies. Não sou historiador, mas as importantes fortificações das cidades implicam que sua superioridade tecnológica não basta para assegurar-lhes o controle de todo o planeta. Como é natural, esta hipótese necessita ser confirmada, mas...

- E com cuidado, pouco a pouco! - ordenava Gregori naquele momento, alheio às explicações. - Façam sair os deslisadores dos grupos sete e nove. Sem precipitação! Movam-se com precaução e nada de precipitação. Quantas vezes terei que repetir que não precisamos invadir o terreno em apenas um minuto?

- O serviço de observação informa que um esquadrão de ginetes se move por nordeste, a menos de cem quilômetros e que parecem se dirigir para cá.

- Não sou biólogo - prosseguia Smirno, - mas o estudo da fauna e da flora nos sugere que não existe sociedade alguma autenticamente agrícola neste mundo há pelo menos...

- A nave está em estado de alerta C. Ninguém pode abandoná-la sob pretexto algum, exceto as patrulhas. Só se abrirá fogo de caráter defensivo. Os deslisadores levarão o armamento habitual.

- Vamos lá, meus filhos! - vociferava Shangrin. - Pelo ouro, pela pilhagem e pelo

comércio! Não lamentaremos termos vindo, vocês verão!

A "Vasco" parecia um formigueiro. No seio da enorme esfera, cada membro da tripulação ocupava seu posto. Os homens da navegação prescrutavam o céu, os biólogos e os geofísicos procuravam determinar se as características de Xandra eram do tipo T, o serviço de detecção captava mensagens que seriam decifradas pelos linguistas e os membros das patrulhas de exploração revisavam suas armas. Shangrin exibiu o uniforme azul das grandes ocasiões; sobre o fundo escuro da sua vestimenta, o vermelho da sua barba brilhava tanto quando o disco que pendia sobre seu peito, suspenso por uma cadeia de ouro. Dispensou luvas e capacete já que costumava detestar os sistemas de proteção que o isolavam da realidade, impedindo-o de sentir os cheiros, o vento e o calor do sol.

Na parte baixa da "Vasco" as grandes escotilhas se abriram e os deslizadores planaram silenciosamente até o solo. Sobre cada um dos potentes aparelhos oblongos tremulava uma bandeira com as armas das Magalhães e no que era ocupado pelo capitão, havia-se acrescentado seu estandarte púrpura e negro.

Shangrin revistou as linhas dos seus homens. Embora este acontecimento fosse frequente, os magalânicos saudaram seu chefe com aclamações; para eles, ele não havia perdido nem um pouco sua popularidade e não restava dúvida de que jamais a perderia. Simplesmente, um dia ele desapareceria da sua realidade para se tornar uma lenda.

CAPÍTULO 6

Lo Alabulo foi o primeiro a ver os deslizadores. Cavalgava seu hexápode unicórnio como explorador da patrulha, sustentando o arco com a mão direita e levando o vron sobre o arnês de couro que cobria seu ombro esquerdo. As asas quitinosas e vibrantes do grande inseto roçavam as bochecha barbuda do homem, fazendo o ar zumbir com seu agudo chiado mortal.

Apertou os olhos para melhor distinguir os objetos que corriam sobre a planície a uma velocidade incrível. Pareciam flutuar no ar e, voando embora não tivessem asas com a do vron, aproximavam-se direto para o esquadrão. Ele contou sete artefatos.

Fez sua montaria empinar, voltou a garupa, picou vigorosamente e o hexápode lançou-se a galope. Sobre o ombro de Lo Alabulo, o vron abriu as asas e firmou-se para resistir ao vento da corrida.

- São estrangeiros! gritou Lo, avisando o Sar.

O Sar levantou sua lança em sinal de batalha. Aqueles estrangeiros haviam chegado na grande bola de fogo que caiu lá do alto e para o Sar, tudo que vinha do céu era uma ameaça evidente; salvo, claro, as naves afiadas como flechas que pareciam obedecer misteriosamente a Ulsar e que lhes forneciam armas para lutar contra as cidades. Mas, enquanto as naves amigas faziam sinais no céu antes de aterrizar, aqueles intrusos não haviam feito. Seriam sem dúvida aliados dos homens das cidades e haviam descido para ajudá-los. Mas não importava, as terríveis armas postas à disposição do Ulsar por seus aliados do espaço dariam conta daqueles estranhos. O Sar estava seguro disto porque já havia destruído várias naves das cidades, caídas por acidente sobre as planícies, ou bastante imprudentes para terem se atrevido a provocá-los.

A velocidade dos aparelhos que se aproximavam dele começou a inquietar o Sar. A mobilidade dos hexápodes era o que conferia força e poder às patrulhas. Mas, comparados com aqueles artefatos, eles se arrastavam com a lentidão de vermes. Um terrível furacão parecia impulsionar os objetos desconhecidos, abatendo as ervas da planície à sua passagem.

O Sar lançou a ordem de ataque e seus ginetes começaram a se movimentar, enquanto que Lo Alabulo regressava ao seu posto de explorador. O vron havia notado a excitação do seu amo e fazia as asas vibrarem com mais potência. Seguro sobre seu carro de combate, o Sar acariciou sorridente suas granadas de sol, capazes de fundir as rochas e que breve volatizariam o inimigo.

Os aparelhos desconhecidos detiveram-se a três tiros de flecha de Lo. O explorador esperava vê-los investir e já havia tensionado seu arco, segurando a flecha com os dentes para conservar livre a mão esquerda e poder soltar o vron com ela. Distinguiu os homens que ocupavam os objetos voadores e gritou-lhes um monte de insultos, enquanto empinava o hexápode e o fazia corcovear com galhardia, demonstrando assim que não temia ninguém. Mais uma vez estava disposto a sacrificar sua vida. Os deuses haviam ordenado destruir os demônios que protegiam os homens das ci-

dades; tal era o preço da liberdade dos povos das planícies.

Lo Alabulo soltou o vron e o inseto partiu como um raio, impulsionado pelo potente braço do seu amo. Este o viu tomar altura, descrever vários círculos e, uma vez escolhida sua vítima - um colosso ruivo que se erguia com imprudência na proa do maior dos aparelhos, - mergulhar imediatamente com as asas móveis, as patas recolhidas e o agulhão disposto a cuspir seu veneno mortal.

As picadas do vron eram mortais por necessidade. Injetavam quase um quarto de litro de um veneno tão virulento que inclusive impedia que aproveitassem a carne das presas que caçava. Os vrons eram utilizados exclusivamente para a guerra.

Mas, a meio caminho do objeto, o inseto foi detido e então caiu pesadamente. Alguem, empregando uma arma invisível, havia-o derrubado a partir de um dos artefatos.

O furor e o desespero queimaram no ânimo de Lo Abulo. O vron era para ele como um irmão. Em numerosas batalhas tinha-lhe saldo a vida. O explorador lançou um grito lancinante e pôs sua pontaria a galope. Disparou uma flecha em plena corrida e teve a satisfação de ver que um dos ocupantes dos artefatos caía de costas. Enquanto uma nuvem de flechas silvava sobre sua cabeça, Lo Abulo carregou novamente seu arco.

Até que um dardo de fogo alcançou-o em pleno peito, arrancando-o do seu hexápode e derrubando-o no chão. Ainda teve tempo de ver o animal se retorcendo entre chamas e uivos, até que a dor venceu a fúria e o desespero; e o bravo guerreiro, destroçando seu arco, encomendou-se aos deuses.

- São bárbaros, de fato - admitiu Smirno. - Vão atacar-nos.

- Ainda não - respondeu Shangrin. - Sei como dominá-los. Que ninguém se mova.

O guerreiro mais próximo se entregava a uma insensata exibição sobre sua montaria. Estendeu de repente um braço e alguma coisa levantou voo do seu ombro, sem que pudessem ver claramente do que se tratava.

- Um foguete?

- É um inseto! - exclamou Gregori. - Um inseto enorme!

Shangrin concordou.

- Sem dúvidas eles treinam essas feras para a caça. Em outros planetas eu vi aves sendo utilizadas do mesmo modo. Juraria que um abelhão desse tamanho pode acabar com um homem.

Gregori sacou e disparou. O monstruoso bicho sofreu uma sacudidela no ar e caiu inerte, chocando-se contra o solo com um ruído surdo.

Quase no mesmo ato ouviram um sibilo que os fez abaixarem instintivamente a cabeça. Atrás deles, em um deslizador, um homem gritou e caiu.

- Uma flecha! - gritou alguém.

- Está morto!

- Atenção - vociferou Gregori.

Os campos de proteção foram rapidamente estabelecidos e bloquearam a chuva de flechas. Somente algumas das primeiras conseguiram passar e caíram sobre os deslizadores, ferindo ou matando alguns homens.

Do alto do seu carro, o Sar viu estupefato como as flechas dos seus valentes guerreiros chocavam-se contra um obstáculo invisível. Mas ele não acreditava em deuses, embora soubesse que os homens chegados do espaço tinham estranhos poderes. Sorriu. Apesar de tudo, continuava confiado: nada era invulnerável às granadas de sol. Pegou uma delas, acariciou, ativou o fulminante e então jogou-a com toda sua força.

Gregori tentava adivinhar as intenções dos ginetes, agora imóveis. Um dos solda-

dos havia disparado a partir de um deslizador atingindo o guerreiro mais próximo antes que Shangrin tivesse tempo de ordenar que ainda não responderiam ao ataque.

Caía a tarde. No horizonte a savana começava a tingir-se de um tom malva. O solo da planície devia ser esponjoso, o que explicaria a escassez de árvores.

- Não creio que esses indivíduos saibam alguma coisa sobre viagens através do tempo - opinou Gregori.

Shangrin voltou-se para ele.

- Lhe parece pouca viagem a diferença entre seu aspecto e o nosso?
- Vai ser difícil entender-se com eles. Já houve vítimas.
- Eu sei - respondeu secamente o capitão. - Quantas são as nossas baixas?
- Quatro mortos e sete feridos.
- Eles eram uns valentes.
- Continuariam sendo se tivéssemos tomado precauções.

O capitão olhou inquisitivamente seu segundo.

- Você perdeu sua confiança em mim?
- Não. Mas estas mortes foram desnecessárias.
- Nunca se pode adotar todas as precauções possíveis. Quem atribui tudo à proteção nunca consegue nada. Ou por acaso acha que eu me expus menos que esses homens?

- Claro que não - admitiu Gregori.

Foi então que viram que uma esfera reluzente se elevava do estranho carro de guerra tirado por dois animais que, ao que parecia, eram hexápodes. Não revolteava como o inseto gigante, e sim descrevia uma parábola até eles.

- Pelo espaço! - exclamou Shangrin. - Uma granada atômica!

Não estava certo de que a tela protetora conseguisse deter o impacto, pelo que afastou um atirador e tomou pessoalmente os comandos de uma arma pesada. Um jorro de fogo surgiu do canhão e roçou a granada ao mesmo tempo em que outros disparos começavam a alcançá-la.

O projétil explodiu a uma distância suficiente e o céu incendiou-se com uma brancura deslumbrante, como se fosse todo de metal em fusão. O campo protetor conteve a onda expansiva e rechaçou-a em direção aos guerreiros.

O Sar foi violentamente derrubado do seu carro. O golpe havia derrubado os dois hexápodes, matando-os, sem dúvida. O veículo virou. Era um milagre que ele tivesse se salvado.

Levantou-se com dificuldade, desembainhou a curta espada e olhou ao seu redor. Um pequeno grupo de sobreviventes fugia à rédea solta para o norte, enquanto outros tentavam dominar seus animais descontrolados e os feridos gritavam e gemiam por toda parte.

O desastre havia sido enorme. A granada havia explodido muito rápido. Era habitual que ela alcançasse seu objetivo antes de explodir, mas naquele caso quando os os flamejantes dedos dos estrangeiros a atingiram, seu mecanismo incompreensível havia funcionado.

O Sar se reprovou ao ter permitido que Lo Alabulo se precipitasse em atacar. Talvez tivesse sido possível pactuar com os estrangeiros e conseguir para si próprio um êxito sensacional entre os do seu clã, com o que haveria eclipsado a persistente estrela do Ulsar, cujo prestígio parecia ilimitado, desde que os aliados do espaço passem com ele em suas naves e que, segundo se dizia, havia dialogado em pessoa com os próprios deuses.

E os mortais dedos de fogo iam pousar agora sobre ele. Os grandes aparelhos avançavam majestosos, flutuando no ar como uma canoas sobre as águas. O Sar le-

vantou sua espada e preparou-se para combater. Aqueles artefatos poderiam derrubá-lo e triturar seu corpo, mas ele estava disposto a morrer lutando.

Enorme e ensurdecadora, uma voz encheu o ar sobre a cabeça do Sar. Falava a linguagem das cidades, uma língua muito semelhante à dos homens das planícies, da qual só se distinguia o sentido. Muito tempo antes, aquele tom havia significado diferenças irreconciliáveis de casta e ainda costuma excitar a cólera no coração do Ulsar.

Mas aquela voz falava de paz. Elogiava a valentia dos guerreiros das planícies e lhe propunha uma aliança. E também prometia tesouros.

Aturdido, o Sar abandonou sua atitude combativa. Então contemplou sua espada e caiu na risada.

A voz de Shangrin retumbava com o poder e a majestade das ondas do mar. Crescia e invadia o céu, para então voltar, suave e persuasiva, ao infiltrar-se entre os juncos. Pronunciava frases gloriosas, cominadas, ameaçadoras, amistosas.

- Somos mercadores - dizia Shangrin. - Os mundos são muito numerosos no céu e nós nos dedicamos a ir de um para outro sempre levando a felicidade e a riqueza. Viemos de uma civilização poderosa e controlamos grandes forças, mas somos gente pacífica. Não temos intenção de atentar contra vossos bens nem contra vossas vidas.

O Sar vacilou. Tudo aquilo podia ser um monte de mentiras, mas se tivesse sido esta sua intenção, aqueles intrusos já o teriam fulminado com seus raios. Ele estava com seus amuletos, embora acreditasse pouco em sua eficácia; Lo Alabulo também os levava mas de pouco lhe haviam servido. Em troca, o Ulsar prescindia deles e era evidentemente temido e respeitado. De qualquer forma, sabia que estava à mercê dos recém chegados.

Jogou sua espada no chão e dirigiu-se até os artefatos cruzando o capinzal. Foi então que o maior deles desceu. Uma porta se abriu em um costado e um homem alto e corpulento, com uma barba ruiva, desceu decidido os quatro degraus metálicos. E ele também caminhou através dos caules, avançou até o Sar e estendeu-lhe a mão.

O Sar não conseguia dar crédito ao que viam seus olhos. Aquela enorme esfera caída do céu devia ser sem dúvida uma estrela, mas era insolitamente fria ao tato. Antes de decidir-se a entrar no inconcebível artefato, contemplou impressionado a torrente de homens e materiais que este vomitava e engolia. Mas o homem da barba vermelha insistia em mostrar-lhe o interior e finalmente teve que ceder. Além disso, era espicaçado pela curiosidade de saber como era uma estrela por dentro.

E assim ele pôde ver o ouro, as armas e umas granadas mil vezes mais potentes que as dos piratas. Ficou assombrado em ver que aqueles homens da estrela curavam seus guerreiros feridos pela explosão prematura; e como ressuscitavam muitos que ele mesmo havia mandado matar.

Acosaram-no com perguntas e ele sentiu-se invadido pela desconfiança. Por que se empenhavam tanto em saber se seu grupo atuava sozinho, onde estava seu acampamento, quem era Ulsar, contra quem estavam lutando, se outros homens do espaço costumavam visitá-los.

Mas haviam enchido suas mãos de ouro, e penduraram em seu cinto uma espada melhor que a que ele havia abandonado entre os juncos. Até lhe apresentaram com uma pistola igual às que usavam os soldados da estrela, uma arma estranha que adormecia em vez de matar.

Acabou explodindo em gargalhadas de júbilo e durante o banquete que lhe ofereceram depois, respondeu tudo quanto queriam saber.

Explicou que não agia sozinho e sim que fazia parte de um exército muito numero-

so comandado pelo Ulsar. Ele era um dos seus tenentes e estava convencido de que seu chefe podia ser considerado como o principal dirigente do seu bando na guerra que ali tinha lugar. O Ulsar era sem dúvida um homem duro e implacável, mas também justo. Lutava para apagar as cidades da superfície do planeta. A guerra era necessária e justificada, pois em outros tempos os habitantes das cidades tinham escravizado os homens das planícies.

Perguntaram-lhe quanto tempo fazia aquilo.

O Sar teve que forçar sua memória. Foi antes que ele tivesse nascido. Tratava-se de fatos que os guerreiros mais velhos narravam e que o Ulsar repetia aos seus soldados para inflamá-los. Há muito tempo atrás, não podia precisar quando, os homens haviam vivido felizes em Xandra; tinham aldeias, cultivavam a terra e, sobretudo, caçavam.

Até que chegaram uns homens lá do céu. Eram de outra raça e não muito numerosos, mas nada resistia ao poder das suas armas. Submeteram os habitantes de Xandra, obrigaram-nos a edificar suas cidades e acabaram por transformá-los em escravos.

Aquilo durou muito tempo. Explodiram algumas rebeliões e todas foram cruelmente sufocadas. Mas então, pouco a pouco, os privilegiados das cidades foram relaxando sua vigilância; necessitavam cada vez mais de escravos dentro das suas muralhas e até conferiram a alguns deles uma posição relativa.

Intensificou-se então o roubo de armas e a revolução teve alguns bons êxitos. O exército do primeiro Ulsar conseguiu conquistar três cidades e arrasá-las até as fundações. Aquele Ulsar era muito hábil. Diziam que havia recebido ajuda dos deuses, graças à qual conseguiu capturar algumas naves interplanetárias e obrigar seus tripulantes a pilotarem para ele. Até que um dia se aventurou para as estrelas e jamais regressou daquela viagem. Diziam também que uma parte das suas naves haviam se transformado em piratas e traficantes e que eram precisamente estas que proviam de armas o atual Ulsar, sucessor daquele outro de quem se suspeitava que havia firmado estranhas e terríveis alianças nos remotos países dos sois. O Ulsar que agora os comandava também lhes havia dado a entender que muitos mundos estavam empenhados na mesma luta que tinha lugar em Xandra e que se avizinhava o dia em que todos os escravos poderiam unir-se para aniquilar os opressores em todo o universo.

- O que você pensa disto tudo, Smirno? - perguntou Shangrin.

O xenólogo estava contemplando em uma tela as luzes de uma cidade e o movimento de uns aparentes pirilampos que na verdade eram tantos outros aparelhos aéreos. Aquele tráfego devia corresponder a um sistema de vigilância.

- Conviria que falássemos com esse Ulsar - respondeu Smirno. - O Sar não é nada mais que um guerreiro. Em troca, o outro, segundo parece, é alguém importante, com certeza o cabeça político desta situação.

O capitão mostrou-se de acordo.

- Procurarei o Ulsar e lhe proporei uma aliança.

- Me surpreenderia se ele pudesse esclarecer alguma coisa sobre nosso problema. Acho que seria melhor fornecer-lhes armas, embora haja um verdadeiro abismo entre a simples navegação interplanetária e as granadas nucleares e as viagens através do tempo. Não seria preferível tentar estabelecer contato com o povo das cidades?

Shangrin fez um gesto de desgosto.

- Eles estariam menos inteirados que o Ulsar. Ao que parece, são uma sociedade em decadência, francamente degenerada. Já viu as fotos que nos passaram os pilotos das naves exploradoras?

- Não - respondeu Smirno.
- Mostre-as, Gregori - pediu Shangrin ao seu segundo.

Este as entregou ao xenólogo sem dizer uma palavra. As fotografias haviam sido obtidas mediante uma teleobjetiva muito potente e mostravam parte de uma muralha. Ao pé da mesma amontoavam-se, em trágicas pirâmides, incontáveis crânios humanos.

Smirno estremeceu.

- Gengis Khan, Hitler, Tarn... - murmurou.
- Ignoro o que significam esses nomes para você - disse o capitão, - mas eu sei o que é um genocídio quando vejo um.
- Sim, esses são bárbaros - opinou Gregori.

Smirno sacudiu a cabeça.

- Pior, muito pior. Porque, pretendendo ser civilizados, levantam essas horríveis pirâmides com o mesmo sangue frio com que nós instalaríamos um espantalho. Isto demonstra que odeiam e temem seus ex-escravos.

- Querem saber minha opinião sobre o caso? - disse Gregori - Acho que a população de Xandra deve ter sido formada em duas etapas. Há muito tempo, talvez milênios, alguma astronave ou talvez toda uma frota delas teria chegado a este planeta, provavelmente depois de viajar através do tempo como nós. Suas tripulações teriam conseguido sobreviver, instalar-se e recomeçar sua civilização partindo quase do zero. E digo quase, porque segundo terão observado, o Sar possui alguns conhecimentos de astronomia e parece que os explosivos nucleares não têm segredos para ele.

- É possível que seu povo tenha aprendido alguma coisa disto durante o cativeiro nas cidades.

- Poderia ser, mas não creio. Imagino sim que seus conhecimentos procedem das tradições orais conservadas pelos povos das planícies. Mas deixe-me continuar minha hipótese. Muito tempo depois dessa primeira colonização de Xandra, uma segunda onda de invasores chegou ao planeta. Este precediam do futuro também e teriam chegado acidentalmente, ou sem esperanças de regressar à sua época; se não fosse assim não teriam se decidido a começar uma guerra de resultados incertos. Mas esses segundos povoadores possuiriam uma técnica mais avançada que os primeiros e não duvidaram em se aproveitar da sua superioridade para subjugar os primeiros ocupantes do lugar. Precisavam de escravos para levantar suas cidades e construir seu armamento e então lançaram mão dos mais fracos. Então, com o tempo, foram-se impregnando da mentalidade dos seus vassalos e acabaram declinando até degenerar em uma barbárie com tecnologia.

- Uma teoria sutil, Gregori! - elogiou. - Chegará o dia em que você será tão forte como eu, sempre que aprenda a beber chá. Mas você esqueceu de um detalhe, o mais importante.

- Um detalhe? Qual?
- Nós somos a terceira onda.

Desconcertado, Gregori voltou-se para Smirno e depois novamente para o capitão. Observou então que Shangrin cobria suas roupas habituais com uma fina e resistente cota de malha de metal avermelhado e assombrou-se ante semelhante capricho.

- O que você pensa em fazer agora? perguntou Smirno.

Shangrin riu jovialmente.

- Eu já lhe disse, pactuarei uma aliança com o Ulsar. E depois tomarei as cidades, uma após a outra, até conquistar o planeta inteiro.

- E depois? Não creio que seus planos cheguem a nos dar a chave do tempo.

- Depois nos resta o espaço. Você passou por alto em um segundo detalhe em sua teoria, Gregori.
- Os outros mundos- sugeriu Smirno.
- Exato! A guerra de Xandra é somente parte de um conflito maior entre dois impérios. Um deles renasce das cinzas e o outro tenta sacudir o jugo a que está submetido. Mas estou certo de que entre as recordações de algum desses impérios, ou entre os seus segredos, encontraremos o que procuramos. E então, penso em comprá-lo ou tomá-lo pela força.
- Dois impérios... - sussurrou Gregori.
- Digamos melhor, três - corrigiu-o Shangrin. - Os dois que estão se enfrentando... e Magalhães.

CAPÍTULO 7

Gregori inspirou profundamente, mas o ar daquele parque artificial não tinha o vigor da terra e da água, do vento e da noite, que podia se respirar na atmosfera de Xandra. As perspectivas também eram falsas e as distâncias curtas, além de que o céu não tinha suficiente profundidade e os relevos se destacavam pobremente. Entretanto, durante as viagens longas Gregori costumava buscar ali a ilusão de um contato com a natureza e de um espaço livre. Saindo de um angustiante cabine ou de um corredor retilíneo, o parque artificial parecia tão vasto como um planeta.

Viu Norma rodeada pelas crianças. Ela se divertia cuidando deles. Se conseguissem regressar a Lorna, talvez se casassem, mas não antes que a atual crise estivesse resolvida. Gregori pensou nas crianças. Se a "Vasco" não conseguisse recuperar aqueles duzentos milhões de anos, que ia ser deles? Quantas gerações eles levariam para regressar à barbárie?

Norma o viu chegar e correu ao seu encontro. Ele abraçou-a e beijou-a.

- Não faça isto diante das crianças - protestou a jovem.

Gregori sorriu.

- Quando poderemos sair? Tenho vontade de respirar o ar livre! E também quero que as crianças conheçam o que é um verdadeiro planeta.

- Ainda não - disse ele, - O lugar não é seguro. Está cheio de bárbaros.

- Ouvi falar nisto. Mas você voltará a sair.

- É necessário. Por outro lado, eles não são tão perigosos.

- E ele, o que vai fazer?

- O capitão? Ele se propõe a fazer uma guerra.

Ela olhou para ele, horrorizada.

- Ele quer atacar as cidades. Acredita que encontrará nelas algum dado para resolver nosso problema, e seus habitantes se negam a negociar conosco.

Norma afastou-se e contemplou pensativamente a brincadeira das crianças.

- Ele esteve magnífico durante o conselho - disse, - mas eu lhe juro que me dá medo. Não gosto da forma como ele ri. Por que se empenhou em trazer aquele monstro?

- O Runi? Eu mesmo o ajudei a introduzi-lo na "Vasco"

- Para que?

- Assim o quis o capitão. Você sabe que ele não é um homem cujas ordens você queira discutir.

- Mas o que ele fez era ilegal.

- Não para ele. E o Runi podia significar um ativo formidável.

- Mas Gregori, como você pode comparar um possível benefício com a segurança da nave inteira e seus ocupantes.

- O Runi não é ameaça alguma para nossa nave. Pelo contrário, pode até ser nossa única tábua de salvação.

Norma não insistiu e fitou nele seus olhos claros. Parecia insolitamente jovem e re-

solta. Gregori sabia que ela não era muito inteligente, mas não era isto que procurava nela.

- E essa guerra? - perguntou a jovem. - Acha que o capitão está certo em começá-la?

- A justiça pouco importa agora; ainda demorará duzentos milhões de anos para ser implantada.

- Para mim nunca deixou de existir. Você pensa em segui-lo até o fim?

- Creio que sim. Não podemos fazer outra coisa e Shangrin é um grande capitão.

- Se você pretende chegar longe demais eu tratarei de impedi-lo, Gregori. A guerra significa mais mortes, mais sofrimentos.

Gregori não pôde ocultar um sorriso. A indignação de Norma era a mesma de todas as mulheres de Magalhães Menor. Seguras de si mesmas, constituíam o símbolo do tempo, da segurança e até da lei; controlavam os arrojos dos seus homens com mais eficácia que um exército de juizes, mas ao mesmo tempo incitando-os a dar o melhor de si. À força de intuição, elas defendiam seus filhos e até a própria espécie, opondo-se, caso necessário, à cega cobiça masculina.

Entre Shangrin e Norma a luta parecia ser muito desigual. Mas podia não ser tanto. Era possível que somente uma mulher conseguisse vencer aquele velho solitário que havia derrotado o espaço, tantas raças estranhas, as armadilhas dos mundos novos, e que agora pretendia enfrentar-se com o tempo.

A caravana demorou quatro dias para alcançar o acampamento do Ulsar. Os deslizados teriam podido cruzar as savanas e chegar aos contrafortes montanhosos em um tempo infinitamente menor, mas Shangrin havia preferido seguir o passo lento das montarias dos seus aliados. Não julgou conveniente fazer alarde do seu poderio.

Os ginetes abriam a marcha, enquadrando Shangrin e o Sar. O capitão cavalgava o animal de um dos guerreiros mortos e exibia sua cota de malha avermelhada e uma espada de aço. Dir-se-ia que finalmente acabara de encontrar para si o papel mais adequado, como se houvesse nascido para sulcar infundáveis planícies com a espada na mão e a barba vermelha ao vento. O Sar havia abandonado seu carro quebrado e recusou a oferta que fizeram de construírem outro, mas aceitou encantado a espada de tungstênio que os estrangeiros forjaram no fogo nuclear.

Os deslizados seguiam os ginetes transportando o séquito de Shangrin: Gregori, Smirno e duas equipes de combate, uma pequena força de trinta homens, todos eles com suas cotas de malha e cingindo a espada no cinto, mas ocultando outras armas mais perigosas, pois Shangrin não costumava conceder a alguém uma confiança ilimitada.

Cavalgaram durante quatro dias sem que o capitão desse o menor sinal de fadiga. O Sar teve que admitir que o uso das máquinas não havia debilitado a resistência física daquele estrangeiro, como acontecia aos desprezíveis habitantes das cidades. A conversa entre Shangrin e o Sar foi contínua durante o caminho e no ânimo do guerreiro nasceu um enorme respeito pela poderosa civilização que conseguia forjar semelhantes homens. Pela primeira vez em sua vida, o Sar achou que acabava de encontrar uma personalidade mais poderosa que a do Ulsar. Se Shangrin lhe tivesse proposto que o acompanhasse no espaço, não teria vacilado em fazê-lo.

Subiram para o norte e avançaram através de um lamento labirinto de pântanos. Durante quase todo um dia as cavalgaduras se moveram com água até o peito e as plantas aquáticas se enroscaram nas esporas dos ginetes, que arrastavam consigo uma trilha verde. O solo se firmou depois e tiveram que cruzar estreitos desfiladeiros

açoitados por violentas rajadas de vento, locais moldados há milhares de anos atrás por fantásticas geleiras. Alcançaram as colinas rochosas no meio-dia da quarta jornada. O tempo era seco e quente. Os matagais azuis formigavam de caça. Viram-se obrigados a rodear prudentemente, para evitar uma grande colmeia de vrons selvagens, uma espécie de colina suspeitamente regular e que, apesar da distância, adivinhava-se ser perfurada e cheia de galerias e depósitos subterrâneos, verdadeira esponja feita de pedra, terra e areia, cimentadas pela saliva daqueles assassinos com coração de quitina.

Os fios de fumo que se elevavam do acampamento do Ulsar rasgavam o céu da tarde, cuja nítida pureza evocava a textura da seda. No alto dos mastros ondeavam vários estandartes com o emblema do chefe. Quando um vigia golpeou em um gongo e depois soprou em uma enorme trompa, o lugar agitou-se como um formigueiro. Brilharam armas, esgrimidas por guerreiros barricados atrás das paliçadas e, em resposta a um gesto do Sar, uma bandeirola colorida subiu até a ponta de um mastro. As pesadas portas de madeira abriram-se de par em par, enquanto um enxame de crianças se lançava encosta abaixo para receber os recém chegados.

Shangrin ordenou aos pilotos dos deslisadores que detivessem seus aparelhos, enquanto Gregori examinava o acampamento do Ulsar com seus binóculos. A paliçada coberta de vegetação impedia que se vissem bem as instalações internas, e somente os estandartes conferiam ao recinto um aspecto militar. Mas a cidadela parecia mais um acampamento provisório que uma base permanente, sugerindo que os partidários do Ulsar eram nômades. Existiram civilizações parecidas na remota história da humanidade; Gregori lembrou que quase todas elas haviam deixado recordações bastante desagradáveis. Talvez tudo fosse preconceito, pensou. As história havia sido registrada sempre em tabletes de barro ou escrita em papel, por pessoas pertencentes às cidades e inimigos tradicionais das tribos nômades. Objetivamente, nada permitia assegurar que os cidadãos fossem mais civilizados ou menos cruéis que os nômades, embora sua cultura pudesse ser superior. Pelo que se referia a Xandra, a selvageria se evidenciava mais nas cidades; isto se devia sem dúvida à inferioridade numérica dos seus habitantes.

Cavalcando junto ao Sar, Shangrin franqueou as portas do acampamento. Viu diante de si uma espécie de cratera cujo fundo estava ocupada por fileiras de tendas perfeitamente alinhadas. Os limites do cercado estavam ocultos por outras construções, algumas delas de madeira. O lugar parecia muito extenso, já que um recinto próximo parecia conter centenas de hexápodes. A cratera se prolongava a bastante distância, adquirindo maior profundidade; era possível que terminasse em um poço ou que tivesse cavernas profundas, embora seu aspecto geral não sugerisse uma origem vulcânica.

De pé, entre um reduzido número de guerreiros, um homem ataviado com ricos colares próprios dos bárbaros olhava para eles. O Sar saltou da sua montaria e prostrou-se perante ele. "O Ulsar", pensou Shangrin no mesmo instante.

Fez um esforço para dissimular sua decepção. Esperava encontrar algum colosso transbordante de força, disposto a desafiá-lo a qualquer luta física, com um tipo capaz de dominar seus adversários apenas com suas palavras, com sua acha ou com sua astúcia rudimentar.

Mas o Ulsar era na realidade um homenzinho fraco e moreno, nervoso e com os olhos brilhantes. Não levava arma alguma. O menor empurrão por parte de qualquer dos gigantes que o rodeavam teria bastado para derrubá-lo no chão. Aquele homem devia ser inconcebivelmente hábil para chegar a adquirir tal ascendência sobre um povo para quem a força bruta era o maior mérito. Nem sequer pertencia à mesma

raça que os homens a quem dominava, a menos que fosse o produto de algum caráter hereditário recessivo. Procederia por acaso de alguma das cidades de Xandra? Teria pertencido ao povo avassalador e depois o teria renegado? A história registrava mais de um caso em que os grandes libertadores saíram das fileiras dos opressores.

- Saudações! - cumprimentou Shangrin, sem desmontar.

O Ulsar sorriu. Não era uma expressão inquietante e nem sequer desagradável e sim um sorriso inteligente, quase amigável.

- Bem vindos - respondeu com simplicidade.

Dois guerreiros ajudaram Shangrin a descer da sua montaria.

- Venho lá de cima - disse o capitão, apontando para o céu com um gesto enfático.

- Das estrelas - precisou o Ulsar.

- Isso mesmo - confirmou Shangrin, um pouco desconcertado. E fez um sinal para os homens da sua escolta, que saltaram dos seus hexápodes e acercaram-se com algumas arcas.

- O Sar me descreveu seu poderio - prosseguiu Shangrin. - Somos mercadores e desejamos iniciar transações pacíficas com este povo. Aspiramos ser vossos amigos.

A voz do capitão soava concisa e cortês, embora desprovida de obsequiosidade e servilismo. Levantou a tampa das arcas.

Mas o Ulsar permaneceu impassível, e suas palavras eram frias quando falou.

- Os presentes simbolizam amizade entre povos iguais. Sois chefe do vosso povo?

- Eu sou o chefe, com efeito - confirmou categoricamente Shangrin. - Minha gente é muito numerosa. Vivemos em uma grande nave que nos trouxe aqui através do espaço. O Sar o examinou e poderá descrevê-lo.

- Acredito.

Shangrin devolveu os cofres aos seus homens. Pela primeira vez estava conhecendo um chefe de tribo que não se precipitava avidamente sobre os presentes oferecidos. Evidentemente, aquele Ulsar não era um bárbaro. O capitão desejou ter Smirno ao seu lado, mas o xenólogo havia ficado junto a Gregori.

- Eu os verei esta noite - decidiu o Ulsar. - Ficarão alojados em minhas tendas.

Depois guardou silêncio, enquanto seus olhos negros e penetrantes se fixavam nos e Shangrin, insistentemente e, segundo lhe pareceu, com uma certa ironia.

- Por que não ordena ao resto dos seus homens que entrem com suas máquinas? Aqui têm espaço suficiente para pousar com facilidade, isto se não temerem os hexápodes e as crianças.

Shangrin procurou dominar sua irritação.

- A porta é muito estreita - alegou.

- Verifiquei bem esses artefatos - observou o Ulsar apertando os olhos, - e juraria que podem voar por cima da paliçada. Afinal eles franquearam os vazios existentes entre os mundos.

- Claro que sim - concordou Shangrin. - Mas não vimos desde as estrelas nessas naves tão...

- Não, já sei que não - interrompeu-o o Ulsar. - Chegaram em uma grande nave esférica.

O capitão mordeu os lábios. Por acaso ele era telepata? Seria este o seu segredo sobre aquele povo? Seria capaz de ler na mente dos seus interlocutores? Em tal caso, as complicações apenas haviam começado.

- Enviarei um dos meus homens para que lhes transmita a ordem de entrar - capitulou finalmente.

- Como? - estranhou o Ulsar. - Creio que você esqueceu quão práticos são esses aparelhos que permitem falar à distância e que os homens das estrelas costumam le-

var sempre consigo.

- Porque não? - aceitou Shangrin, já desafiador.

E levou uma mão à boca para sussurrar algumas ordens a Gregori, tentando fazer com que o Ulsar não suspeitasse que toda a conversa anterior havia sido transmitida e registrada nos deslizadores. Ignoraria realmente?

- Conversaremos esta noite - repetiu o Ulsar. - O Sar os acompanhará a vossas tendas.

Deu meia volta para se afastar, mas após uns passos deteve-se e voltou a cabeça.

- Por certo - disse, podeis levar todas vossas armas. Confio em vocês. Quero que se considerem como meus convidados.

Shangrin voltou-se para seus homens com um gesto de impotência, enquanto os deslizadores projetavam sobre eles uma enorme sombra ao ultrapassar a paliçada. A claridade voltou e atenuou-se o vendaval levantado pelos aparelhos, que foram pou-sando no quadrilátero rodeado pelas tendas.

O assunto ia ser difícil. E se fosse uma armadilha, bem se poderia dizer que acabavam de se meter na boca do logo.

A tenda era luxuosamente mobilhada Depositadas sobre mesas de madeira estranha, várias garrafas de cristal contendo licores. Os tapetes cobriam o solo, panóplias de armas pendiam de suportes de osso e os assentos de couro, imitando selas de montar, formavam um círculo ao redor de uma grande chaminé de cobre com relevos.

Pensativos e meditabundos, Shangrin, Gregori e Smirno esquentavam as mãos na lareira.

- Ele pode ter modos de bárbaro - considerava Smirno, - mas demonstra saber muito para um selvagem.

- Lembrem que ele já viajou pelo espaço - observou Gregori.

- O que eu gostaria de saber - sussurrou Shangrin, enquanto acariciava a barba - é exatamente de onde ele vem.

A chaleira esquentava o fogo sob o vigilante olhar do capitão, atento ao ponto de ebulição da água. Retirou-a do fogo e jogou dentro uma pitada de ervas aromáticas.

- Não acredito que tenham nos estendido uma armadilha - opinou Gregori. - Ele parecia mais estar medindo nossas forças. Sabe de sobra que se conseguisse nos destruir aqui não tardaria em ser atacado pela nave, praticamente indestrutível para ele, e muito capaz de arrasar com todo o planeta.

Smirno concordou.

- Ele sabe que é vulnerável e por isto se mostrou tão altivo. Quer nos convencer de que não nos teme. Apostaria que foi assim que conseguiu chegar a ser Ulsar, pois não acho que tenha a menor chance em qualquer luta física contra o mais fraco dos seus guerreiros.

Shangrin sentiu o aroma do chá.

- Quem sabe? - objetou. - Eu o estive observando muito bem e embora pareça fraco, pode ser insuspeitadamente vigoroso. Não deve ter mais que quarenta anos. Se sabe lutar, se possui certos conhecimentos sobre a anatomia e sobre o sistema nervoso humano, nada o impediria de vencer um adversário duas vezes mais pesado que ele. Por regra geral, os bárbaros não conhecem os segredos da luta pessoal. É preciso saber o que todo homem tem sob a pele para poder defender-se ou atacar com eficácia.

- Quem teria lhe ensinado?

- Voltamos ao mesmo problema: De onde ele vem? Mas você tem razão. Ele parece ter ouvido algo e quer nos mostrar que não se deixará manobrar, que não tenhamos ilusões quanto a conquistar as cidades em nosso proveito e assim tirar-nos as castanhas do fogo.

- Ele se deu pressa em sugerir que o considerava como um igual. Embora à primeira vista parecesse estar lhe honrando, na realidade afirmava que sua pessoa não desmerece em nada. Ou seja, que o andrajoso chefe de uma pequena horda de bárbaros vale tanto quanto um capitão do espaço.

- Não estamos enfrentando um chefetinho andrajoso - julgou Shangrin com um sorriso ambíguo. - Esperava encontrar aqui uma fera briguenta, de maneiras expeditas e brutais, mas me saiu um diplomata sutil. Me pergunto até onde seria capaz de chegar no xadrez.

- Por que não ensiná-lo? - sugeriu Smirno. - Não se trata de um magnífico recurso para chegar a um mutuo entendimento?

- Ou de disputa. Não, não estou procurando este tipo de desafio. Era o Runi quem eu gostaria que estivesse aqui; sua opinião poderia me ser muito valiosa. Ele costuma ter umas ideias tão profundas...!

- A respeito do universo físico, talvez sim - admitiu Smirno, - mas quando se trata de homens...

- É um jogador de xadrez excepcional e os homens são como peças de um jogo que tem por tabuleiro o universo físico.

- Acho que sua presença poderia irritar ou até aterrorizar o Ulsar - interveio Gregori.

- Você acha? - ironizou o capitão sorvendo seu chá. - Pois eu diria até que são irmãos.

CAPÍTULO 8

O banquete oferecido pelo Ulsar desenrolou-se segundo as melhor tradições bárbaras, embora, de acordo com a íntima convicção de Smirno, exagerando na ostentação. Sob o toldo de uma imensa tenda, os ajudantes haviam disposto longas mesas. A do Ulsar, para onde foram conduzidos os três magalânicos, dominava as demais do alto de um estrado. O Ulsar foi o último a se apresentar, não o fazendo até que todos seus comandantes, que exibiam túnicas coloridas de cores deslumbrantes, sedas rangentes e adagas lavradas com pedraria pendendo do pescoço com cordões de pele, se houvessem sentado em meio a uma ensurdecadora algaravia. Além disto haviam trazido consigo pesados copos de estanho e os serventes - sem dúvida prisioneiros capturados em incursões contra as cidades - se apressaram a enchê-los com vinho claro.

A entrada do Ulsar impôs silêncio. Era seguido por um grupo de escravos curvados pelo peso de um grande cofre que cada um deles carregava sobre os ombros. Quando ele se instalou em sua poltrona de madeira coberta de peles coloridas, os servos abriram os cofres e dispuseram em sua mesa uma vasilha de ouro. Dirigindo-se depois para um suporte situado aos pés do estrado, começaram a apresentar os presentes de Shangrin: um enorme diamante talhado com delicada arte, após haver maturado durante quase uma eternidade nas entranhas de um asteroide, uma magnífica panóplia e uma caixa misteriosa adornada com pedrarias que o capitão pegou por um momento para acionar uma mola e fazer com que brotasse dela uma melodia inesperada. Os dignatários do Ulsar ficaram boquiabertos e até mesmo o próprio chefe pareceu encantado. Encheu seu copo, ofereceu um brinde ao seu hóspede e esvaziou o líquido dentro de um braseiro enquanto pronunciava uma oração aos deuses.

Smirno se perguntava se tudo aquilo não seria uma comédia, quando o Ulsar bateu palmas e começaram a suceder-se os pratos. Agarrou com as duas mãos um enorme pedaço de carne e devorou-a a dentadas; então expediu novas ordens e as bailarinas fizeram sua aparição. O que pretendiam esconder por trás daquela festa grosseira de luxo bárbaro, daquele esbanjamento de cores, de ruídos, de manjares, de vinhos e danças selvagens e excitantes? Uma jovem chegou junto ao xenólogo e fez menção de beber em sua taça; ele não duvidou da sua sinceridade, compreendendo que tentava agradá-lo e sua beleza o impediu de rechaçá-la. Mas aquele excesso de tudo fazia crer em uma alarde muito premeditado. O Ulsar se comportava como um autêntico chefe bárbaro: vociferava, batia as mãos incessantemente para pedir mais comida, esvaziava copo após copo e trocava estrondosas risadas com Shangrin ou dava sonoras tapas sobre os ombros de Gregori. Envolto com sua iridescente cota de malha, o capitão não ficava para trás. Ele pelo menos desempenhava o seu papel à perfeição, e o fazia tão maravilhosamente que se teria dito que em seu interior acabara de despertar outro bárbaro não menos autêntico. E talvez fosse assim realmente, pois o ruidoso prazer que parecia experimentar naquele banquete po-

dia fazer parte da sua natureza íntima. Entretanto, notava que nem por isto deixava de continuar sendo Varun Shangrin, o sempre prevenido capitão.

O grupo de acólitos do Ulsar armava um barulho desmedido. Alguns deles haviam desaparecido entre as dobras das toalhas de mesa, enquanto outros perseguiam por cima das mesas, em meio a um estrondoso pisotear de botas e derrubando copos e vasilhas, as bailarinas, que eram ágeis demais para o pesado passo dos bêbados. Shangrin e o Ulsar falavam sobre caçadas, enquanto Gregori permanecia ligeiramente ensimesmado. Smirno observou que o segundo em comando se movia furtivamente para introduzir na boca uma pílula contra a embriaguez. De sua parte, embora houvesse bebido tanto ou talvez mais que seu anfitrião, o capitão parecia suportar o álcool sem necessidade de alguma ajuda artificial.

De vez em quando, ao que parece ainda não bêbado o bastante, alguns dos homens das desarrumadas mesas se levantava e desaparecia por alguns instantes. Smirno suspeitou o que iam fazer: a capacidade do estômago humano tem seus limites, enquanto que a glotonaria e a sede de um bárbaro imerso nos excessos se rebelam contra aquela realidade. Mas quando um escravo aproximou uma vasilha de ouro da boca do Ulsar e este afundou tranquilamente os dedos na garganta para vomitar com mais facilidade, o xenólogo não pôde conter uma tremenda náusea. Consolou-se com o fato que Gregori demonstrava uma reação idêntica, embora a tivesse dominado no anto. Mas Shangrin esteve magnífico, imitou seu anfitrião sem vacilar e dedicou um rápido olhar de irritação aos seus dois companheiros quando os viu rechegar aquele recurso com um gesto tão seco quanto contundente.

Adaptar-se. Este havia sido sempre o mandamento dos mercadores. Ser romano em Roma, uivar com os lobos, compartilhar o pão e o sal com os anfitriões e hóspedes. Mas existiam certos limites. Não estaria zombando deles aquele Ulsar, não tentava exagerar deliberadamente sua selvageria para convencê-los de que era o chefe bárbaro que eles queriam que fosse?

O tema da conversa entabulada entre Shangrin e o Ulsar parecia estar mudando. Gregori intervinha nela de vez em quando, e era quase sempre para corroborar, pelo menos em aparência, os critérios do Ulsar. O capitão e seu segundo de fato aplicavam-se de fato em uma sutil manobra inquisitiva, mas seu anfitrião não se decidia a dizer nada realmente interessante, pelo que as perguntas de Shangrin começaram a se fazer mais diretas.

- Entendi que vosso povo já vem há algum tempo sustentando algum tipo de comércio com o espaço - disse.

O Ulsar sorriu durante um bom tempo.

- Compramos armas a alguns traficantes. Isto nos permite lutar quase que em igualdade de condições contra os tiranos das cidades.

- Mas se as cidades controlam o espaço, as entregas para o seu povo sofreram, sem dúvida, de alguma irregularidade e escassez.

- É possível. Não ocultarei que teria prazer em comprar armas a vocês.

- Isto lhes permitiria conseguir uma rápida vitória sobre as cidades. Já que, segundo deduzi, as superioridade numérica dos homens está a seu favor, não? Entretanto, vejo que as cidades são praticamente invulneráveis.

Os traços do Ulsar se contraíram por um instante.

- De fato, é assim.

Sua dicção havia voltado a se tornar ligeiramente difícil.

- Por outro lado - considerou Shangrin, - não poderemos confiar em manter um comércio aceitável com este planeta enquanto as cidades continuarem a deter o monopólio do espaço.

E inclinou-se para o Ulsar para sussurrar-lhe confidencialmente:

- Eles dispararam alguns foguetes contra nós tentando nos destruir, mas, naturalmente não conseguiram.

- Você não pode negar que vinham dispostos a tratar de negócios com as cidades - disse o Ulsar.

Shangrin balançou a cabeça vigorosamente.

- Não vimos com nenhuma intenção, visto que ignorávamos a situação política deste planeta. Por outro lado, se as cidades contam com sua própria rede planetária, esta não nos teria permitido que lhe fizéssemos concorrência. - o capitão soltou uma ruidosa gargalhada e acrescentou: - Tenho por costume nunca me meter nas disputas políticas existentes nos mundos com os quais comercio. É uma espécie de princípio. Embora que, em certo sentido, aqui eu preferiria ver vosso povo de guerreiros triunfar.

- Verdade? - sorriu o Ulsar.

Bateu palmas e uma jarra voltou a derramar líquido nos copos.

- Somos irmãos, não é verdade? - e ao dizer isto bateu afetuosamente nas costas do capitão.

- Aliados - retificou Shangrin. - Sim, estou certo de que teria prazer em vê-los triunfar contra as cidades.

- Vis opressores - cuspiu o Ulsar, com a cabeça inclinada.

- Creio que acabarei pondo à vossa disposição os meios para conseguir a vitória.

- Suínos covardes...!

- Naturalmente, eu precisaria ter uma participação sobre o saque. E também o monopólio provisório do comércio com este planeta.

- Seus dias estão contados...!

- E estabelecer contato com seus provedores atuais. Poderíamos organizar uma frota conjunta e conquistar o espaço. Estou convencido de que conseguiríamos controlar todo o sistema com bastante rapidez e talvez até nos estendermos mais além. As cidades se renderiam em todas as partes.

- Muitos, muitos piratas no espaço - murmurou o Ulsar.

- Nós os transformaremos em corsários - assegurou Shangrin, inflamando-se. - E em mercenários. Tenho com que pagá-los.

Mas o Ulsar ergueu-se inopinadamente com majestosa lentidão.

- O que exatamente vocês pretendem? - perguntou com uma voz normal, fria, controlada, na qual não parecia restar o menor vestígio de embriaguez.

Shangrin fingiu surpreender-se.

- Eu? Quero o benefício, claro! - respondeu com voz de bêbado.

Mas o capitão notou que, por debaixo da mesa, um pé de Smirno lhe pisava frenético. ("Está bem, chegou o momento!" pensou)

- Não - replicava imperiosamente o Ulsar. - Sei que procuram outra coisa!

Estava claro que tudo que havia se passado havia sido pura comédia. O Ulsar parecia perfeitamente sóbrio.

- E também o poder, como é natural - acrescentou Shangrin. - É importante que atuemos aliados contra as cidades. Mas nós tivemos uma jornada esgotadora e este jantar copioso. Por que não deixamos os detalhes para amanhã?

E o capitão mostrou com um amplo gesto o bacanal que continuava tendo lugar ao seu redor em meio a uma gritaria ensurdecadora.

O Ulsar sorriu levemente.

- Sua embriaguez é tão fingida como a minha, o mesmo digo a respeito dos seus companheiros. A demora é sempre uma má conselheira e ambos temos pressa em

esclarecer as coisas, não é assim?

- De fato - concordou Shangrin.

Gregori fez um gesto de assentimento.

O Ulsar levantou-se e bateu as mãos com força, fazendo com que seu sinal ecoasse em toda a tenda. O tumulto decresceu e o silêncio acabou se impondo. Todos os que ainda estavam em condições de fazê-lo, dedicaram sua atenção ao estrado, enquanto que as bailarinas se imobilizavam e um dos escravos, surpreso, deixou cair um copo que quebrou-se com estrépito. A escura mancha do líquido derramado brilhou no chão com o reflexo das tochas.

- Saiam! - ordenou o Ulsar com voz potente. - Fora, todos!

Instantaneamente todos correram para as portas. Os comensais capazes de se sustentarem saíram com passo cambaleante, ajudados pelas bailarinas, enquanto que uma nuvem de escravos acudia para levar o resto. Alguns protestaram ao ser despertados tão bruscamente, mas suas vozes foram caladas. Ainda ajoelhada aos pés de Smirno, a garota que havia bebido em seu copo olhou-o com olhos inquisitivos, mas ele fez um sinal discreto e a jovem afastou-se em silêncio.

Uma segunda onda de ajudantes retirou rapidamente serviços e vasilhas, envolvendo tudo em mantas.

Imóveis e silenciosos no estrado, os magalânicos observavam o Ulsar. Smirno disse para si mesmo que o homem estava fazendo uma demonstração do seu poder. Que podia reinar sobre uma horda de bárbaros, mas que estava longe de sê-lo. Enquanto engolia com dificuldade um comprimido contra a embriaguez, o xenólogo considerou que aquele fato voltava a levantar o enigma da verdadeira origem daquele indivíduo. Quando ficaram completamente sozinhos e o Ulsar voltou a se sentar, refletindo em sua face uma expressão que era uma mescla de uma leve ironia e de uma dissimulada e ávida curiosidade, Smirno sentiu-se extremamente aliviado ao escutar a voz de Shangrin formulando, sem rodeios, a pergunta capital:

- De onde você procede? Com certeza não pertence à mesma raça deste povo.

- Eu poderia fazer-lhes a mesma pergunta - respondeu o Ulsar. - Já ouvi falar da maioria das civilizações que nos rodeiam, mas vocês não vêm de nenhuma delas.

Xeque-mate.

Shangrin colocou suas mãos sobre a mesa.

- O fato é que ambos temos um interesse comum na conquista das cidades. Você busca com isto o domínio do planeta e eu pretendo encontrar nele certas informações que necessito.

- Não ambiciono dominar este mundo - replicou o Ulsar. - Somente desejo liberá-lo da opressão das cidades - e sorriu ao acrescentar: - Sim, somos aliados, podemos ser francos uns com os outros, mas para chegarmos a uma aliança é indispensável a prévia franqueza. Um espécie de círculo vicioso, não acha?

- Não - interveio Gregori. - O que nós procuramos também podemos encontrar em outra parte, enquanto que vocês nunca conseguirão tomar as cidades sem nossa ajuda.

- É possível - meditou o Ulsar. - Pode ser que vocês não precisem de mim para nada.

Levantou seu copo e olhou para ele com ar divertido.

- Quem mede o seu vinho nunca cairá na embriaguez - sentenciou. - Não, eu não sou daqui. Nem sequer nasci neste planeta. Vocês já suspeitavam, não?

Shangrin assentiu.

- O caso é - prosseguiu o Ulsar - que a situação política era bastante confusa nesta região do espaço. Há muito tempo, há algumas décadas, um império poderoso es-

tendia-se por trinta mundos, dominando particularmente este planeta.

- O império das cidades - disse Smirno.

- Digamos que sim - conveyo o Ulsar. - Esse império era composto por uma casta dominante, integrada por descendentes de raças invasoras e por uma plebe infinitamente mais numerosa de escravos que constituía de fato a população primitiva de cada um desses planetas. A crueldade da casta dominante não tinha limites. Várias rebeliões explodiram em diversos pontos, mas sempre foram reprimidas de forma implacável. Os povos oprimidos dos diferentes planetas não dispunham de frota espacial e costumavam ignorar a existência do império intersideral que os subjugava. Quando explodia uma rebelião, bastava aos opressores enviar uma potente frota para sufocá-la. Para que uma revolução pudesse contar com um mínimo de possibilidade de êxito, tecia sido necessário fazê-la explodir em vários mundos ao mesmo tempo e que seus organizadores dispusessem dos meios de coordenação necessários, ou seja, uma frota própria.

Entretanto, em alguns mundos as hordas isoladas conseguiram sobreviver e chegaram a se organizar. Conseguiram inclusive infiltrar-se nas cidades e adquirir certos conhecimentos rudimentares de tecnologia e se apoderar de algumas naves. Começou então uma fase de lutas ferozes entre várias facções rebeldes, empenhadas cada uma delas em ter o controle final do movimento revolucionário. Por fim, um dos grupos conseguiu se impor sobre os demais e quando as condições foram favoráveis, desencadeou um levante geral, organizado desta vez. Eles haviam enviado homens treinados previamente para a maioria dos planetas afetados, com o objetivo de sublevar as populações e orientá-las para o combate. Iniciou-se assim uma guerra que começou se desenvolvendo essencialmente sobre o próprio terreno dos planetas mais prejudicados. Já faz vários séculos que esta guerra continua e o império retrocede sem cessar. A revolução terminará por exterminá-los ou por expulsá-los desta região planetária.

O semblante do Ulsar endureceu-se ao acrescentar:

- Eu pertenço à dita organização. Fui enviado a Xandra há mais de vinte anos e minha missão está finalizando. A casta opressora está confinada atrás das muralhas das suas cidades e este planeta alcançará sua liberdade total em poucas décadas.

- E o que acontecerá então? - perguntou Smirno.

- Não sou eu quem dirige a organização - respondeu secamente o Ulsar. - A batalha abrange uns sessenta e cinco planetas e eu sou somente a engrenagem encarregada de controlar o que aqui tem lugar. Dois ou três mundos já foram liberados. Naturalmente nós temos nosso programa. Queremos constituir uma federação entre os planetas que estão submetidos ao império e fazer com que esses povos afundados na barbárie adquiram o sentido de uma autêntica civilização.

- Um nobre programa - falou Shangrin. - Embora que, para dizer a verdade, não parece que haja escrúpulos na escolha dos meios.

- Antes de tudo temos que ganhar a guerra. Depois atenderemos a outras coisas. Sua ajuda pode nos economizar anos de luta.

- Quais são suas forças no espaço? - perguntou o capitão.

- Bem, nem tudo é tão simples. O império tem a melhor frota. De nossa parte, contamos com algumas naves que cuidam das conexões e distribuem agentes e armamento onde podem fazê-lo. Mas a confusão da guerra fomentou uma certa anarquia nesses tráficos. Naves que pertenciam à nossa organização se dedicam agora a uma pirataria mais ou menos declarada, enquanto que outras federações próximas enviam traficantes para oferecer armas, indistintamente às cidades e a nós. Há pelo menos trinta ou quarenta facções distintas disputando o espaço. O império está

afundando, mas nossa organização ainda não é bastante poderosa para encarregar-se da sua sucessão.

- Um interregno - sugeriu pensativamente Smirno.

E considerou a caótica mescla de pilhagens, escaramuças, assaltos, matanças e insegurança a que podia dar lugar a situação. Assim pois, o setor do espaço onde a "Vasco" havia adentrado, tão seguro dos seus poderes e da sua velocidade, era o cenário de uma guerra sangrenta. Comparada com a potência invencível de Magalhães Menor, podia parecer uma trivialidade entre ninhos de formigas, mas os homens morriam nela.

- Eles ignoram isto tudo, não é verdade? - perguntou Gregori.

- Meu povo? Claro. Vou explicando-lhes pouco a pouco.

- E eles tomam os homens do espaço por deuses.

- Sim, mas isto lhes dá maior fé e coragem para desafiar os demônios das cidades.

Smirno pigarreou.

- Temo que poucos deles conseguirão desfrutar dos frutos desta guerra - disse.

- É muito possível - admitiu o Ulsar - que jamais conheçam o que é a paz. Mas lutam por seus descendentes. E vocês? Para que ou para quem fariam a guerra aqui?

- Eu já disse que... - começou Shangrin.

- Não, eu insisto que não! - interrompeu-o violentamente o Ulsar. - Não me venha novamente com essa besteira de proveitos e poderes! Esta verdade não me convence. Vocês não são piratas, nem pertencem a alguma civilização próxima.

- Viemos de muito longe - insinuou Gregori.

O punho do Ulsar golpeou a mesa.

- Não estou perguntando de onde vêm e sim de quando! Porque não é a distância que os preocupa e sim o tempo, não é verdade?

Shangrin deixou escapar um assovio entredentes.

- Quer dizer então que também sabe? Conhece algum povo capaz de viajar através do tempo?

- Acha que esta guerra duraria tanto se nós controlássemos o tempo? Ouçam-me bem, nem os homens do império, nem os autóctones, nem nenhuma das civilizações que nos rodeiam nasceram aqui. Os sábios do império sabem disto, embora não possuam dados relativos à verdadeira época dos seus antepassados. E algumas lendas do meu povo fazem uma vaga referência ao primeiros homens que franquearam anos e séculos como se fossem simples riachos. Parece que, seja acidentalmente ou de modo premeditado, várias naves foram e estão sendo arrancadas do espaço, aqui e ali, a intervalos de vários séculos. Cada nave capturada procede de um futuro diferente. Vocês são os últimos a chegar e sei que procuram uma forma de regressar à sua época. Aham que as cidades possuem este segredo e, uma vez que eles se negam a negociar com vocês, decidiram arrancar à força.

Shangrin torceu o rosto em um gesto irônico.

- E vocês? - perguntou - Vão me dizer que nunca tentaram restabelecer contato com o futuro?

- Para que? Nós pertencemos a este munto e temos pendente nele o resultado de uma luta. Mais adiante, talvez.

Smirno se disse que o raciocínio do Ulsar não carecia de lógica. Integrados naquela época, seus povos necessitavam escalar uma interminável cadeia de gerações para alcançar os homens esquecidos que foram jogados naquela masmorra do tempo.

Mas ao mesmo tempo tudo aquilo era desesperador. Embora o império e seus adversários conhecessem ou suspeitassem da sua origem, ambos ignoravam tudo sobre o controle do tempo. De nada lhes serviria a conquista das cidades.

O capitão se levantou pesadamente.

- Desejaria beber um pouco de chá - disse com cansaço. - Se importaria se passássemos para a nossa tenda?

A chaleira ronronava sossegadamente. Se não fosse pelo luxo bárbaro que continuava rodeando-o, Shangrin podia se acreditar novamente na sala de navegação da "Vasco". Mas sentia dar voltas ao seu redor muitos espectros: restos de nave extraviadas, resíduos de cureis impérios destruídos por suas próprias vítimas, slogans revolucionários e, abarcando tudo, a franqueza crua, fria e lógica do homem singular que, valendo-se de meios primitivamente despóticos, pretendia lutar em prol da liberdade e sentava-se agora à sua frente.

Por onde olhasse, o Ulsar parecia tê-lo posto à sua mercê. Entretanto aquilo podia ser um recurso sutil para influenciar sobre suas futuras decisões. Havia-lhe revelado a possibilidade de um próximo e aventurado passo em que ele, sem dúvida, podia equivocar-se. Mas nem o pior dos erros agravaria a já bastante comprometida situação em que se encontravam.

Em qualquer caso, era preferível optar pela batalha. Se a "Vasco" estava destinada a nunca regressar à sua época, seria preferível que seus ocupantes se unissem ao bando vitorioso. Os dias das cidades pareciam contados e se os magalânicos conseguissem desempenhar um papel determinante em sua derrota e na constituição da futura federação livre, tampouco seria impossível que chegassem um dia a dominá-la.

O capitão sacudiu vigorosamente a cabeça. Quase podia predizer o que aconteceria. As vantagens tecnológicas da "Vasco" eram tão consideráveis, comparadas com as da organização revolucionária, que seria fácil para os magalânicos tomar o poder, uma vez conseguida a vitória. Era provável que uma nova tirania, mais sutil e menos cruel que a anterior, se estabelecesse naquela região estelar. Até que transcorressem alguns séculos e outra rebelião se fizesse necessária. E uma segunda "Vasco"...

- Você dizia que são muitas as naves caídas do futuro para cá - perguntou Gregori, dirigindo-se ao Ulsar. - Sabe se alguma delas possuía uma tripulação não humana?

Smirno teria jurado que o Ulsar hesitava diante daquela pergunta. Era muito difícil ler, em um rosto desconhecido, emoções correspondentes a uma civilização ainda menos conhecida, mas o xenólogo estava convencido de que pela primeira vez o Ulsar estava perturbado na presença dos seus convidados. Embora pouco seguro, Smirno redobrou seus esforços para penetrar no pensamento daquele chefe bárbaro.

- O que quer dizer? - respondeu o Ulsar. - Oh não, jamais se deu este caso. Não conheço nenhuma civilização que não seja humana.

Havia realmente um tom de inquietação em sua voz? Teria por acaso aquela dúvida alguma possível pista, algum indício? Aquele indivíduos estariam lhes ocultando-lhes alguma coisa? Smirno lamentou não dispor ali de um detetor de mentiras para saber definitivamente a que se ater.

Shangrin rodeou com as mãos a chaleira fervente.

- Pois nós sim - declarou sem rodeios. - Encontrei alguma delas e até consegui um aliado. Eu digo que seus poderes são imensos e que nos vai ser indispensável para o êxito da nossa luta. Mas, naturalmente, preciso da sua opinião sobre o caso. De fato, não posso me comprometer sem antes consultá-lo.

- Um ser não humano? - o Ulsar parecia experimentar alguma dificuldade em aceitar aquela ideia. - Como ele é?

Shangrin voltou-se para o xenólogo.

- Descreva-o você, Smirno. Afinal é sua especialidade.

Smirno fez uma careta mas não protestou.

- Ele chama a si mesmo de Runi - disse.

E descreveu o Runi minuciosamente, mas abstendo-se de revelar certos detalhes, tais como o notável senso tático e os singulares poderes perceptivos que possuía. De fato, apresentou-o como uma espécie de verme aveludado e dotado de inteligência, ou seja, o que o Runi vinha a ser definitivamente.

O Ulsar parecia refletir.

- Não é perigoso? - perguntou.

Desta vez foi Shangrin quem respondeu.

- Não. É um aliado fiel, que já nos prestou grandes serviços.

- E o que ele pediu em troca deles?

- Nada. Foi sua curiosidade científica que o induziu a compartilhar nossa viagem.

- Ah! - exclamou o Ulsar.

Shangrin serviu o chá em pequenas vasilhas de barro. O Ulsar provou com curiosidade aquele líquido quente e fez uma careta.

- Esse Runi é da mesma época que vocês?

- Mais ou menos - respondeu Shangrin.

- Faz muito tempo que suas espécies mantêm relações amistosas?

Shangrin pensou que lhe seria fácil mentir, mas não visto nenhum objetivo.

- Não - respondeu. - Nós fomos os primeiros a estabelecer contato com seu planeta.

- Entendo - disse o Ulsar, e provou um segundo trago de chá. Depois murmurou:

- Prefiro o vinho.

- O chá é menos nocivo.

- De que época vocês são exatamente?

A pergunta parecia inócua, mas Smirno gravou-a na memória. Que significado poderia ter uma data para o Ulsar?

- Do ano de 27937 da nossa era - declarou Shangrin. - Que vem a ser, aproximadamente, dentro de duzentos e trinta milhões de anos, embora talvez tenhamos que introduzir muitas correções. O tempo não transcorre com ritmo igual, segundo se encontre a bordo de uma nave interestelar ou permanecendo em qualquer dos seus mundos.

- Estou inteirado disto - esclareceu o Ulsar, que parecia inexplicavelmente aliviado.

- Creio que a origem dos nossos povos se situa em vosso futuro - prosseguiu. - As lendas são bastantes imprecisas, mas imagino que seu tempo situa-se mais ou menos nos inícios da nossa era. As primeiras naves que chegaram a Xandra procediam sem dúvida de um futuro estimado em duzentos ou trezentos mil anos além de vocês. E quanto aos opressores, de outro futuro ainda mais distante.

- Assim, de certo modo somos seus antepassados - considerou Shangrin.

- A regressão atenuou as diferenças. Na realidade vocês estão mais avançados que nós. O tempo é uma coisa muito complexa.

- Parece possível para você que algumas naves tenham atravessado o tempo por vontade própria?

O Ulsar franziu as sobrancelhas.

- Pretende saber se sua nave conta com alguma chance de regressar à sua época? Pois bem, eu diria que sim. Creio que existe uma leve possibilidade..

- Mas não será tanto se nos decidirmos a aliar-nos à sua gente, não é verdade?

O Ulsar sorriu.

- Talvez. Vocês não são um tanto desconfiados?

- Sim. Não nos falta razão.

Os olhos do Ulsar se entrecerraram e seu rosto refletiu velhice e cansaço. Profundos sulcos atravessaram sua fronte, ao mesmo tempo que as bochechas decaíam. Aquele homem experimentava o acosso das suas responsabilidades. Embora conseguisse dissimular sob uma máscara de aprumo e energia, agora desnudava sua verdade diante dos estrangeiros.

- Não somos mais que simples joguetes - suspirou - Como vocês explicam o fato de que sejam tantas as naves arrancadas das suas épocas e arrojadas justamente aqui?

- Não sabemos nada de concreto - admitiu Shangrin. - Em nosso caso, a queda foi fulminante. Só nos demos conta do que aconteceu por uma casualidade. Consideramos algumas possibilidades. Pode se tratar de um fenômeno natural, uma espécie de torvelinho espacial, uma voragem quase inconcebível por sua magnitude e extensão, que suga as naves em algum ponto do continuum e os projeta bruscamente em outro. As partículas elementares às vezes sofrem efeitos de fenômenos parecidos, embora em escala infinitamente mais reduzida.

O Ulsar moveu a cabeça, em dúvida.

- Mas a outra probabilidade que consideramos - prosseguiu Shangrin - nos sugere a suspeita de que em um futuro fabulosamente distante alguma raça conseguiu adquirir o domínio sobre o tempo e se dedica a jogar malabares com nossas naves, projetando-as para seu passado ou para seu futuro. Talvez o faça para se proteger, ou então obedecendo a um ponto chave para eles, segundo se deduz pela grande quantidade de naves que vieram parar aqui em um prazo de alguns séculos. Se os senhores do tempo nos tratam como peças do seu jogo, cabe supor que eles vigiam nossos movimentos e reações para que nada altere seus planos. De forma que deve existir alguma possibilidade de identificar esta força oculta, algum meio de lidar com ela.

- E há, estou certo disto - afirmou o Ulsar. - E creio que os senhores do tempo mantêm contatos indiretos com alguns dos impérios que nos rodeiam. Eu não estou situado em um nível suficientemente alto na organização para conhecer essas relações, mas sei que em seu começo recebeu poderosas ajudas de entidades superiores e anônimas. E continuamos recebendo através de contatos intrincados e intermediários; sobretudo certo tipo de armas que ninguém nesta zona do espaço poderia produzir. Se comenta no cosmos sobre a existência de deuses inacessíveis, de entidades todo-poderosas que regem os rumos da história e decidem destinos alheios nos seus remotos antros perdidos nas trevas. Tudo acontece como se por trás da fachada da nossa guerra se desenvolvesse outro conflito muito maior e invisível, embora perpendicular ao nosso espaço e lutado em um grande campo de batalha do tempo.

Shangrin inclinou-se para seu anfitrião.

- Fala como se tivesse alguma prova do que está dizendo - sugeriu.

- Sim - respondeu o Ulsar, - eu a tenho. Mas, antes de mostrá-la, preciso que pactuemos nossa aliança.

- Impossível! - exclamou o capitão. - Não tenho por costume comprar nada sem examinar previamente a mercadoria.

- Escute-me bem - advertiu o Ulsar, - se nós nos unirmos e conseguirmos o domínio total de Xandra, se a organização conseguir triunfar e a projetada federação for criada, nada os impedirá de conhecer as ramificações e contatos que acabo de mencionar, chegando talvez até os próprios senhores do tempo. Estou certo de que à vista da comoção que provocaremos aqui, acabarão se manifestando. Pode ser que não estejam tão distantes como se poderia supor, e pensem que esta é sua única chance.

- Ainda assim quero ver a mercadoria - insistiu Shangrin.
- Bem, de acordo! - aceitou finalmente o Ulsar, que parecia haver se decidido subitamente. - Vou revelar-lhes o segredo sobre o qual ninguém, absolutamente ninguém, exceto eu, tem a menor ideia neste planeta. Vocês decidirão quando o vir e não duvido da sua resposta.

Quando o Ulsar se levantou, toda a fadiga parecia haver desaparecido do seu semblante. Com um sorriso singular tencionando as comissuras dos seus finos lábios, dirigiu-se para a porta da tenda e levantou o tapete que a fechava.

- Sigam-me - disse, submergindo na noite.

O acampamento dormia. As tochas salpicavam a escuridão do alto das paliçadas; silenciosas sentinelas as percorriam, só delatando sua presença quando ocultavam ocasionalmente a luz de uma estrela. Longe, no extremo de uma fileira de tendas, brotava uma canção incerta, repetida em coro por um grupo embriagado. Algum latido cruzava a noite de vez em quando, alternado pelos prolongados e monótonos bramidos dos hexápodes.

Atrás do grupo, a tenda que acabavam de deixar se assemelhava a uma massa escura, monolítica. Detidos no retângulo central do lugar, os magalânicos distinguiram o perfil dos deslizadores; sua superfície de metal polido captava oscilantes reflexos, enquanto que no seu interior os homens deviam estar dormindo, protegidos por um guarda.

O Ulsar bateu palmas discretamente e um gigantesco negro surgiu das sombras com suas armas.

- Pegue uma tocha e siga-me - ordenou-lhe o chefe.

O homem apressou-se a obedecer.

- Temos nossas lanternas - avisou Shangrin.

- Não importa - respondeu o Ulsar. - De qualquer forma vou precisar deste homem.

Cruzaram o acampamento sob a luz dançante da tocha, que despertava à sua passagem o violento colorido das tendas e animava de vez em quando o ondular de um estandarte que arrematava a extremidade de uma lança fincada no solo. Embora chegasse até eles o apagado murmúrio de uma voz, o silêncio e a quietude eram quase absolutos dentro do recinto. A disciplina do Ulsar devia ser implacável, ou talvez os soldados tinham conservado, desde a época do seu cativeiro nas cidades, o costume de se recolherem às suas camas ao cair da noite. Os magalânicos se assombraram ao observar armas que faziam um inconcebível contraste entre si: espadas, couraças e lanças bárbaras junto a silhuetas estilizadas de foguetes e seu dispositivo lançador. Embora aqueles artefatos não fossem produto de uma tecnologia excepcional, era difícil acreditar que tivessem sido construídos em Xandra, exceto talvez nas cidades.

- É frequente a captura de material dos arsenais do império? - perguntou o capitão.

O Ulsar voltou a cabeça para Shangrin.

- Não. É um caso excepcional - explicou. - Eles costumam explodi-los antes de se renderem. Estes foguetes vêm do espaço, mas sua eficácia contra as cidades é escassa, pois ali há telas protetoras praticamente invulneráveis.

Smirno fixou sua atenção no homem que carregava a tocha. Seus traços eram tão primitivos como seus membros eram maciços. Como os foguetes ultrassônicos podiam compartilhar seu universo elementar. Era de se supor que para aquele tipo a explosão dos átomos não seria outra coisa senão o trovão de um deus; pensaria que eram os deuses que combatiam sobre sua cabeça e trataria de ajudar os que lhe fos-

sem propícios pondo nisto sua melhor vontade, embora seguramente sem muitas ilusões.

"Haverá realmente tanta diferença entre esses bárbaros e nós?" se perguntou Smirno. "Porque também acima das nossas cabeças..."

Estavam as estrelas, claro, e elas ocultavam o segredo de ignoradas entidades que haviam chegado a dominar o tempo.

O grupo começou a descer em silêncio até o fundo da cratera, fazendo rolar pedras à sua passagem. Shangrin observou que aquele funil constituía uma posição estratégica muito singular. Suas bordas não eram suficientemente altas para ocultar o acampamento nem para protegê-lo eficazmente contra um assalto direto, mas o fazia perfeitamente detectável do ar e, sobretudo, do espaço. Mas então se lembrou que eles não haviam visto nada da "Vasco". O fato era estranho, pois embora a cratera tivesse escapado à atenção dos vigias e rastreadores humanos, os cibernéticos não teriam deixado de registrá-la. Não era aquilo um novo enigma?

De sua parte, Gregori comprovou que a forma da grande depressão não era circular. O negrume das suas paredes se perfilava sobre a escuridão azulada do céu e viu que a altura daquelas tampouco era regular, e sim muito maior no lado para o qual eles avançavam. Era uma cratera de forma ovalada, assimétrica. A parte que deixavam para trás apenas tinha bordas marcadas e era muito larga e arredondada, enquanto que a extremidade contrária ia se estreitando e parecia quase terminar em ponta, arrematada por um grande penhasco em forma de esporão. Justamente ali a fenda começava a afundar-se no terreno até uma profundidade que não se podia adivinhar.

Aquilo não podia ser de origem vulcânica. Embora alguns fragmentos de rocha parecessem vitrificados pela ação de uma fabulosa temperatura, sua composição não lembrava a lava vulcânica, nem tampouco uma falha granítica. As paredes da suposta cratera pareciam da mesma natureza das terras sedimentares da planície circundante.

Gregori chegou à inevitável conclusão que tudo aquilo lembrava o impacto de uma espécie de projétil monstruoso, algo que havia investido contra o solo da planície em um ângulo de poucos graus, quase tangencialmente. O presumível meteoro teria amontoado diante de si, ao cavar o solo, as capas rochosas que faziam parte do esporão, ao mesmo tempo em que projetava atrás de si os restos, convertidos nas presentes bordas mais baixas.

O declive por onde o grupo descia foi se acentuando até obrigá-los a se segurar a cada passo. O soldado começou a vacilar e acabou detendo-se, deixando que o Ulsar pegasse a tocha. O semblante daquele hercúleo personagem parecia convulsionado pelo terror e Shangrin deduziu que não era somente a presença do Ulsar a causa de tal reação.

- Vamos ver os deuses - declarou este, dirigindo-se ao guerreiro.

A expressão do homem iluminou-se no ato.

- Atravessaremos as portas co céu! - exclamou com voz rouca. - Oh, obrigado, mil vezes obrigado, meu libertador!

Ante a estupefação dos magalânicos, o soldado caiu de joelhos diante do Ulsar e beijou-lhe as mãos.

- Caminhe - ordenou este.

O homem levantou-se, voltou a pegar a tocha e retomou a marcha com maior rapidez. Tiveram que atravessar uma espécie de pequena barreira formada por pedras brancas que se destacavam à luz das estrelas como uma fronteira proibida. Algum temível tabu vedava com segurança a passagem para o fundo da cratera, fazendo

desnecessária a presença de uma guarda, porque a superstição dos bárbaros a convertia em um templo inviolável.

O caminho descia em espiral, junto às paredes. À direita dos caminhantes, o fundo do poço se perdia nas trevas. Gregori se perguntou se a progressiva estreiteza do caminho acabaria condenando-os ao abismo e se tudo aquilo não seria uma armadilha que, inopinadamente, lhes estendia o Ulsar. Inquieto, deslizou as mãos nos bolsos e acariciou as empunhaduras das suas armas.

O esporão não tardou em dominá-los, de modo que o penhasco parecia pender sobre suas cabeças. O brilho da tocha lhes permitia ir identificando uma sucessão de extratos rochosos que vinham a ser como a única assinatura deixada pelo fogo ou por alucinantes energias que ali tivessem desencadeado seus poderes. A cratera se perdia, agora obliquamente, aos seus pés, de tal modo que o grupo ficava como que suspenso sobre aquele precário caminho esculpido na parede, entre esta e um abismo circular tão extraordinariamente vasto, que a luz da tocha não conseguia iluminar o lado oposto. Gregori teve que lutar contra a tentação de acender sua lanterna e dirigir o foco luminoso para fundo.

CAPÍTULO 9

As estreiteza da cornija acabou obrigando-os a avançar lentamente e em fila de um. O guerreiro os precedia, penetrando as trevas, seguido por um apressado Ulsar, e a marcha era fechada por Gregori, que tinha toda sua atenção posta na passo mais inseguro de Smirno, preocupado por sua vez em não distanciar-se demasiado do capitão. À medida que iam adentrando a cratera, as estrelas pareciam ir se apagando sucessivamente.

O guerreiro e o Ulsar se detiveram no ponto onde a cornija se alargava e parecia terminar. Shangrin prescrutou a escuridão, embora que pelo lado do abismo nada lhe esclarecesse os possíveis motivos da expedição.

Mas o Ulsar dava as costas ao fundo e olhava para a parede. Os magalânicos puderam observar que algo ou alguém havia aberto uma estreito túnel que perfurava a rocha e penetrava na montanha, embora a boca estivesse obstruída por uma pesada rocha, uma bola de pedra toscamente lavrada.

O soldado fixou a tocha em uma fenda do penhasco. As manchas de fumaça sobre a pedra testemunhavam que não era a primeira vez que alguém se detinha ali. Seguindo as instruções que lhe dava o Ulsar, o gigante empurrou com todas suas forças, conseguindo apenas que a pedra rolasse algumas polegadas.

Shangrin notou que tratava-se de um sistema surpreendentemente primitivo, estranhado que o Ulsar não tivesse previsto outro melhor. Mas depois notou que, apesar do seu aspecto grosseiro, o bloco se ajustava à abertura como a chave em uma fechadura. Teria sido necessário um explosivo muito poderoso para movê-la, a menos que alguém soubesse onde e em que sentido empurrar. O sistema era elementar, mas nada o impedia de ser eficaz.

A enorme pedra finalmente rolou silenciosamente. Havia-se movimentado muito pouco e já estava em uma nova posição de equilíbrio. Teria bastado empurrá-la com um só dedo para que voltasse a ocupar sua primitiva posição. A um sinal do Ulsar, o guerreiro se meteu pelo túnel e os demais o seguiram.

Novamente se encontravam diante de uma descida em espiral, escavada na rocha por meios rudimentares. As marcas das ferramentas ainda se viam na pedra, como milhares de pegadas deixadas à sua passagem por outros tantos insetos. Os magalânicos adivinharam que o túnel havia sido aberto através da montanha para poder alcançar o fundo da cratera, e assim chegar ao objeto que havia provocado tal comoção.

A temperatura era alta e Gregori captou uma espécie de cheiro de ozônio. haveria por acaso no fundo alguma instalação, talvez uma fábrica?

A tocha se imobilizou tão bruscamente, que Shangrin esteve a ponto de tropeçar no Ulsar. Uma corrente de ar fresco acariciou-lhes os rostos. Quando o guerreiro levantou a tocha, o capitão notou que o grupo se achava em uma caverna subterrânea imensa e na escuridão, provavelmente o fundo da cratera. As forças ali desencadeadas deviam ter sido fabulosas, pois toda a rocha parecia cristalizada e evidenciava ter sofrido temperaturas inconcebíveis. Shangrin recordou-se de haver visitado outros lu-

gares igualmente profundos. Identificados como o produto da explosão de gigantescas bombas estelares no interior da superfície de alguns planetas. A semelhança era extraordinária.

Haviam-se detido à borda de um abismo de onde não provinha luz alguma. Somente aquela brisa, como uma corrente que varresse as paredes da gruta e que, vindo da entrada que haviam deixado aberta, fosse se perder nas profundezas da cratera.

- Jogue a tocha - ordenou o Ulsar ao guerreiro

Shangrin estava a ponto de protestar, mas compreendeu que o Ulsar sabia o que estava fazendo. Apesar de tudo, os magalânicos eram superiores em número e em armamento. A tocha começou a cair lentamente e terminou acelerando em uma rápida trajetória, enquanto que sua chama crescia com a velocidade da queda.

Parecia que nunca chegaria ao fundo. Então, muito mais abaixo do primeiro brilho, pareceu adivinhar-se uma luz gêmea, como se a primeira se refletisse em um espelho. Mas o suposto reflexo aumentou de intensidade, como uma fogueira em processo de se acender, e compreenderam imediatamente que aquele brilho nada tinha a ver com a luz da tocha. Era um resplendor azulado, muito suave, que se estendia como os círculos concêntricos na água quando esta recebe o impacto de uma pedra, e vencia pouco a pouco a escuridão circundante. Nascia aproximadamente no centro da caverna, cujas paredes se viam agora surgindo das trevas. Quando a luz azul alcançou as bordas do local, viram montes de pedrinhas de aluvião e o pontinho mais brilhante da tocha, que já havia chegado em baixo. Junto a ela se distinguia a presença de uns objetos esbranquiçados e diminuídos pela distância. O guerreiro caiu de joelhos.

- Olhe o que há lá embaixo - disse-lhe o Ulsar.

O homem obedeceu, murmurando alguma coisa incoerente que se parecia a uma fervorosa prece. Depois aconteceu algo com tanta rapidez que os magalânicos não tiveram tempo de reagir. O Ulsar sacou da sua cintura um afiado punhal e afundou-o até o punho na nuca do gigante. Este caiu sem um gemido. O Ulsar arrancou sua arma e saiu sangue da ferida, mas muito pouco. Então, empurrando com um pé, o chefe fez sua vítima rolar sobre a borda da cornija. O corpo caiu no vazio sobre as pedras do fundo, com um som abafado e repugnante. Então os magalânicos adivinharam a natureza dos objetos esbranquiçados: eram esqueletos humanos. A distância os fazia parecer restos de insetos e seu número era tremendamente abundante.

A cada uma de suas visitas o Ulsar devia sacrificar um homem. "Não vacilamos na escolha dos meios, porque temos uma guerra a ganhar", havia dito antes. Shangrin sentiu um calafrio na espinha. E aquele homem se fazia passar por libertador?

Mas o capitão se absteve de protestar. De nada teria servido, ele sabia, pois tinha experiência demais com os homens e os mundos do universo. O mais provável seria que o Ulsar não entendesse os motivos da sua indignação; para ele havia sido um gesto necessário, natural, desprovido de crueldade. Era preciso guardar o segredo e nada mais. Por outro lado, o chefe demonstrava assim aos homens do espaço a importância do mistério que condescendia em revelar-lhes.

O objeto enorme e oblongo que começara a se vislumbrar no fundo da caverna estava inteiramente iluminado. Era uma grande nave espacial. Devia ter caído do céu um século ou um milênio antes, atroando a atmosfera de Xandra e deixando atrás de si um rastro de fogo. Havia perfurado o solo do planeta e moldado a cratera, projetando terra e cascalho a centenas de metros de distância e abrindo um caminho oblíquo até aquele reduto póstumo onde agora aparecia confinado.

O impacto devia ter sido de uma violência esmagadora, pois a nave tinha continua-

do sua trajetória perfurando a crosta terrestre por mais de trezentos metros antes seu empuxo ser freado e acabar de liberar suas torrentes de energia. Mas o mais incrível era que sua estrutura não foi visivelmente deformada pelo choque nem pela penetração. Não se notava na superfície, pelo menos daquela distância, o menor abaulamento ou um simples arranhão. Era evidente que em semelhantes circunstância qualquer nave magalânica teria ficado reduzida a um monte de cinzas e fragmentos de metal.

- Poderemos descer para o fundo? - perguntou Shangri8n.

O Ulsar sorriu com ironia. Começou por inclinar-se sobre a borda do abismo, deu uma profunda inspiração e saltou. Permaneceu imóvel por um breve instante, como se suspenso no vazio, como uma mancha escura flutuando muito alto por cima daquele lago de luz azulada. Então começou a descer lentamente até o fundo, parecia uma aranha deslizando por um fio invisível.

Na metade do caminho levantou a cabeça para eles e lhes fez sinais enérgicos para que o seguissem.

- Deve haver um campo antigravitacional - sussurrou o capitão.

- Eu saltarei primeiro - propôs Gregori.

Vacilou só um instante e lançou-se. A mancha azul começou a crescer tão rapidamente que ele pensou: "Vou me espatifar contra o fundo. Tenho que parar ou...". E sua descida cessou bruscamente, deixando-o suspenso no ar como se tivesse se chocado com algum colchão elástico invisível. Quando levantou a cabeça e viu recortar-se sobre a borda da rocha os rostos alarmados do capitão e de Smirno, seu corpo começou a flutuar para cima a um ritmo lento e irregular. Compreendeu assim que ao ver seus companheiros, inconscientemente havia sentido o desejo de se reunir novamente com eles.

Lá em baixo o Ulsar, gesticulando, insistia para que o seguissem. Gregori lutou contra o instintivo terror que estava a ponto de dominá-lo e pensou: "Quero descer". Sua teoria revelou-se acertada. Retomou a lenta descida e terminou pousando sem incidentes no fundo azulado.

Viu que Shangrin gesticulava como que chamando-o, mas a voz chegou a ele tão fraca e deformada que era ininteligível. Os micro-rádios não funcionavam; a nave desconhecida estaria rodeada de um halo energético que perturbava as leis físicas normais. Por outro lado, o dispositivo antigravitacional era de uma sutileza quase inconcebível; regia-se pelas reações cerebrais de quem tentava chegar ao fundo. Gregori deduziu que seus construtores foram seres humanos, ou pelo menos não muito diferentes dos da sua própria espécie, pois os detetores do sistema conseguiam captar, registrar e converter ínfimas descargas de impulsos nervosos e imperceptíveis contrações musculares para agir de acordo.

Teria apostado dois contra um de que aquilo não tinha nada a ver com algum tipo de princípios telepáticos, e sim que se fundamentava na interpretação dos sinais dados pelo sistema nervoso do corpo para descer, subir, o movimentar-se lateralmente. Não dependia do mecanismo semântico imposto pelas palavras "subir" ou "descer". Portanto, qualquer ser razoavelmente parecido a um ser humano, e até um animal superior, poderia servir-se dele.

Gregori se perguntou o que aconteceria se tentassem aquele mecanismo com o Runi. Quis subir para explicar o sistema aos seus companheiros mas viu que eles já estavam descendo com uma prudente lentidão.

Do outro lado da grande cavidade, o Ulsar lhes fazia sinais para que se aproximassem. E eles fizeram isto deslizando sobre a superfície curva e polida, que agora não parecia de um azul tão uniforme e sim cruzada por faixas alternativamente claras e

escuras sobre um fundo sempre igual. Aquelas mudavam de intensidade com um ritmo que o olhar percebia quase como uma vibração. A forma de toda a caverna coincidia aproximadamente com o perfil da nave, embora a rocha chegasse quase a tocar o casco azul em alguns pontos e deixasse em outros uma passagem relativamente livre. Na parte posterior, a abóbada baixava e parecia fechar toda saída para além da cratera. Era presumível que algum deslizamento tivesse fechado o caminho.

- Por quanto tempo este artefato estará aqui? - inquiriu Gregori.

- Não pode ser muito - falou Smirno. - Do contrário, o fundo da cratera teria se enchido de escombros e as paredes mostrariam uma maior erosão. Suponho que, no máximo algumas décadas, ou talvez menos.

O som das vozes se propagava mal, como se o ambiente do lugar fosse muito denso. Alguma radiação devia entorpecer a propagação do som.

Um breve e contundente sinal do Ulsar os avisou que ele se propunha a conduzi-los para o interior da nave. Quando chegaram à parede oposta da gruta, desceram por um caminho talhado na rocha. Moviam-se ao longo do casco gigantesco e inalterável, parecendo vermes desejando um fruto caído e procurando um lugar propício para se introduzirem em seu interior e sugar seu sumo. Então uma abertura ovalada alterou a uniformidade daquela superfície. Dava para um corredor estreito pelo qual andaram em silêncio, envoltos por um brilho esverdado. Cruzaram salas desertas e incompreensíveis em cujas paredes se abriam nichos vazios. Smirno imaginou que podiam ser estações de partida para prováveis projeções instantâneas de um ponto a outro do artefato, ou talvez para mais distante, fora da nave, até outras cavidades que podiam se conectar com elas, conectando-se com cidades ou outras naves de uma civilização inconcebível. Os tetos das salas exibiam figuras luminosas, elétricas e móveis que se movimentavam em repentinas pulsações e se diluíam lentamente para reaparecerem com outro aspecto. Não viram rastro algum de instrumentos, comandos, alavancas, armas, livros de registro nem de detectores. Finalmente, Shangrin compreendeu que procurar tais coisas ali teria sido um erro tão pueril como se um bárbaro pretendesse encontrar na "Vasco" peças de museus, tais como velames, sextantes ou um timão.

Aquele artefato navegava através do tempo, e não somente pelo espaço, e devia ser tão diferente da "Vasco" como esta o era de um veleiro.

Não demoraram muito para explorar as zonas acessíveis e que, segundo calcularam, representavam apenas uma centésima parte do volume total. Nada permitia supor a possível existência de alguma porta que desse passagem ao resto da máquina. Shangrin não tinha a menor ilusão quanto à possibilidade de forçar as paredes, pois a resistência da sua constituição excedia as propriedades da matéria normal, graças a certas alterações do espaço e talvez até mesmo do tempo. Com efeito, ambos os conceitos eram fatalmente vinculados.

O grupo se deteve em uma vasta sala triangular cujas paredes deviam ser insensivelmente curvas, dado que seus ângulos pareciam menos fechados do que teria exigido a geometria euclídea. Além disto, as esquinas do recinto davam a impressão de flutuar, em um movimento que enganava e fatigava a vista.

O Ulsar estendeu-se no ar e seus acompanhantes não tardaram em imitá-lo. Bastava pensar uma só vez para conseguir, sem que fosse necessário um esforço permanente para continuar flutuando naquela posição.

- Que lhes parece? - comentou o Ulsar - Esta nave surgiu do nada poucos anos depois da minha chegada a este planeta. Naquele momento eu me encontrava em outro lugar da superfície, mas a notícia não deixou de chegar ali. Confesso que a princípio não lhe dei muita importância e o mesmo aconteceu aos opressores das cidades,

já que seus esforços para localizá-la não foram muitos e fracassaram por completo.

Interrompeu-se para olhar para eles e exibir seu habitual sorriso.

- Mas o choque deve ter sido de uma violência fora do comum. Provocou um verdadeiro tremor de terra e o ruído pôde ser ouvido em um raio enorme. Mas a cratera não podia ser vista do ar pelas esquadras do império. Nós a encontramos pela simples razão de que nos movemos de um modo muito mais lento, arrastamo-nos penosa e humildemente pelo chão em vez de sulcar orgulhosos o céu.

O Ulsar, de brincadeira, girou sobre si mesmo, o que inspirou em Smirno um vago mal-estar e um sentimento de inquietação. Apesar da sua indumentária bárbara, aquele homem parecia estar ali em seu ambiente natural, como se fosse o dono do lugar. E por mais que, em contraposição, Shangrin imaginasse quase ter conquistado a nave e se esforçasse em aparentar isto, continuava sendo um estranho ali; muito seguro do seu poder e do seu direito e nada intimidado, mas vencido pela magnitude do enigma. Por sua parte, Gregori não era senão a sombra do capitão. Sem dúvida ele conseguiria fazer grandes coisas no futuro pois não lhe faltava coragem e astúcia, mas no momento lhe faltava o prestígio de uma maturidade bem aproveitada. Quanto a Smirno, ele se considerava um simples olho curioso e um tanto enfastiado, rigoroso às vezes e sempre observador. Era justamente em um lugar como aquele, estranho, desconhecido e à margem do tempo, onde as personalidades se revelavam com mais crueza, onde os detalhes do cotidiano se diluíam para deixar aparecer a natureza de cada ser. Na nudez daquela sala, Shangrin parecia rodeado por um invisível halo avermelhado; outro brilho, este esverdeado e igualmente inexplicável, coroava o Ulsar, quase confundindo-o com as paredes do local. Mas nem Gregori nem Smirno gozavam de semelhante distinção.

- De forma que a cratera era praticamente invisível do alto - prosseguia o Ulsar, - tão invisível como era indetectável o aparelho que havia penetrado, e que ficou sob a terra aqui mesmo. Algum dispositivo fechava e continha fechando o espaço sobre si mesmo, rechaçando os raios da luz, ou desviando-os, não sei. Desconheço essas coisas que vocês sabem melhor que eu. Quando se chega ao lugar caminhando, nota-se em certos dias uma espécie de tremor no ar que rodeia a cratera. Alguns atribuem isto ao calor, mas não tem nada a ver com a temperatura. Creio que se trata de uma rara contração do espaço, ou talvez do tempo. Alguns escravos, ao fugirem das cidades, se refugiavam por acaso na cratera, e não tardaram em observar que as naves do império deixavam de persegui-los enquanto permaneciam ocultos aqui. Mais tarde eu compreendi o motivo: olhando lá do céu, só se distinguia a planície interrompida, sem vestígios de alteração. Suponho que o dispositivo projeta e mostra somente uma imagem permanente do passado, retida, inalterável, como um escudo alheio à passagem do tempo. À primeira vista, naturalmente, eu me limitei a verificar os fatos valiosos: o enigmático poder que representava esta nave e, sobretudo, o excepcional refúgio que esta cratera constitui

- E conseguiu mantê-la inviolada? - perguntou Shangrin.

- Sim. Em duas ocasiões tivemos que aniquilar umas expedições do império que, sem dúvida por casualidade, se haviam aventurado a pé muito perto dos seus limites. Eram destacamentos sem importância e as cidades não se preocuparam em investigar seu desaparecimento. Já tinham trabalho suficiente atendendo outras frentes.

- E naquele tempo já se podia chegar até a própria nave?

- Não. Quando eu vim aqui, a cratera era um recinto sagrado e começava a ser estabelecida uma religião baseada nela. Os fugitivos que a ocupavam acreditavam-se protegidos pelos deuses. Algum curioso havia descido até o fundo do funil e vislum-

brou através das rachaduras este esplendor azulado, sobrenatural. Houve inclusive quem tentasse explorá-lo, mas jamais regressaram.

Mais tarde eu descobri o que havia-lhes acontecido. A única passagem praticável conduzia necessariamente à parte posterior da nave e naquele ponto existia uma espécie de torvelinho azulado, de indescritível poder e violência. Embora não fosse muito extenso, quem cometesse a imprudência de aproximar-se demais, caía fulminado. Vi em várias ocasiões como ele consome homens cheios de vida e vigor em uma fração de segundo. Não é nada concretamente material, e sim uma coisa tão misteriosa quanto um deus vingativo e cruel. Para mim é a própria encarnação do tempo, onde todos os minutos e segundos são registrados, queimados e aniquilados. O desditado que for alcançado pelo torvelinho se vê instantaneamente projetado para o último futuro ou para o passado mais remoto, talvez para o nada. Decidi provocar uma avalanche e fechar a cratera por aquele lado e em seu lugar fiz abrir o túnel que usamos. Assim eu consegui descobrir coisas muito curiosas nesta nave, talvez as coisas mais insignificantes que ela contém, pois ignoro de onde vem ou que civilização foi capaz de construí-la. Entretanto, estou certo de que foi concebida por, ou para homens, e acho que pertence a um futuro muito distante. Por outro lado, em nenhum lugar do espaço que nos rodeia pode-se encontrar uma tecnologia tão incrivelmente avançada.

E é assim que achamos que muitos são arrancados do futuro e lançados aqui contra sua vontade, creio que esta nave deixou seu tempo e veio para cá involuntariamente. Pode ser que tenha sofrido algum acidente e que sua tripulação tenha desaparecido enquanto o aparelho continuava sua rota até se chocar com nosso planeta. Também é possível que seu deslocamento através do tempo tenha sido calculado com pouca precisão, causando uma imprevista captura pela gravidade de Xandra. Há muitas outras possibilidades que sou incapaz de imaginar. Pode até ser possível que alguém continue vivendo nas profundezas do artefato. Não sei. Aqui só impera o mais absoluto silêncio, mas existe ciência por todas as partes. Eu venho aqui frequentemente para meditar. Meu povo diz que eu me afasto para dialogar com os deuses. Até agora fui o único a conseguir realizar a viagem de ida e volta e não sei quem me concede este privilégio. Observem este teto.

Todos olharam para cima. Aparentemente uniforme, prescindindo das vagas redes de brilho que pareciam palpitar sobre a superfície, o teto começou a encher-se de formas imprecisas, de sombras e claros que iam adquirindo coloração, se entrecruzavam e ocultavam, alternativamente, uma após outra, que combinavam e logo se separavam em uma sucessão caleidoscópica de acontecimentos abstratos. Aquilo podia ser como uma alucinação das retinas fatigadas, mas ao mesmo tempo tinha um estranho realismo e uma incompreensível lógica interna que a mente não deixava de captar, mas que não conseguia decifrar. Tratava-se de alguma coisa escrita? Talvez de uma matemática inacessível?

- Eu consegui interpretar algumas dessas séries - disse o Ulsar, - mas não consigo expressá-las em palavras. Mas elas acabaram me transformando intimamente. Me transmitiram uma lógica peculiar e creio que também um maior rigor e lucidez em minhas conclusões. Será pura ilusão? Estarei em presença de um indescritível mapa do tempo, de rotas sutis proibidas para nós, que conectam entre si as eras temporais? Trata-se talvez de um jogo? Seja como for, me ajuda a compreender um pouco melhor os que construíram esta portentosa nave.

A voz do Ulsar se intensificava. Embora desprovida de paixão, ficou mais nervosa e urgente.

- E o que esta nave fez, outras como ela o repetirão com maior êxito. Suponho que

eles continuam sulcando o espaço e o tempo ao nosso redor. Suponho também que, quando nosso poderio se tornar bastante grande, se eles decidirão estabelecer contato conosco ou deixarão de deslizar entre as redes do nosso controle. Não podem estar longe, não muito. Somente por trás da trama das coisas, aí mesmo.

- Eu poderia trazer meus cientistas aqui? - perguntou Shangrin.

O Ulsar maneou a cabeça.

- Seus instrumentos não funcionariam. Fiz vir alguns sábios capturados nas cidades e todos eles se dedicaram tanto em desentranhar este mistério que teriam regressado várias vezes se eu tivesse permitido. Não puderam averiguar nada e me vi obrigado a ordenar que os matassem. Eis aqui a prova que lhes prometi. Vocês estão vendo que existe uma passagem para o futuro; é como uma fechadura, cabe a vocês encontrar a chave.

- Nós seremos vitoriosos - assegurou Shangrin. - Serei seu aliado, Ulsar. Conquistaremos as cidades, livraremos o espaço e dominaremos o tempo...

- Não existe aliado tão inconstante nem adversário tão eterno como o tempo - respondeu o Ulsar sorridente.

Depois de abandonarem a sala e a nave, o grupo subiu à cornija e chegou novamente no túnel. Dobrada a primeira esquina, o resplendor azul foi decrescendo até extinguir-se, obrigando-os a fazer o resto do caminho em completa escuridão, pois as lanternas que levavam se negaram a funcionar.

Smirno sentiu-se aliviado quando suas pálpebras puderam defender os doloridos olhos, pois ao deixar para trás a caverna e a eterna noite, suas pupilas foram feridas pela radiante claridade do sol.

CAPÍTULO 10

Choviam foguetes sobre a cidade de Tczila. Vistos do quartel general magalânico, pareciam simples flechas prateadas surgindo em enxames das montanhas, subindo sobre seus rastros de fumo branco, escalando tão alto o espaço que nenhum ruído delatava seu voo e então precipitando-se sobre seu objetivo com um uivo de trovão. Os erros e as trajetórias eram mínimos.

Mas nenhum dos artefatos atingia o alvo. Chocavam-se a vários quilômetros de altura contra algum obstáculo invisível e explodiam ali. O calor da radiação resvalava sobre o parapeito energético que protegia a cidade e que não impedia, em momento algum, que a luz solar passasse, pois Shangrin podia distinguir perfeitamente com seus binóculos o brilho das maciças construções. As explosões dos foguetes formavam nuvens que o vento arrastava pouco a pouco e toda sua força morria aí, sem inquietar seriamente os habitantes de Tczila.

Era a eterna razão pela qual o resultado daquela guerra permanecia indeciso. Os revolucionários batiam as muralhas das cidades como as ondas de um mar enraivecido, mas nada conseguiam contra suas defesas. Por sua parte, nem os efetivos humanos nem a equipe do império eram suficientes para poder contra-atacar com eficácia. Ambos os bandos só podia combater mediante cumplicidades no campo adversário, mas décadas de conflito tinham acabado por esgotar as possibilidades desse recurso.

Se, apesar de tudo, alguma cidade havia caído sob a pressão de levantes internos, não se podia dizer que tal fosse o caso de Tczila, pois montanhas de crânios de escravos tidos como suspeitos alçavam-se como sinistras pirâmides junto às portas.

Shangrin dizia para si mesmo que era por aquele motivo que a espada havia sobrevivido ao aparecimento do foguete. O combate corpo a corpo continuava sendo o instrumento de destruição em massa; o arco, as flechas e os ataques em lombos de hexápodes se combinavam com os raios mortais e os deslizadores com os carros. Através dos seus binóculos, o capitão podia ver as colunas de guerreiros do Ulsar assaltando a cidade. As tropas da "Vasco" se mantinham na reserva, já que haviam sido treinadas no manejo de certas armas primitivas que lançavam projéteis em vez de emitirem feixes de raios desintegradores. Tratava-se de uma técnica que tanto o império como o Ulsar consideravam superada, mas que podia muito bem ser capaz de alterar o curso daquela guerra.

Shangrin se opusera ao emprego direto da "Vasco" na contenda. Queria manter sua nave de guerra às margem de todo compromisso durante o maior tempo possível, limitando-se a por à disposição do Ulsar sua habilidade estratégica pessoal e a eficácia das suas equipes de combate.

As armas habituais dos magalânicos tinham sido inoperantes contra o dispositivo protetor as cidades, que as fazia explodir inofensivamente. O capitão fez ouvido surdo às queixas do Ulsar, até o dia em que este o fez presenciar como um nutrido destacamento dos seus guerreiros, armados com granadas nucleares e pistolas lançadoras de raios, investia contra a muralha da cidade. Quando todo o grupo desapareceu

em uma só e horrível chama, Shangrin mordeu os lábios e afogou uma maldição. As demonstrações do Ulsar costumavam a ser de uma contundência particular.

Smirno teve que admitir que o capitão não era tão desumano quanto ele havia suposto. O xenólogo observava os preparativos da batalha com grande curiosidade. Era a primeira vez que assistia um combate tão de perto, e provavelmente era também um caso único aquele enfrentamento entre armas tão díspares. A cidade estava longe demais de Smirno para que ele pudesse notar sinais de atividade sobre as muralhas; não obstante, de vez em quando via desaparecer um punhado de guerreiros entre uma nuvem de fumo. Alguns dos foguetes leves da cidade havia dado no alvo, enquanto que numerosos incêndios que assolavam a planície indicava que os sitiados utilizavam raios térmicos. Sulcando o céu a escassa altura e protegidos pelo para-vento invisível, grandes naves negras de forma lenticular moviam-se como aves de rapina, mas não podiam fazer grande coisa. Não era possível lançar projéteis nucleares a partir da cidade, pois explodiriam antes de sair, por causa do próprio campo energético protetor. Era uma guerra tão insólita como cheia de contradições.

Gregori esperava a hora H. Sabia que o verdadeiro problema estratégico do assalto à cidade se reduzia à neutralização do impenetrável escudo energético. O Ulsar era incapaz de consegui-lo, mas os técnicos da "Vasco" achavam ter encontrado a solução.

O campo protetor era do tipo sub-nucleônico, formado por partículas de massa muito inferiores às que intervêm nas vibrações eletromagnéticas. Portanto, seu comprimento de onda era muito superior, da ordem das distâncias intersiderais. O nível energético do campo protetor era muito baixo, quase desprezível, mas indiretamente produzia uma descontinuidade na estrutura do espaço e atuava a nível de sub-partículas, em virtude da relação que existe entre energia e matéria. Isto bastava para fazer explodir as armas nucleares, os raios e as pistolas emissoras ou qualquer agressão semelhante.

Paradoxalmente, os magalânicos não sabiam gerar um campo de natureza semelhante, fruto de uma tecnologia mais avançada que a sua. Mas a força geradora devia ser indubitavelmente de uma simplicidade elementar. Isto explicava que o império houvesse conservado aquele recurso, embora o princípio teórico tivesse com certeza caído no esquecimento.

Os magalânicos não podiam suprimir aquele campo, opondo-lhe outro de sinal contrário, mas podiam debilitá-lo roubando-lhe energia. Uma simples antena afeta as características de qualquer campo eletromagnético alternado, pois que absorve energia. A proporção de energia de tal modo extraída das radiações costuma ser desprezível em comparação com a quantidade emitida, mas existe a possibilidade teórica de chegar a absorver toda a energia posta em jogo.

E o problema se simplificava no caso de um campo sub-nucleônico, já que este tinha limitações muito concretas: além de um certo nível de perturbação, ia decrescendo em função da décima sexta potência da distância, até anular-se praticamente a escassos centímetros.

E era aí que residia o ponto fraco que tentariam aproveitar.

Gregori consultou o mostrador do seu relógio, cuja tonalidade passava lentamente do amarelo para o vermelho, ao mesmo tempo em que certas cifras iam aparecendo nos quadros. Correspondiam a sinais emitidos pelas unidades que, uma após outra, anunciavam estar preparadas para entrarem em ação.

Quando o mostrador passou definitivamente para o negro, Gregori deu uma ordem geral e no mesmo instante todos os grupos de técnicos postados ao redor de Tczila soltaram seus aparelhos.

Algo começou a voar rente ao solo até o perímetro das muralhas. Era uma espécie de tapete móvel e multicolorido que ia se desenrolando em torno da cidade, até cercá-la. Havia vários milhões de engenhos voadores, e seu tamanho não era maior que o de um pássaro. Por suas asas brilhantes e longas, assemelhavam-se a uma grande nuvem de libélulas.

Quando alcançaram a parede invisível do campo protetor, iniciaram a subida sem se separarem dele nem tentar penetrá-lo, e sim contornando a superfície. Subiam, tenaz e inexoravelmente, a partir de toda a periferia, concentrando-se na cúspide e formando ali um hemisfério côncavo, compacto e reluzente que cobria a cidade como uma inquieta nuvem de insetos. As antenas metálicas absorviam energia do campo protetor e esta mesma energia alimentava seus motores, fazendo-os capazes de continuar funcionando enquanto o campo estivesse ligado. Era inevitável que ao se concentrarem e ao voar em todas as direções se chocariam entre si e caíssem destruídos aos montes, mas contavam-se aos milhões, e os técnicos continuavam lançando, sem dar trégua, novas ondas.

Na cidade, o céu deve ter ficado escuro, o que não deixaria de exercer um importante efeito psicológico entre os defensores.

Um leve assobio às suas costas surpreendeu Gregori e o fez voltar a cabeça. O ovo que continha o Runi estava ali. A ideia daqueles aparelhos havia sido sugerida pelo Runi; sua construção havia recaído sobre os técnicos e os robôs da "Vasco", mas aquele ser havia necessitado somente de um momento para achar a solução do problema, após o terem explicado. Tratava-se de uma solução abstrata; o Runi nada produzia, pois sua civilização ignorava as ferramentas, mas resolvia brilhantemente qualquer problema de cálculo.

O próprio ovo que agora o abrigava havia sido inventado por ele. Após decidir que precisava dele para movimentar-se para onde o capitão fosse, descreveu as características do aparelho e os físicos da "Vasco" o construíram. Era um ovo totalmente transparente e hermético e além disto continha todos os elementos vitais para o hóspede e para que este pudesse continuar transmitindo seu pensamento em linguagem humana. O tabuleiro de xadrez o acompanhava, como de costume, e um gerador antigravitacional permitia-o se movimentar no espaço. Dentro do seu recinto transparente, o Runi parecia uma enorme larva alaranjada capaz de metamorfoses imprevisíveis.

Um foguete disparado cruzou então a capa de insetos metálicos, produzindo grande agitação e explodiu rápido demais. Mas havia violado a debilitada muralha energética; a cidade estava exposta à destruição. A tática do Runi havia triunfado.

Ainda assim Gregori sabia que não ia ser fácil. Suspeitava que a maior parte das instalações vitais estariam situadas em profundos subterrâneos e que outros dispositivos energéticos protegeriam os principais centros de Tczila.

Então uma enorme nuvem de fumo subiu da cidade e abateu os engenhos voadores, fundindo as asas de um grande número deles e fazendo com que outros saíssem do campo e caíssem aos montes. Quando a nuvem se dissipou, somente uma quarta parte deles continuavam sobrevoando o maltratado dispositivo protetor. Mas também estes caíram em massa enquanto um segundo foguete já rugia, precipitando-se sobre a cidade. Por um momento, Gregori achou que a explosão havia destruído o gerador do campo energético, mas o foguete explodiu subitamente no ar e isto o fez compreender que, apesar de tudo, o sistema continuava funcionando. Os últimos insetos metálicos ainda não haviam chegado ao solo e voltaram a tomar altura. Mas quando estavam concentrados acima, os da cidade desligaram o campo por um instante e todos caíram.

Os defensores de Tczila haviam descoberto um recurso. Embora os magalânicos soltassem novas ondas de aparelhos, poucos conseguiam se manter sobre a cúspide da semi-esfera invisível e somente um entre doze foguetes lançados conseguiu passar.

- Está morrendo gente - pronunciou o Runi.

Era uma simples constatação, enunciada pela voz sintética do Runi, monótona e desprovida de qualquer eventual emoção. Havia sido inspirada pela surpresa, pela compreensão ou pela compaixão? Ou talvez pela satisfação?

Imediatamente Gregori odiou o Runi com todas suas forças por aquela frase. Até então sua atenção se havia limitado a considerar friamente a nuvem de fumo e o calibre do enorme cogumelo que o vento ia lançando para o alto. E foi precisamente o Runi quem o devolveu à realidade humana. Tudo aquilo causava vítimas ali abaixo, e não somente entre os déspotas do império, mas também entre seus escravos. Envergonhado, lançou um olhar de soslaio para Shangrin. Mas o capitão não parecia compartilhar aquelas dúvidas. Continuava vociferando suas ordens e comportando-se como se a batalha fosse um assunto pessoal.

- Convém sincronizar o disparo dos foguetes com os lançamentos dos enxames - aconselhou o Runi.

"Claro", pensou Gregori com rancor. "Este bicho asqueroso acha que ninguém senão ele é capaz de pensar."

E continuou lançando ordens. Os foguetes e os artefatos voadores empreendiam o voo com certa irregularidade e a maioria das ogivas explodia prematuramente, mas alguma conseguia passar de vez em quando, o que na realidade bastava.

A dez quilômetros de distância a cidade estava envolta em chamas.

Formava como que o núcleo interno de um sol, uma brasa ardente, um forno de cinzas, de metal e pedra combinados de um modo indissolúvel, imerso totalmente em um oceano abrasador.

Atravessando a abrasadora planície, as colunas de guerreiros e os grupos de combate magalânicos avançaram para a cidade. Os foguetes deixaram de cair, enquanto que os insetos metálicos regressavam docilmente para seus dispositivos lançadores. Não restava mais que uma milhar deles.

Mas a batalha estava virtualmente vencida. As escaramuças poderiam prolongar-se por vários dias nos subterrâneos da fortaleza, mas seriam simples lutas carentes de verdadeira importância. A cidade mais poderosa do planeta havia caído e, pela primeira vez em mais de um século, o equilíbrio de forças se inclinava a favor dos rebeldes. E somente havia custado três horas para consegui-lo.

Shangrin apeou-se do seu deslizador e correu para onde estava o Ulsar.

- A cidade pertencerá às suas tropas nesta mesma tarde - assegurou.

- Sei o quanto eu lhe devo - respondeu o Ulsar. - Mas nas próximas batalhas teremos que tentar tomar os portos estelares intactos. Precisamos das naves para futuras operações.

- Conquistaremos também o espaço! Ninguém poderá nos deter!

"Não, ninguém", pensou Smirno envergonhado. "Porque todo adversário será queimado na sua própria casa, assado como um frango". O xenólogo estava deprimido e lhe repugnava, tanto o brutal júbilo do capitão como a fria impassibilidade do Ulsar. Detestava o procedimento daqueles guerreiros e o espetáculo dos foguetes aniquilando a cidade havia despertado nele uma náusea incontrolável.

Quando os homens de Magalhães e os rebeldes de Xandra penetraram na cidade, reduziram os últimos focos de resistência e ficaram assombrados ao comprovar que os edifícios de Tczila haviam resistido ao dilúvio nuclear. Salpicando as paredes, som-

bras mais claras mostravam sobre a pedra queimada o testemunho de outras tantas vidas volatilizadas. Aço e o concreto fundidos haviam corrido pelas ruas como rios incandescentes, ainda fumegantes. Mas no centro de Tczila, erguendo-se como orgulhosos penhascos, continuavam de pé uns edifícios imensos e fechados. Suas fachadas haviam adquirido o brilho do esmalte e todas suas portas estavam soldadas aos portais por causa do calor.

Foi preciso escavar aqueles resíduos blindados e nas profundezas de um deles descobriram um homem acorrentado que ainda respirava. Conduzido para fora, ainda lhe restaram forças para agradecer sua liberdade com um suspiro, depois do que ele morreu.

Procuraram então as portas ocultas que conduziam às fortalezas subterrâneas e as forçaram uma após outra, percorrendo as instalações e pouparam muitas poucas vidas. Os vrons tiveram muito trabalho.

Depois de Tczila foi a vez de Azutl, Xiotl, Shipar e Nuss. As duas primeiras cidades caíram antes que o império concentrasse seus esforços para restabelecer a situação. Quando conseguiram organizar um socorro, algumas naves espaciais acudiram em sua defesa. Mas a destruição de uma delas provocou a fuga das demais, que desde então se limitaram a vigiar o planeta e jogar de vez em quando algum armamento sobre as cidades. Shangrin se absteve de persegui-las, pois estava ocupado em coisas mais proveitosas.

As cidades muradas foram conquistadas sem que restasse algo mais que cinza e pedra derretida flutuando como pó impalpável até o limite da atmosfera. Demoraria anos para dissipar-se. As que optaram por se render ainda quase intactas, conseguiram com esta entrega a salvação de muitos de seus habitantes, embora que as correntes passaram de uma para outra casta. As vitórias do Ulsar e de Shangrin desenharam sobre os mapas sucessivas linhas de lápis vermelho que não tardaram em cobrir com sua espessa rede toda a superfície do planeta. Os guerreiros do Ulsar submeteram as outras hordas bárbaras menos organizadas e até cruzaram o grande oceano para submeter uma cidade que os atacava com miríades de mortíferos foguetes.

Tudo aquilo requereu meses, durante os quais aquela estranha nave chegada do tempo continuou dormindo no fundo da sua caverna e a "Vasco" permaneceu no espaço, orbitando ao redor do planeta. Para aqueles dos seus ocupantes que não interviram diretamente na guerra, parecia-lhes que continuava invariável a rotina da grande viagem.

Os homens também mudaram, e mostraram o que realmente eram. O Ulsar mostrava-se cada vez mais enigmático, mais duro e mais seguro de si mesmo. Parecia não conhecer limites para suas ambições. Era partidário de estender a guerra até o espaço e surpreender o império com um ataque direto contra sua capital. Mas Shangrin não se deixava convencer, insistindo em restringir a intervenção dos magalânicos e em não se comprometer com a política do Ulsar. Definitivamente, ele era um mercador e seus objetivos não tinham nada a ver com a conquista de um poder local. Entretanto as vitórias o embriagaram. Em mais de uma ocasião não deixou de encabeçar as tropas que ocupavam uma cidade, fazendo isto com a espada na mão e arrastando atrás de si uma horda de bárbaros. As chamas e o sangue derramado não pareciam comovê-lo muito, embora cada vez que perdia um magalânico era presa de uma cólera indescritível. Exigia sistematicamente sua parte no saque tirado das cidades, mas nunca deixava de acrescentá-la ao tesouro comum acumulado na "Vasco".

Vangloriava-se de uma generosidade similar à dos antigos capitães, estranha mescla de heróis, traficantes e piratas.

E tudo aquilo abatia o ânimo de Gregori. Tanto sangue lhe causava repugnância. A cega destruição lhe parecia um final inútil e teria desejado chegar aos mesmos resultados com maior precaução, sutileza e lentidão.

Por sua parte, Smirno achava que estavam vivendo em um época em que o povo não perdia tempo com delicadezas. O mais forte subjugava o mais fraco e desconfiava sistematicamente dele. Até então, o xenólogo havia estudado as facetas de muitas civilizações em fase de expansão, de decadência ou de luta pela sobrevivência. Tanto as grandes matanças como as piores catástrofes haviam se tornado simples linhas anotadas em fichas. Quando se achava possuidor de uma visão clara e uma justa compreensão de tantas calamidades passadas ou futuras, a guerra de Xandra lhe oferecia o brutal impacto da realidade imediata, somente perceptível em toda sua crueza quando acontecia escutar os alaridos, cheirar o fumo dos incêndios e horrorizar-se ante o espetáculo da podridão. Não poderia opor-se à selvageria descontrolada, ninguém conseguiria convencer o Ulsar, Shangrin ou os altivos cabeças do império, todos empenhados em conjurar a morte e provocar a destruição, para que buscassem um modo de dirimir suas diferenças sem recorrer à guerra. Uns e outros pareciam render-lhe idêntico culto, levá-la ao mesmo tempo em sua natureza e em seu destino. Os inimigos eram cúmplices neste aspecto. E Smirno se irritava quando notava a obsessão comum, chegando inclusive a desejar a morte do capitão.

Até o Runi mudou, embora ninguém fosse capaz de demonstrá-lo e muito menos de explicar como. Mas, no mecanismo oculto da sua razão, a imagem que nele vinha se formando sobre o homem, sofria sem dúvida uma evolução e se concretizava sem deixar de se determinar. À margem de possíveis ódios e julgamentos, as reações do Runi podiam ser singularmente afins com as do próprio xenólogo. Enquanto este se resignava à impotência do expectador, o Runi compreendia cada vez mais claramente as motivações que regiam aquelas vidas humanas. Começou a desdenhar progressivamente o xadrez, porque tinha em sua própria natureza a paixão pelo jogo e havia descoberto que o prazer obtido dependia tão somente da complexidade da partida.

As tropas libertadoras forçaram jubilosamente as portas de Cindra. A cidade era muito antiga e seus escassos habitantes mal haviam oferecido resistência. Como a crueldade exercida contra os escravos havia sido muito menor ali que na maioria das cidades do império, a vingança dos escravos libertados tampouco foi violenta como em outros lugares. Aproveitando os confusos momentos da ocupação, uma nave espacial conseguiu decolar e escapar. Shangrin orientou seu ataque diretamente contra o porto e, antes que os bárbaros as invadissem, conseguiu que seus homens ocupassem velhas moradias pertencentes a antigas famílias do lugar, cujas prateleiras estavam atestadas de livros que continham dados e recordações do mundo anterior ao grande trânsito. Aquele tipo de documento era o que o capitão precisava.

Haviam tomado o porto quase sem combate. Shangrin examinava com Smirno as naves capturadas, quando seus soldados conduziram à sua presença um ancião que, segundo sua própria declaração, era um historiador. Vestia uma túnica verde e parecia tão pesaroso quanto doente. O capitão encolheu depreciativamente os ombros quando o viu chegar, porque nem ele nem Ulsar haviam conseguido até então alguma informação interessante dos prisioneiros, interrogados com maior ou menor dureza. Era evidente que o império estava decaindo com excessiva rapidez, pois os antigos senhores de Xandra demonstravam estar muito pouco inteirados do que aconte-

cia nos demais mundos. O fato podia ser atribuído a que as comunicações do império eram claramente deficientes, ou a que os dirigentes supremos tivessem decidido abandonar aquele planeta à sua sorte, mantendo-o isolado sem se dar ao trabalho de reconquistá-lo. Mas o que aquele ancião demonstrou saber veio a mudar o sentido das coisas.

- Como te chamas? - perguntou-lhe Shangrin.

- Meu nome é Hari Ilen Cindra - respondeu o homem.

"Pertence a uma das principais famílias da cidade" pensou o capitão, interessado, apesar de tudo. O ancião parecia menos arrogante que a maioria dos da sua casta, talvez até mais aberto e inteligente.

- A que você se dedicava?

- Pesquiso a história. É uma ciência muito difícil. Permite deduzir as derrotas do futuro baseando-se nas vitórias do passado.

- De forma que já havia deduzido o fracasso do seu povo hoje?

- De fato - assegurou o historiador. - Eu sabia que cedo ou tarde vocês tinham que chegar e vencer.

- E como não fez nada para prevenir seu povo?

- Não deixei de insistir nisto, mas achávamos-nos donos absolutos do nosso destino. Você também pensa igual e está errado.

- Que está querendo dizer?

- Meu povo achava que esta guerra era somente um conflito entre opressores e oprimidos e que estes nunca conseguiriam impor-se. Mas se negava a admitir que uns e outros somos simples unidades postas no jogo por uma contenda maior que se arrasta sem nos revelar sua verdadeira magnitude.

- Por que está me contando tudo isto? - inquiriu o capitão.

- Porque sei que não vai acreditar em mim. Mas você deve saber que tanto o império como seus oponentes carecem de importância autêntica. São simples títeres, efêmeros episódios de outra guerra muito mais vasta. Ninguém luta aqui por uma causa própria. Formamos uma frente desconhecida entre dois exércitos gigantescos. Pude observar e registrar muitos detalhes ao longo de tantos anos. Pesquisei também nos arquivos, onde encontrei dados muito singulares relativos a povos inteiros que foram deslocados no tempo para alimentar uma guerra interminável. E acabei intuindo os propósitos de quem move os fios.

- Você mencionou o tempo?

- Isso mesmo. Não sei de onde vocês vêm, mas sei que não pertence a este mundo. Pode ter chegado do futuro, ou serem simples mercenários, ou talvez algum dos que conhecem a outra face das coisas. Talvez eu tenha cometido um erro ao revelar-lhe minhas suspeitas.

Shangrin avançou sobre o velho e o sacudiu pelo pescoço.

- Explique-se melhor! Como compreendê-lo? Nós nos perdemos no tempo e vimos do futuro. Diga-me tudo que sabe e eu lhe prometo a liberdade!

- Eu já lhe disse - respondeu o historiador. - Escute. Dois grandes impérios estão em guerra no espaço e no tempo. Mas, seja por covardia ou por esgotamento, só se enfrentam por meio de povos satélites. Deste modo conseguem disputar sistemas planetários inteiros sem expor nenhum dos seus soldados. Limitam-se a enviar para lá e para cá homens isolados que tratam de provocar o conflito, até que outro emissário é introduzido pelo adversário no bando oposto no mesmo lugar e a guerra se estabelece ali. Então há vítimas e grandes destruições; as fronteiras que separam os gigantescos impérios se modificam e flutuam sem cessar, e os campos de batalha são infinitos. Esta é a obra desses impérios, um de cujos enviados deve estar agora

entre nós.

- Eu não sou eu este - exclamou o capitão, quase gritando.
- Então você terá que procurá-lo. Estará entre suas pessoas íntimas. Serviu-se de vocês para nos vencer, mas de fato é seu verdadeiro senhor.
- Impossível! - rugiu Shangrin.

Mas estava longe de se sentir tão seguro. Havia assaltado e queimado cidades inteiras, saqueado milhares de arquivos, interrogado personagens de todo tipo, esquadrinhado possíveis ramificações e investigado a fundo a organização do império. Apesar de tudo, as promessas do Ulsar não tinham frutificado, haviam empreendido e sustentado aquela guerra para nada, com grande perda de homens e tempo. E tudo aquilo para que aquele ancião de Cindra o reprovasse por ter se deixado manobrar por alguém. Tratar-se-ia por acaso do Ulsar?

E desde o início a vaga sombra de ocultos e poderosos impérios havia gravitado sobre eles. Gregori havia insinuado sua possível existência e o Ulsar a havia demonstrado mostrando-lhes a nave enterrada. E agora aquele historiador... O capitão sentiu-se invadido pelo desespero. Assim pois, a guerra de Xandra não era mais que um insignificante e furioso formigueiro. Sem dúvida haviam sido arrancados deliberadamente do futuro para precipitar ali a queda do império, para intervir em um sutil ajuste de equilíbrio. Shangrin olhou fixamente para o ancião e o homem pareceu responder sua muda pergunta.

- Nós perdemos porque os deuses nos abandonaram. Prescindiram de nós porque deixamos de ser-lhes úteis. O fronte deve ter se alterado para outras linhas mais decisivas. Vários milhares de mundos vão mudar provisoriamente de senhor, até que a luta vá se estabelecendo progressivamente neles.

- Mas por que? - perguntou o capitão - Para que tanta luta?
- Isto eu ignoro - respondeu o historiador. - Talvez por prazer.
- Por prazer - repetiu a voz monótona do Runi.

O ovo transparente parecia dominar a todos. O Runi havia escutado o homem de Cindra e afastou-se a seguir.

Aquele estranho interrogatório quase chegou a desaparecer da memória de Shangrin, enquanto as cidade continuavam caindo e ardendo e eles continuavam sem encontrar nada, nem sequer a menor pista capaz de iluminar-lhes o caminho para sua época e para seus mundos. Mas conservou ele na memória, um indefinido e irritante desassossego, até que a lembrança brotou novamente com redobrada violência, explodindo como uma bolha, quando teve que matar o Ulsar.

Aconteceu no fim da guerra, quando todos já haviam regressado novamente ao acampamento da cratera. O Ulsar estava, há vários dias, apertando o capitão para que se decidisse a empreender a conquista do espaço. Sua insistência havia chegado a ser insolente. Shangrin por um lado já estava cansado de tanta guerra, mas por outro, intuía que agora se apresentava a oportunidade. Às vezes a ambição de fundar um império lhe turvava como uma embriaguez repentina, fazendo-o inclusive se esquecer da existência do futuro, de Neo-Sirius e de Loma.

As exigências do Ulsar aumentavam dia a dia. Segundo ele, tinha meios suficientes para começar o ataque se Shangrin não se decidisse a acompanhá-lo. O homem se mostrava, alternadamente, cauteloso e ameaçador.

No momento do incidente eles se achavam reunidos na tenda do Ulsar com Shangrin e o Runi. Este último permaneceu calado até que em um momento da discussão dirigiu-se ao chefe dos rebeldes:

- Agora eu sei quem é você!

E voltou-se quase que no mesmo instante para Shangrin, para dar-lhe uma ordem:

- Mate-o!

O Ulsar tentou se mover, mas o capitão reagiu instantaneamente. Sua arma latiu e o Ulsar caiu, deixando escapar de entre seus dedos crispados um brilhante e diminuto lança-raios.

Tudo havia acontecido com tanta rapidez que Shangrin se perguntou durante muito tempo porque havia agido daquele modo. Considerou que talvez o Runi exercesse sobre ele uma espécie de sugestão hipnótica, mas acabou admitindo que sua reação fulminante foi devida à explosão súbita de um ódio que seu ânimo havia acumulado progressivamente contra o Ulsar. Aquele sentimento havia-se incubado à força de fatos menores, de dúvidas, de vagos indícios, e também pelas palavras do historiador de Cindra, chocando-se sempre com a enigmática personalidade do Ulsar, eterna máscara que sempre parecia ocultar alguma coisa mais além de um líder revolucionário.

O Ulsar não morreu imediatamente.

- Eu cometi um erro - advertiu o Runi. - Não devia ter feito com que o matasse aqui mesmo, porque tão logo ele expire, a nave enterrada no fundo da cratera explodirá. Algum dispositivo secreto conecta a atividade vital deste homem com a nave. Eu ignorava isto, mas acabo de descobrir.

- Quer dizer então que a nave é dele?

- Sim. Eu suspeitei disto quase desde o começo. Este homem não é um simples peão sobre o tabuleiro, nem tampouco um louco: é um dos jogadores.

- Um dos jogadores... - repetiu Shangrin.

O Ulsar respirava com dificuldade, enquanto uma saliva sanguinolenta brotava entre seus lábios. O capitão adivinhou que ele estava tentando falar.

- É preciso fugir! - insistiu o Runi.

Shangrin tentou inclinar-se sobre o ferido, levantá-lo, transportá-lo e pedir ajuda.

- Não! - aconselhou o Runi. - Não lhe resta muito tempo. De qualquer forma ele vai morrer.

Então abandonaram a tenda e pareceu ao capitão que o Ulsar sorria sinistramente. Mas continuou andando como um autônomo, chocado, atrás do ovo transparente. Quando o cortante ar do exterior açoitou seu rosto, voltou a si e gritou ordens trepidantes. Seus homens se precipitaram para os deslizadores, fizeram-nos decolar com presteza e empreenderam voo para o sul. Shangrin observou os grupos de guerreiros e as paredes de mato e barro, até que a paliçada ocultou as fileiras de tendas. E então ele soube que o Ulsar acabava de iniciar seu transe de morte, pois sentiu em seu interior como se uma página da sua própria existência tivesse sido brutalmente arrancada. Agora sabia que o Ulsar os havia enganado desde o início, e que havia abusado dos seus guerreiros. Aquele homem pertencia realmente ao povo dos senhores do tempo, aos que utilizavam os homens para manejá-los com peças de um inconcebível tabuleiro de xadrez. Soube também que, apesar da sua solidez, aquela nave do futuro jamais teria podido resistir a um impacto tão tremendo como parecia. Na realidade, a cratera era somente uma engenhosa camuflagem.

Mas não havia sido ele, Varun Shangrin, quem havia descoberto tudo aquilo, embora a suspeita estivesse tanto tempo em seu inconsciente. Teve que ser o Runi quem lhe facilitara a chave do segredo. O Runi, melhor jogador de xadrez do que ele e capaz de desentranhar, com seus irrisórios membros, os enigmas de outra partida muito mais difícil. O capitão sentiu-se invadido por um rancor imenso contra todo o universo. Agora compreendia o sorriso maroto do Ulsar e o "por prazer" do ancião

historiador. Parecia já não ter outro incentivo, a não conquistar e destruir sem tré-gua, perseguindo sempre a louca esperança de chegar até os jogadores ocultos e fazê-los pagar pela crueldade do seu jogo.

- O que aconteceu? - perguntou Gregori.

- Matei o Ulsar - respondeu secamente Shangrin.

Naquele instante o penhasco que formava o esporão da cratera começou a se elevar pouco a pouco e na sua base acendeu-se uma delgada e brilhante linha vermelha. Pareceu que cada fração de segundo durava uma eternidade, que tudo se imobilizava e que nenhuma explicação era necessária. Até que viram saltar cada rocha em mil pedaços e, em uma imensa fogueira, o espaço e o tempo foram despedaçados e precipitados um contra ou outro, enquanto a grande bola de fogo brotava das entranhas do planeta. Caíram todos ao solo, dos deslisadores, com os olhos cheios de lágrimas e de formas purpúreas. E o poderoso braço do vento sacudiu atrozmente os aparelhos e derrubou dois deles sobre a planície.

Os demais se salvaram por milagre. Oceanos de lava subiram das profundezas preenchendo a cratera.

CAPÍTULO 11

Gregori se dizia que o súbito envelhecimento experimentado pelo capitão havia-o tornado ainda mais temível. Pensava nisto enquanto acudia ao seu chamado. Agora tudo acontecia como se entre Shangrin e o resto do mundo houvesse uma distância que transformava seus atos e palavras em alguma coisa pertencente a outros tempos. Vivia como um bárbaro entre bárbaros. Até sua barba, antes tão bem cuidada, era uma massa emaranhada e suja.

Era difícil admitir que os ocupantes da "Vasco" estavam fartos de guerra e daquela absurda busca sem fim. Lá em cima, ao abrigo da nave e em companhia de Norma, aquele afã de conquista parecia estranho e monstruoso. Tudo era sossegado na grande nave esférica; e notava-se um aroma primaveril nos parques artificiais. Lá em baixo, ao contrário, cheirava acremente a couro, óleo e metal.

- E então? - interrogou Shangrin.

- Querem que termine com tudo isto. Reclamam seu regresso e o dos deslizadores. Argumentam que isto não vai acabar nunca e solicitam uma reunião do conselho e uma nova definição da política.

O capitão ficou de pé. Seus movimentos eram lento e um pouco vacilantes.

- Gregori - disse roucamente, - eu o enviei para prestar contas das minhas decisões, não para receber ordens ou conselhos dos outros. Eu sei o que devo fazer.

Gregori ficou rígido.

- Não estamos tratando com bárbaros agora, capitão - replicou. - Eles não se limitarão a obedecê-lo e vão querer discutir. Saiba que ameaçam romper toda relação com você e inclusive deixar de provisioná-lo.

- Bah! Posso prescindir deles. Agora tenho minha própria frota, trinta e duas magníficas naves armadas até os dentes. Posso enfrentar as esquadras do império, vencê-las e destruir a capital e até conquistar todo o sistema.

Gregori endureceu sua expressão.

- Temo que não está vendo a situação com clareza, capitão. Não pretenda agir sozinho. É possível que as alocações de exploração estejam do seu lado, mas de nada servem sem o apoio da "Vasco".

A cabeça de Shangrin voltou-se pouco a pouco, como se fosse acionada por algum mecanismo incontrolável. Fios prateados marcavam seu cabelo e barba, e seus traços pareciam desbotados e fendidos por novas rugas. Os olhos estavam fora da órbita como nunca.

Levantou seus punhos, ainda poderosos, em muda maldição dirigida contra as intrigas da "Vasco" e Gregori notou neles um visível tremor.

- Sozinho? - grunhiu o capitão. - O Ulsar também estava sozinho e recorde o que ele conseguiu. Todo mundo está só e eu não temo a solidão.

- Alguem sugeriu recorrer aos guardiães.

- Tampouco temo os guardiães. Não temo ninguém. Desafio inclusive esses senhores do tempo. Tenho trinta e duas naves espaciais à minha disposição e vou atacá-

los e fazê-los morder o pó.

"Eles me confiaram a missão de detê-lo e conduzi-lo a bordo da 'Vasco' - pensava enquanto isto Gregori. "Dizem que ficou louco e temo que não deixem de ter razão. Mas eu não posso detê-lo. Continua sendo Shangrin, o fantástico Shangrin, o rebelde. Shangrin o grande." E Gregori lembrou de Norma, dizendo-lhe que se não se decidisse de uma vez, e logo, já não o faria nunca. Havia trabalhado com aquele homem e compartilhado seus desejos e preocupações. O capitão havia sido para ele como um pai; mas alguma coisa estranha tinha acontecido, alguma coisa o havia derrubado e as feridas eram bem visíveis. Aquele Shangrin não era nem a sombra do que fora antes da morte do Ulsar.

- Nuca estarei só - prosseguia o capitão, - porque tenho comigo o Runi. Claro, é por isto que está sendo tão cruel, não? Você tem medo do Runi. Todos os temem.

Gregori não respondeu. Era verdade. Smirno havia aconselhado prudência e tato por causa do Runi, devido à estranha aliança existente entre um ancião meio louco e obcecado pelo desejo do poder e um ser não humano dotado de uma sutileza ilimitada. Na "Vasco", alguns tinham levado a coisa ao ridículo, mas o xenólogo conseguiu infundindo-lhes temor e obrigando-os a ser prudentes. E ele, Gregori, tinha medo.

O orgulho triunfante de Varun Shangrin pareceu cessar subitamente.

- Matei o Ulsar - disse. - Você sabia, não é verdade? E esqueci porque o fiz - sua voz soava cansada e queixosa, até que recobrou alguma força e amplitude - Você lhes disse que matei o Ulsar? Agi como um cego e andei tateando por um labirinto, mas a verdade estava ali mesmo, sob meu próprio nariz, como uma luz. Até que eu a apaguei. Oh! Por que matei o Ulsar? Ele era meu irmão!

- Acalme-se - suplicou Gregori.

Pegou o ancião pelos ombros, mas ele o rechaçou com força.

- Eu tinha que matar o Ulsar, era necessário! Me enganava, sabe? Por acaso você não vê que nos debatemos nas trevas e o que eu pretendo é rasgá-las, destruí-las com a minha frota? O que imaginam as pessoas da "Vasco"? Vão me dizer que se conformam em permanecer sepultado no passado sem tentar nada?

- Querem a paz, capitão. Falam em colonizar algum planeta ainda virgem.

- O Runi me ordenou que eu o matasse e assim o fiz. De qualquer forma, não havia forma de obter nada dele.

Gregori recordou as últimas recomendações de Smirno, recebidas em segredo. "Se não conseguir fazê-lo voltar", havia-lhe dito o xenólogo, "fique ao seu lado. Tente ganhar sua confiança e procure manobrar com habilidade. Seja rápido e evite os riscos."

- Claro que não, capitão - respondeu em voz alta.

- É preciso continuar lutando. Temos que conquistar este universo e à todo custo abrir um caminho até os senhores do tempo.

- Pode ser que não haja outra solução - vacilou Gregori.

"Nós lhe concedemos um prazo de três meses", havia-lhe dito Smirno. "Se até então você não tiver conseguido trazê-lo aqui, tomaremos nossas medidas."

"Quais?" perguntou ele.

"Tentaremos destruir o Runi e capturar Shangrin para encerrá-lo a bordo."

"Ele se negará e se defenderá", replicou

"Em tal caso, teremos que matá-lo", anunciou friamente o xenólogo.

"Vocês estão loucos?" protestou.

"Não", corrigiu-o Smirno, "é ele quem está louco".

- Quem está encabeçando a oposição a bordo da "Vasco"? - perguntou o capitão. -

É Henrik?

- Não - respondeu Gregori. - É Smirno.

- Estão errados, eles não sabem o que fazem. Estou certo de que com a ajuda do Runi conseguiremos atravessar as portas do tempo. Eu já sabia que você me seria fiel, Gregori. Amanhã, amanhã mesmo nossas naves serão lançadas ao espaço. E em menos de um mês o império nos pertencerá.

E o capitão faria isto, não restava a menor dúvida, sem que ele, Gregori, pudesse impedi-lo. Os bárbaros o seguiriam, porque ele havia dito que o Ulsar morreu em consequência de um bombardeio por parte do império; e eles acreditariam. Com a ajuda daqueles rebeldes e dos técnicos da "Vasco" que lhe permaneciam fieis, Shangrin poderia triunfar e conquistar o império. Mas não fazia sentido. Seria como o esforço de uma poderosa toupeira furando o subsolo e estendendo, sem sentido, seus domínios através da escuridão.

Foi assim que aniquilaram a frota do império nas proximidades de um sol triplo. Perderam quatorze naves, mas a esquadra imperial, três vezes mais numerosa no início da batalha, foi destruída sob um furioso desencadeamento de feixes energéticos. Nada podia impedir Shangrin de tomar a capital.

E ele o fez, sem que isto mudasse as coisas. Os pasmados bárbaros penetraram na megalópole de oitenta e cinco milhões de almas, a única cidade do planeta mais povoado do império. Amedrontados pelo imponente tamanho dos edifícios, anunciaram aos escravos que estavam livres. Grandes fogueiras e gritos de júbilo acompanharam a ocupação. O saque foi fabuloso, mas a chave que Shangrin procurava permaneceu incógnita. E ele decidiu abandonar a megalópole, pois sua grandiosidade lembrava-o demais das tranquilas cidades de Magalhães. Gregori achou por um instante que ele optaria por regressar à "Vasco", mas não foi assim. Shangrin iniciou uma etapa de atividade febril: interrogou todos os sábios do império que pôde localizar, todos os capitães das naves corsárias que acudiam a ele movidos pela cobiça de possíveis ganhos, todos os traficantes de armas, tipos inquietantes com cara de furão que mendigavam permissão para saquear as fábricas do império. E também recebeu os dirigentes da organização libertadora.

Neles o capitão havia fundado suas últimas esperanças, recordando o precedente do Ulsar. Mas somente achou entre eles antigos escravos rebeldes, cabecilhas militares e alguns políticos; nada puderam dizer-lhe que ele não soubesse ou já adivinhara. Era possível que entre aqueles homens houvesse alguma personagem da mesma importância do Ulsar, agente de um futuro ignoto, mas não conseguiu desmascará-lo. Mesmo o Runi permanecia calado.

Inoluno, um dos principais responsáveis pela organização, insistia com o capitão:

- Vocês devem ajudar-nos a prosseguir a luta. Ainda resta muito por fazer, pois são muitos os mundos a serem liberados e uma desordem indescritível continua reinando no espaço, onde ondulam dezenas de bandeiras diferentes. Restam muitos planetas a reorganizar e novas sociedades a criar.

- Nada disto me concerne - replicava invariavelmente Shangrin. - Já lhes disse o que eu busco na realidade.

- Sei, eu sei - admitia o fatigado Inoluno, - mas nós já lhe revelamos todos os nossos segredos. Queria saber quem nos armava e que potências nos ajudavam e nós o dissemos; mas são tantos os mundos e os impérios que ficam entre nós e os supostos dirigentes até os quais você pretende chegar, que nos é impossível saber na verdade se conhecemos os autênticos membros dessa hipotética força suprema.

- Alguns dos seus agentes terão se infiltrado em suas fileiras e são eles que me interessam. Considere isto para seu próprio bem, pelo futuro seu Estado.

O capitão não podia ser mais explícito. Acreditava na sinceridade de Inoluno, mas não podia dizer-lhe que o Ulsar havia sido o agente secreto de um império fabulosamente distante no tempo, nem que ele o havia matado por este motivo. Tampouco podia revelar-lhe que intuía que ao seu redor havia a armadilha e o cerco de uma espécie de rede que não deixava de envolvê-lo em suas malhas. Estava convencido de que cada planeta contava com pelo menos um agente; aparentes peças mestras da organização, que perseguiam outros objetivos em segredo. E a soma das coisas que não podia revelar a ninguém, nem sequer a Gregori, se acumulava no ânimo de Shangrin, que encontrava seu único alívio em algumas confidências que reservava ao Runi, porque este já parecia saber tudo e era, por outro lado, algo singularmente alheio, um completo estranho.

Pelo menos aquelas entrevistas proporcionavam ao capitão uma boa imagem dos impérios e estados situados ao redor de Xandra. Potências até então desconhecidas emergiam das sombras e ficavam registradas nos mapas, enquanto certos nomes adquiriam outro sentido e solidez e novos horizontes se iluminavam cada vez mais povoados e animados. A densidade das populações era incrivelmente baixa, mas através de centenas de anos-luz povos de diferentes níveis tecnológicos mantinham relações mais ou menos bélicas e de variada continuidade. Alguns desses povos sabiam se mover entre as estrelas, enquanto que outros careciam da técnica necessária. Nos confins do agonizante império, certos vizinhos se dispunham a fuçar entre seus despojos, como se não lhes bastasse seus planetas igualmente despovoados.

A reflexão que um dia fizera Gregori, segundo a qual ratos e sapos agitavam-se nos fossos do grande castelo espacial, parecia fundamentada. Aquele frenesi, irrisório ou fabuloso, segundo a perspectiva com que se contemplasse, podia muito bem ser o reflexo de uma batalha empenhada a um nível inconcebivelmente maior. Mas quem estava em condições de interpretar isto?

E com o tempo começou a se formar um certo vazio em torno de Shangrin. Os homens com quem ele tratava foram mudando. Inoluno desapareceu um bom dia, levado talvez por correntes ocultas da sua própria organização, ou talvez obedecendo a súbitos receios dos seus dirigentes, temerosos de que terminasse fornecendo ao capitão muitas informações. Os homens que sucessivamente enfrentaram Shangrin eram mais frios e inacessíveis, mal lembravam a ajuda recebida e respondiam com evidente desprezo qualquer pergunta.

O capitão não tardou em se desvincular da organização. E, fundamentando-se em intuições e informações muitas vezes duvidosas, empreendeu por contra própria operações aventureiras. Guerreou nos próprios confins do sistema estelar, alugou sua frota a um outro império e rechaçou sempre todo convite para assentar uma aliança e assegurar-se de um poder mais estável. Seguiu à sua maneira o plano que havia explicado a Gregori, que consistia em remover o universo, em perturbar o lodo acumulado nos fossos do castelo estelar. Confiava em romper algum equilíbrio desconhecido e, provocando a cólera dos deuses, enfrentar-se finalmente com eles.

Passou o prazo dos três meses e Gregori voltou a parlamentar com os homens da "Vasco". Conseguiu uma nova prorrogação invocando a importância do saque que não deixava de entrar nos porões da grande nave esférica e sob a promessa de uma próxima solução. Foi-lhe concedida a trégua com manifesta frieza e o segundo em comando notou claramente que o poder de Smirno aumentava e que se avizinhava a hora de tomar decisões importantes.

- Por que ele continua tão empenhado em fazer a guerra? perguntou-lhe Norma.

Os dedos de Gregori brincavam com as mechas loiras do cabelo da jovem. O rosto do segundo havia adquirido uma expressão permanente de tristeza e fadiga. Mas acariciou com muito doçura os ombros da garota e pareceu decidido a falar.

- Porque ele resiste em abandonar definitivamente seu empenho. Jura que conseguirá nos devolver à nossa época.

- Eu acreditei nele durante algum tempo - respondeu Norma, - mas agora acho que ele está louco. Nega-se a aceitar a realidade das coisas e obstina-se em um desatino de não dar o braço a torcer.

- Não faz mais que ser fiel à sua própria lógica - argumentou Gregori.

Mas ele tampouco ainda acreditava na lucidez do capitão. Se continuava a defendê-lo diante da oposição da "Vasco", era por fidelidade, pela mesma honestidade que lhe induzia a velar pelos magalânicos frente aos despropósitos de Shangrin.

- Por que você vai voltar para seu lado? Mais de uma vez me perguntei se você continua me amando realmente.

Esta era uma pergunta muito antiga, para a qual Gregori ainda não achava resposta. Somente podia contemplar a jovem e acariciar-lhe o cabelo. Sabia que Smirno procurava influenciá-la, pressionando-a para que ela o induzisse a abandonar o capitão.

- Pode ser que não lhe falte razão - suspirou. - Perdidos como estamos, talvez seja melhor jogar tudo. E embora ele fracasse no empenho supremo, pelo menos terá conseguido afiançar nosso poder a tal ponto que isto nos permitirá viver muito tempo em paz ocupando o planeta da nossa escolha.

- Você acredita mesmo nisso?

- Não - respondeu ele, voltando a cabeça.

Gregori sabia que a obstinação de Shangrin havia fomentado o ódio, como sequela do medo. A "Vasco" poderia continuar se impondo, mas por muitos séculos a lembrança dos seus ocupantes e até dos descendentes destes seria amaldiçoada por mais mundos do que os que se podiam observar no céu de Xandra.

Mais tarde a confiança voltou ao ânimo de Gregori, pois Shangrin marcou um tento. À força de esquadrihar em todos os rincões do espaço, descobriu entre duas estrelas a presença de um planeta artificial. Era ali para onde iam as naves corsárias, em busca de armas de todos os tipos. O capitão conquistou o lugar em um ataque de surpresa e encontrou ali somente um homem, que concordou em parlamentar e se apresentou como o representante de um império distante. Mas Shangrin não acreditou nele. Sabia que, pela segunda vez, enfrentava um dos autênticos jogadores.

Conduziu o indivíduo para bordo da "Vasco" e o pôs na presença do Runi. Então a expressão do homem mudou de repente.

- Traidor! - gritou. - Você tem conspirado com eles!

O rosto do prisioneiro ficou lívido e seu corpo caiu fulminado. O capitão não havia previsto a possibilidade de um suicídio e lamentou-se muito tarde. O enorme planeta estava, ao cabo de alguns segundos, destruindo a guarda que Shangrin havia deixado nele para inventariar os arquivos.

Em companhia do Runi, o capitão começou a levantar novas perguntas. Aquele segundo jogador pertencia ao mesmo bando do Ulsar, ou era ao contrário? Do ponto de vista político, a segunda hipótese parecia mais verossímil, porque o planeta artificial fornecia armas ao império e não à organização rebelde. Mas as coisas podiam

não ser tão simples. Mesmo em escala cósmica, uma partida de xadrez exigiria sacrifícios, investidas e recuos capazes de implicar aparentes debilidades no apoio de um determinado ponto, que nem por isto deixava de ser objeto de uma especial atenção. Seria preciso conhecer os propósitos ocultos de cada oponente para interpretar a fundo o significado de cada jogada.

Nada descobriram sobre o corpo do suicida, salvo um cilindro de metal um pouco mais grosso que um dedo. O capitão o pesava maquinalmente, calibrando entre seus dedos a estranha vibração que parecia agitar os átomos do objeto. Aquele gesto chegou a se tornar um hábito e ele pouco se surpreendeu quando um certo dia uma voz brotou do cilindro azulado expressando-se com clareza e falando-lhe em sua própria língua.

CAPÍTULO 12

As consequências da explosão do planeta artificial não se limitaram a quebrar as estruturas do espaço. Também repercutiu como uma onda através do tempo e acabou por alcançar, nos próprios confins da história humana, o cérebro principal que coordenava os trilhões de acontecimentos elementares ocorridos no transcurso de várias centenas de milhões de anos. Mas, além do citado cérebro, aquela explosão perturbou também os planos de certas entidades que reinavam sobre o tempo. A princípio parecia um acidente trivial, mas o desaparecimento de um depósito de armas naquela zona do espaço, embora que secundário, deu motivo a que certas batalhas tivessem contrariado seus resultados previstos, que determinados impérios não chegassem a ser bem sucedidos e que outros, destinados pelo plano de jogo a não sair do limbo, desabrochassem como fantásticas flores sobre a negra tela do espaço.

Os dois antagonistas supremos - na realidade eram mais de dois, embora eles o ignorassem - viram seus planos transtornados. A guerra que se desenvolvia abertamente em uma frente de sete mil anos e que abrangia clandestinamente um período de várias centenas de milhões, conheceu uma trégua imprevista. Um dos inconvenientes de uma estratégia generalizada demais é que tende a eliminar o accidental, exceto os acontecimentos de natureza aleatória e, por conseguinte, previsível mediante leis estatísticas. E a explosão do planeta artificial, unida a outros fatores, provocou um certo travamento na máquina.

Um travamento transitório, claro.

Naturalmente, os dois antagonistas não deram muita importância à verdadeira origem daquele incidente, da mesma forma que consideravam com certa indiferença o resultado daquela guerra. Mas ambos conheciam sua causa: uma entidade chamada Shangrin. Então decidiram fazer o que fosse preciso para evitar que a desordem se estendesse. Retirariam do jogo aquela presença inoportuna, ou a colocariam em outra casa do grande tabuleiro temporal.

Os altos representantes de cada bando antagonista, ambos humanos, no sentido que se atribui semelhante termo nos confins da história, reuniram-se em terreno neutro, em um sub-universo especialmente criado para as negociações, situado no passado absoluto. Ambos já se conheciam, por haverem dirimido juntos outras circunstâncias parecidas e isto explicava a relativa cordialidade com que um e outro se expressaram durante a entrevista, sem esquecerem porém que a princípio continuavam professando, reciprocamente, um ódio eterno.

- Aceitei esta trégua - declarou o alto representante axeliano, - por ser evidente que a prolongação deste estado de coisas não faz mais que nos prejudicar igualmente. Admito que a frente se modificou a seu favor em alguns conjuntos galácticos, mas não podemos perder de vista a instabilidade dessas vantagens, o que augura uma longa série de oscilações imprevisíveis. Os princípios da economia que regem esta guerra exigem que ponhamos fim a semelhantes desatinos.

O alto representante nirvano se permitiu uma pausa antes de responder. Os dois

personagens se pareciam extraordinariamente e cada um deles era perfeitamente capaz de saber o que o outro pensava.

Através da vigia que lhes permitia contemplar o universo real, ambos podiam ver a profusão de entrecruzadas faixas multicores, representativas de segmentos de matéria, que se retorciam como serpentes na fluida descontinuidade do tempo.

- Perdemos um agente extremamente valioso por culpa desse Varun Shangrin - queixou-se o alto representante nirvano. - E foram vocês que precipitaram esse intruso para o passado remoto, de modo que corresponde a vocês reparar os danos decorrentes do caso.

- Permita-me! - objetou o axeliano. - Nós também perdemos um arsenal que era de importância primordial para nossa ofensiva local. A princípio, a introdução dessa gente no sistema deveu-se a um simples acidente, pois ninguém havia decidido enviar uma nave tão primitiva ao passado remoto. Mas nosso cérebro principal desprezou a importância deste incidente estúpido, considerando ínfimas as probabilidades de que a situação degenerasse a tal extremo.

- Não é bom se confiar em um simples mecanismo - opinou depreciativamente o nirvano. - Por isto nós preferimos não empregar algum triturador de informação como seu famoso cérebro principal. Em segundo lugar, devo fazê-lo notar que vocês puseram em perigo uma nave que não pertencente às duas altas partes beligerantes, e que isto os fez incorrer em uma violação do Pacto de Ódio.

- Nós admitimos isto - concordou o axeliano, - e estamos dispostos a reparar nosso erro, devolvendo essa nave e seus ocupantes ao seu espaço e à sua época de origem. Mas para isto teríamos que recorrer ao emprego dos campos de estase em uma medida muito ampla, o que por outro lado vem também a entrar em conflito com o espírito do Pacto.

- Este recurso poderá ser utilizado sob nosso controle direto - aceitou o nirvano. - Mas existe outro aspecto desta questão, algo que você parece esquecer.

Desta vez foi o axeliano quem fez uma pausa. No inimaginável exterior, a complexa mobilidade das faixas multicores fazia pensar em um estranho jogo, em algum gigantesco caleidoscópio destinado a divertir uma infância cósmica. Representava avatares de impérios, trilhões de seres, histórias paralelas e sucessiva, uma infinidade de vidas, de dramas, de lutas, de sofrimentos, de solidões, de gozos furtivos, de ilusões e tomadas de consciência. Do privilegiado nível em que se achavam, os dois altos representantes quase podiam presenciar o desenvolvimento da história conjunta do universo e dar-lhe um sentido. Mas ambos sabiam também que acima deles havia outras entidades superiores que manejavam aquelas faixas multicores e que as dirigiam segundo suas vontades.

- Não o esqueci - respondeu finalmente o axeliano. - O Runi.

- Exatamente - disse o alto representante nirvano. - O Runi, única e principal razão pela qual ambos combinamos esta trégua.

- E porque nosso ódio comum aos Runi é ainda maior que o ódio recíproco que professamos.

- Justamente - concordou o nirvano.

Os dois personagens começaram a meditar exatamente nos mesmos termos:

"Cada vez que se nos apresenta a oportunidade de destruir um dos Runi, não deixamos de fazê-lo. Se pudéssemos confabular para juntos conseguirmos seu extermínio definitivo, nós o faríamos. Mas isto é impossível, porque são precisamente eles que movem os fios do conjunto. São eles que nos obrigam a sustentar este jogo estúpido, sutil e brutal que chamamos guerra. E fazem isto porque são jogadores por essência e por natureza, porque para eles as peças mais apaixonantes são os pró-

prios seres humanos. E assim manejam nossos povos e sociedades sobre o tabuleiro do universo.

"Apenas finalizada uma partida, outra parece começar em seu lugar. Ou trata-se por acaso de uma só e gigantesca, continuada indefinidamente, melhorada com novas artimanhas, repetida e modificada até a própria perfeição? Não há dúvidas de que, abusando dos seus recursos, conseguiram nos levar até o desespero e despertaram na espécie humana certas faculdades mais próprias do delírio ou da mitologia. Jamais nos deixaram em paz e nos fizeram provar um cálice de amargura. Por isto, a pequena e breve chama da existência humana conhece toda sorte de sofrimentos, desventuras e calamidades sem fim. Mas, sobretudo, odiamos os Runi porque nos empurram irresistivelmente para nossa destruição.

"Nos custou muito tempo descobrir quem realmente urdia a trama dos acontecimentos, mas quando conseguimos saber, nossas consciências não nos serviram para nada, porque os Runi dirigem seu jogo segundo as leis das nossas sociedades humanas. Sabem que estas são intrincadas e complexas e podem obrigar-nos a agir contra nossa consciência, contra nossos desejos, profundos ou efêmeros. São verdadeiras coletividades de seres que os Runi movem sobre o tabuleiro das estrelas e no seio de tais conjuntos nós somos simples células anônimas. Somente uma minoria tenta de vez em quando retirar-se do jogo, mas mesmo assim acaba sendo alcançada pela guerra e enfrenta-se com as alternativas de defender-se ou resignar-se a perecer."

Naquela zona do passado absoluto cabia esperar um certo refugio contra o constante assédio dos Runi, pois estava situada nos próprios confins do tabuleiro universal. Entre outras razões, esta era a causa principal para que os altos representantes tivessem escolhido aquele lugar para sustentar sua entrevista.

- É preciso que ele seja destruído - sugeriu o axeliano.
- Mas não podemos intervir diretamente - objetou o nirvano.
- Não. Terão que ser os magalânicos que nos entregarão, em troca de retornarem ao seu espaço e seu tempo.
- Assim o espero.
- Acha possível que os Runi intervenham para salvá-lo?
- Eu estranharia muito isto. Jamais fariam isto durante uma partida. Creio que pare eles isto equivaleria a fazer jogo sujo.
- Segundo vejo, estamos completamente de acordo - observou o axeliano.
- Quem vai propor-lhe o trato?
- Tiremos a sorte - propôs o axeliano.

E o acaso fez com que a missão recaísse sobre ele.

Durante um longo momento os dois personagens permaneceram silenciosos observando a partida que se desenrolava sob seus olhares. Uma florescência malva estava se impondo, até que explodiu, cedendo passo a um véu azulado cujos farrapos pareceram dominar por um instante as faixas luminosas. As regras daquele jogo continuavam sendo-lhes ininteligível, pois se algum dia deixassem de ser, aquilo mostraria ser o final da partida. Mas os Runi podiam modificar infinitamente aquelas misteriosas regras.

- Me ocorreu uma dúvida - acrescentou o axeliano. - Me pergunto que transtornos vai provocar o desaparecimento desse Runi. Não dispomos de meio algum para avaliar.

- Há outro ponto embaraçoso - observou o nirvano. - Acabamos de ver se desenvolver diante de nós toda a história da "Vasco" e do seu capitão. A partir deste ponto, não podemos conhecer suas etapas posteriores porque isto nos obrigaria a intervir na trama temporal, o que nos está vedado pelo Pacto. Mas recordemos um episódio-

dio recente: a "Vasco" foi a primeira nave que estabeleceu contato com o planeta dos Runi.

- Isso mesmo - admitiu o axeliano.
- E foi o capitão da "Vasco, esse Shangrin, quem ensinou aos Runi o jogo de xadrez.
- Acho que sei o que quer dizer - interveio o axeliano.
- Mas nada podemos fazer a respeito - suspirou o nirvano.
- Considero que esta coincidência implica em uma perfeição excessiva - insistiu o axeliano - Parece uma jogada dos Runi.
- Abstenha-se de filosofar - recomendou o nirvano. - É um costume que não leva a parte alguma.

A voz emitida pelo pequeno cilindro de metal azulado falava com singular clareza.

- Eis aqui o que lhes propomos - dizia. - Sua nave foi vítima de uma arma que não lhe estava destinada e que a projetou para um tempo que não lhes corresponde. E são tantas as perturbações introduzidas por vocês na marcha dos acontecimentos, que desejamos sinceramente devolvê-los ao seu tempo e ao seu espaço para reparar nosso erro. Entretanto, razões físicas impedem de fazê-los franquear o abismo temporal para o futuro com a mesma facilidade com que foram movidos para o passado. Mas podemos situar cada um de vocês em um campo de estase que lhes permitirá passar sem dificuldade esses duzentos e trinta milhões de anos. Terão que abandonar sua nave e seus bens, mas nos comprometemos a devolver as duas coisas quando despertarem e velar por sua segurança pessoal durante os duzentos e trinta milhões de anos que durará seu sono. Também estamos dispostos a indenizá-los, na moeda ou metal da sua escolha e na quantidade que julguem adequada, pelos sofrimentos físicos e morais que tenham padecido.

Só impomos uma condição. É que nos entreguem o Runi que têm a bordo da sua nave e a quem tratam como um aliado. Devem entender que o Runi é um monstro, que todos eles são monstros e que como tal devem ser odiados e destruídos pela espécie humana. Pensem que no distante futuro de onde estamos falando duas entidades estão empenhadas em uma guerra cujas repercussões envolvem vocês e que esta luta cruel é obra exclusiva dos Runi, que a alimentam e fomentam por puro prazer, para saciar seu monstruoso apetite pelo jogo. Por esta causa, este distante futuro, que logicamente deveria registrar o apogeu da espécie humana no píncaro da sua história, vive de fato uma situação em que os homens se transformaram em simples peças que os Runi movimentam a vontade sobre o tabuleiro das estrelas.

Estamos convencidos de que vocês não vacilarão um só instante. Não lhes pedimos reparação alguma pela vida do agente que mataram, nem pela destruição do planeta artificial que também provocaram, obrigando com isto o suicídio de um alto representante do bando adversário, pois, naturalmente, homem algum que seja consciente e digno de tal condição poderia fazer outra coisa na presença de um Runi, para evitar a humilhação de se transformar em seu brinquedo. Pedimos-lhes somente que nos entreguem o Runi.

- Não! - urrou Shangrin, furioso.

Uma mistura de raiva e júbilo alterava seu rosto. Jogou no chão o cilindro e precipitou-se para Gregori, pegando convulsivamente em seus ombros.

- Finalmente - gaguejou. - Eu triunfei, nós os pegamos! Obriguei os deuses a se manifestarem e o futuro nos pertencerá. Desmascarei os jogadores!

- Nós não somos os jogadores - replicou a voz do cilindro, ou pelo menos os joga-

dores principais. Se bem que manipulamos as sociedades e os destinos de vocês, por nossa parte nos vemos submetidos ao capricho dos Runi. Nós sabemos disto, mas não podemos fazer nada para evitar no atual estado das coisas. Os únicos jogadores verdadeiros são os Runis.

- Vai aceitar o trato? - perguntou Gregori, com a voz lenta e cortante.

Mas ele viu brilhar nos olhos do capitão a velha chama do navegante-mercador e adivinhou a resposta. Shangrin já a havia pronunciado bem forte e ele não era homem propenso a se retratar. Pertencia a um mundo onde a palavra dada valia tanto como o documento mais legal, onde ninguém nunca descumpria os termos de um pacto verbal, qualquer que fosse a natureza dos tratados preliminares. Se bem que o capitão se havia proposto a tentar os senhores do tempo com a oferta de algum produto que fosse raríssimo para eles, em troca da devolução da "Vasco" ao seu espaço e tempo legítimos, o preço que agora lhe exigiam era excessivo e ele se negava a pagá-lo. E o resultado final viria a ser para Shangrin a inutilidade de toda sua luta, o fracasso definitivo e o vazio de tantas e tão custosas lutas. Para Smirno era fácil explorar aquela vitória final para transformá-la em uma derrota inapelável.

- Não, não aceitarei! - insistiu Shangrin. - e aquela negativa repetida era dirigida igualmente para Gregori e para a voz anônima procedente do cilindro.

- Reflita, por favor! - suplicou Gregori. - É nossa última oportunidade; e é a única para você também.

- Jamais!

A chaleira fumegava diante dele no sufocante habitáculo da sua primitiva nave, capturada de algum astro-porto do império.

"Pactuei uma aliança com o Runi", pensava consigo mesmo Shangrin. "Prometi-lhe que nos salvaríamos juntos ou que juntos perderíamos a partida. Aceitou por vontade própria via a bordo da "Vasco" e assim se converteu em um hóspede de Magalhães. Desde quando os magalhânicos comerciam às custas dos seus hóspedes?"

O capitão levantou à altura dos olhos uma xícara de antiga porcelana. Colocou-a depois com cuidado sobre a mesa metálica, contemplou as estrelas desconhecidas que brilhavam na tela de navegação e, com um golpe súbito e brutal, abateu seu punho e esmagou a xícara. Tudo aconteceu quase sem ruído. Então pegou pausadamente a chaleira, levantou a tampa, cheirou a aromática bebida e terminou jogando o recipiente em um canto do reduzido aposento.

- Se eu consegui triunfar - disse com voz alterada, - foi somente graças à ajuda do Runi. Sem ele nós ainda estaríamos nos movendo nas trevas. Se esses tipos querem sua pele, que venham buscar; terão que enfrentar nossos canhões.

- Suponha que eles possam demonstrar o que afirmam, ou seja, que o Runi é um monstro - insistiu Gregori.

- Eu sei muito bem o que são os Runi - respondeu Shangrin. - Ignoro em que se transformarão mais para diante, mas conheço meu Runi e sei que não é monstro algum. Nunca trapaceou no xadrez.

- Já pensou no que dirão as pessoas da "Vasco"? Acha que renunciarão tão facilmente a regressar?

- Terão que me obedecer - disse o capitão.

Endireitou-se e ergueu-se em toda sua estatura, esforçando-se para voltar a ser o grande urso de quase dois metros de altura, esquecendo-se dos pelos cinzas que povoavam sua barba encrespada e sua cabeleira.

- Você me falou há alguns dias que eles haviam pensado em colonizar algum planeta virgem. Creio que é uma boa ideia - sua voz se fez mais suave e insinuante. - Sim, uma ideia muito acertada. Por que não aproveitá-la? Por outro lado, que fé

pode merecer o que nos afirma um absurdo cilindro de metal? É muito provável que na realidade nada tenhamos ouvido, que se trata somente de alucinações.

- Em tal caso, eles sempre ignorarão que você tinha razão, capitão. Além disso, duvido que pudéssemos continuar ocultando-lhes a verdade. Trata-se de uma decisão muito grave para que você a adote sozinho, compreenda.

- Seremos os dois a tomá-la, Gregori - disse Shangrin. - E você pelo menos saberá que eu estava certo. As opiniões de Smirno, Henrik, Nardi, Derin, Zoltan e toda a camarilha de cientistas contam muito pouco nesta situação. Afinal de contas, eu me comprometi em nome de todos.

A voz do capitão cresceu até adquirir a potência dos grandes sois selvagens que rugem o bramido da matéria nas concavidades dos fonóforos.

- Aceito as reparações pelos danos sofridos - pronunciou solenemente, - mas não as condições exigidas. Continuarei a luta e reduzirei os orgulhosos senhores do tempo e os farei morder o pó.

A voz do cilindro soava como um chiado insignificante, comparada com aquele trovão explosivo, mas conservou sua nitidez taxativa ao responder:

- Você não tem opção ante nossa oferta, capitão. Se decide rechaçá-la, faremos com que sua expedição termine sendo destruída pelas mesmas forças que desencadeou. Você tampouco tem poderes suficientes para semelhante decisão e não deixaremos de expor diretamente aos ocupantes da "Vasco" os termos da nossa proposta, que consideramos justa e honesta, para que sejam eles quem finalmente decidam. Nós lhe concederemos o tempo necessário para regressar à sua nave e para anunciar pessoalmente aos magalânicos a oferta que fazemos em nome de Axelia e de Nirva, cujos poderes opostos, mas neste caso unidos, são invencíveis.

Dito isto, o cilindro emitiu um breve fogo esverdeado e queimou-se subitamente, acabando por se desintegrar.

A porta do aposento abriu-se sem ruído, mas era muito estreita para deixar passar o Runi, que flutuava no corredor.

- Cabe a você decidir - pronunciou a monótona voz daquele ser. E afastou-se.

- Será necessário que esperem algum tempo - disse o enviado do futuro - antes de nos entregarem o Runi, pois necessitamos dispor do equipamento adequado para proceder à sua destruição.

O personagem era alto, magro, com o olhar frio, embora tivesse um semblante singularmente humano. Estava falando diante do conselho da "Vasco" e havia feito saber a todos ali reunidos que vinha dos próprios confins da história e que após sua civilização os destinos humanos seriam somente como uma vaga neblina de incertas probabilidades, um indecifrável caos de realidades paralelas. Acrescentou que havia adotado aquela aparência para não assustá-los, embora fosse infinitamente mais próxima à deles que a das entidades situadas no outro lado do tempo, em nome das quais falava. Havia aparecido bruscamente na sala do conselho na hora indicada e sua presença poderia ser real um uma simples projeção.

Os magalânicos intuía a manifestação de poderes e de uma civilização incompreensível. O próprio Gregori sentia-se fascinado por aquele emissário do futuro, enquanto recordava com amargura a ovação que havia acolhido a Shangrin quando regressou a bordo da "Vasco" e o silêncio glacial com que foi condenada, logo a seguir, sua opinião a respeito da proposta formulada. Em menos de um segundo, aos olhos daquela gente, a imagem do capitão passou de uma figura viva de um herói ao paradigma de uma besta feroz. Gregori sentia sobre si o olhar de Norma e sabia que as

dúvidas e as suspeitas começavam a corroer o ânimo da jovem. Por sua parte, não sabia se ficava alegre ou não pelo fato de Shangrin haver fracassado, nem se desejava que o Runi tivesse se equivocado em suas revelações sobre os senhores do tempo.

Mas o capitão e o Runi haviam tido finalmente razão. E por isto ambos eram detestados.

“O capitão me pediu que tentasse retardar o mais possível a conclusão de qualquer acordo”, pensava naquele momento Gregori, enquanto ouvia distraidamente o enviado do futuro anunciar com voz harmoniosa as condições da sua oferta. “Mas posso e devo fazê-lo? Devo obedecer-lhe pela última vez, e não somente porque continua sendo nosso capitão, mas porque sempre demonstrou saber o que convinha fazer ou evitar? Posso ajudá-lo a conseguir essa pequena prorrogação, embora ele não me tenha esclarecido os motivos que o induziram a me pedir isto?”

Porque naquele momento ele ignorava o que Shangrin parecia estar tramando e não podia perguntar a ninguém sua opinião a respeito, nem sequer a Norma. Todas as repostas teriam sido negativas, já que nenhum dos passageiros da “Vasco” conhecia o capitão tão bem quanto ele e, por conseguinte, ninguém se sentiria, tampouco, obrigado com a palavra empenhada por um homem ao qual consideravam louco e a favor de um ser ao qual julgavam monstruoso.

Naquele momento Gregori odiou Norma com uma violência que nunca teria acreditado ser capaz, acusando-a por não achar nela o menor alívio para suas próprias dúvidas. Soube que aquele sentimento duraria pouco, mas durante aqueles momentos cruéis e amargos chegou a se sentir atrozmente sozinho, apesar da jovem e por causa dela. Sentia-se tão sozinho como o próprio Shangrin. E então soube que no fundo, quisesse ele ou não, era uma espécie de reflexo do capitão e que seria a vontade deste que ele deveria ajudar a realizar.

CAPÍTULO 13

- Vocês ouviram as condições da minha proposta - concluiu o enviado do futuro.

O conselho havia entendido perfeitamente e deu seu consentimento. Os olhares dos presentes espreitavam inquietos o assento que Shangrin havia abandonado momentos antes.

- Achei necessário reiterar minha oferta diante desta assembleia - esclareceu o personagem - porque vimos que seu chefe não aceitará a entrega do Runi. Pelo visto, o capitão desta nave não entende o aspecto monstruoso desse ser.

- Ele é um ancião - interveio Smirno, - e os últimos acontecimentos o afetaram muito.

O xenólogo olhava fixamente para Gregori, que considerou que finalmente Smirno havia conseguido sua vingança. Mas o segundo em comando estava concentrado no mostrador do seu relógio, o qual consultava, procurando dominar o tremor das suas mãos apoiadas sobre a mesa. Shangrin havia-lhe encarregado de fazer o impossível para que a sessão não terminasse antes da décima quarta hora e ele havia aceito, com a alma desolada.

Faltavam ainda três minutos e Gregori procurou algum consolo no olhar de Norma, mas um brilho de esperança renascida parecia acender-se nos olhos da jovem. Seus filhos nasceriam em Lorna ou em Suni e não naquele sinistro passado cheio de guerras e de bárbaros. A perspectiva do trânsito de tantos milhares de anos adormecida em um campo de estase não deixava de assustá-la. Mas teria se atrevido a andar sobre o fogo para regressar à sua época. O mesmo pensavam todas as pessoas da "Vasco".

O que o capitão estaria tramando?

Dois minutos.

- Passemos à votação - propôs Gregori em voz alta.

- Não é necessário - objetou Smirno. - Todo mundo está de acordo. O Runi será entregue tão logo nossos amigos do futuro disponham do equipamento necessário. Espero que Varun Shangrin não pretenda opor-se à maioria.

- O capitão Varun Shangrin - retificou Gregori.

- Como queira...

Smirno voltou-se para o conselho.

- Proponho que uma emenda acrescentada ao texto disponha sobre a destituição do capitão Shangrin - solicitou. - Sua oposição à entrega do Runi e a sua ausência a esta assembleia mostram claramente como seu estado está anormal.

- Mas antes ele tem o direito a ser ouvido - insistiu Gregori.

Mas sabia que tudo estava perdido. Detestava Smirno, embora não pudesse negar que ele tinha razão. O Runi teria que ser entregue e Shangrin seria declaradoamente, sem mais discussão. E entretanto o capitão havia cumprido o que prometeu: havia-os conduzido às próprias portas do tempo.

Os resultados da votação começaram a encher de cifras uma tela. No relógio de

Gregori, o ponteiro ultrapassou o limite da décima quarta hora.

"Bem", pensou, "fiz tudo que pude. Má sorte. Que entreguem o Runi e nos submerjam a todos nesse maldito sono de duzentos e trinta milhões de anos... E tomara que comecem logo, antes que eu também termine louco."

A voz de Shangrin tirou-o dos seus pensamentos. Era uma voz potente e esmagadora, a mesma voz do capitão de antanho, a que lançou seu desafio para os astros, para o tempo e para os representantes de Magalhães. Uma voz rejuvenescida dez anos, o bramido de um urso, o fragor de um oceano derramando-se como uma catarata nos fonóforos.

E suas palavras o encheram de assombro.

- Não vou tolerar esta deslealdade - atroava Shangrin. - Jamais, enquanto eu viver, o Runi será entregue. Não admitirei que uma traição nossa o condene à morte. Lembrem que ele veio a bordo da "Vasco" por sua livre vontade e que é nosso hóspede. Eu preferiria tocar o próprio fundo do abismo do tempo antes de me fazer cúmplice da entrega do Runi!

Gregori notou que se desenhava um estranho sorriso nos delgados lábios do enviado do futuro. Quais poderiam ser os sentimentos daquele homem dos últimos tempos?

- Vergonha sobre quem seja capaz de entregar o Runi! - insistia o capitão. - Não podemos acusá-lo de nos prejudicar em nada, pelo contrário, ele nos ajudou o quanto pôde. Tampouco podemos fazê-lo responsável pelos perigos que sua espécie possa representar para o homem. O Runi é meu aliado e eu o defenderei!

Gregori dirigiu seu olhar para os semblantes aterrados dos membros do conselho. Smirno tinha ficado pálido enquanto escutava e evidentemente estava com medo. Shangrin não era mais que um homem e os demais formavam uma frente compacta contra ele; mas já haviam se submetido diversas vezes à sua liderança e algo disto ainda restava.

- Como não posso estar seguro de que todas as pessoas presentes a bordo compartilham da minha decisão - prosseguia Shangrin, - tomei certas medidas. Durante as duas últimas horas eu me entrincheirei na câmara de navegação. Daqui posso controlar a navegação. Neste momento estamos nos dirigindo para o espaço extragaláctico. E a fim de evitar qualquer atentado contra minha pessoa, comunico a todos que a zona dos geradores e a própria câmara de navegação estão isoladas do resto da nave. As eclusas foram fechadas e as anteparas de acesso foram postas sob tensão. Também deverão ser evacuados imediatamente os corredores e os setores mais próximos a estas zonas da "Vasco". Dentro de uma hora, qualquer pessoa que ainda se encontre nesses locais correrá perigo de vida.

- Você está completamente louco! - uivou Smirno. Aquilo havia lhe escapado enquanto sua boca se contorcia de raiva. - Saiba que se acha sob prisão, Varun Shangrin. Foi destituído e não tem direito algum a dar ordens nesta nave. O que acaba de fazer torna-o um criminoso.

Shangrin soltou uma gargalhada.

- Venha me prender, se se atreve - desafiou.

- Você traiu os seus! Incorreu em traição contra toda a espécie humana! Você é um monstro.

Toda a assembleia se pôs de pé e começou a gritar. Gregori voltou a cabeça e compreendeu a causa do pânico. Na grande tela da sala acabara de aparecer o espaço. A "Vasco" navegava a uma velocidade fabulosa e as estrelas fugiam como vagalumes possuídos pela loucura. A nave se dirigia para o vazio, para o tenebroso abismo intergaláctico e os astros já começavam a escassear.

O enviado do futuro aguardou que se restabelecesse uma calma relativa, após o que contemplou os presentes com frieza.

- Está fora dos meus poderes remediar esta situação - disse. - Mantemos rigorosamente o lema de não intervir nos assuntos dos primitivos enquanto não o exijam nossos próprios interesses. Somente a vocês corresponde agir. Confio em que estas dificuldades sejam transitórias e que acabem aceitando minha proposta. Entretanto, visto o presente estado das coisas, considero que não há nada que justifique minha presença aqui.

E o personagem desapareceu de repente, enquanto todos continuavam com o olhar fixo no lugar de onde ele lhes havia falado, como se dessa forma pudessem encontrar alguma solução. Assim permaneceram por longo tempo e Gregori achou que os furores haviam se acalmado.

Mas não era assim. Eles haviam perdido até a última esperança.

O robô-beleguim percorria os corredores da nave. Previamente, ele havia tomado a pequena espada de ouro da caixa secreta com seus afiados membros de inseto metálico. Ainda que estivesse perfeitamente cômico dos seus poderes, experimentava ao mesmo tempo algo indefinido e muito semelhante ao medo. Durante seus duzentos e trinta e sete anos de atividade em diferentes naves, somente em três vezes o robô tinha tido que recorrer à autoridade simbolizada pela espada suspensa da cadeia. E aquilo sempre havia significado a morte de um homem.

O robô-beleguim não temia por sua própria segurança, mas suas instruções normais o proibiam de causar danos a seres humanos. E levar consigo aquela espada de ouro cancelava durante um certo tempo, e para uma determinada missão, aquela proibição tornada lema, tão imbuída nele que a recordação quase inconsciente dos duzentos e trinta anos de inibição pesava sobre sua mecanizada e limitada consciência.

Avançou para o centro da nave levando também consigo uma arma pesada, encaixada como um olho no pondo médio do seu peito, motivo pelo qual só podia circular pelas vias principais da "Vasco", onde as paredes eram grossas o bastante para resistir ao impacto dos destruidores raios atômicos.

Os humanos se afastavam à sua passagem, interrompendo seus cochichos. Mas a sensibilidade dos microfones integrados no corpo do robô lhe permitia captar palavras isoladas e interpretar a situação à sua maneira.

- Sempre considerei esse Runi como um monstro...
- Um perigo latente...
- Não consigo entender como se atreveram a trazê-lo a bordo de uma nave onde há mulheres e crianças.
- No final das contas, esses tipos do futuro parecem saber bem o que dizem, não?
- Acha que a cotação do zolt vai cair, levando em conta nosso carregamento?
- Isto dependerá de...
- Até logo, Suni...
- Me pergunto se ela continuará me esperando...
- Hibernação, claro...

Depois as vozes ficaram menos frequentes e isto aliviou a angustia do robô-beleguim. Não gostava de se sentir submerso naquele ódio que todos os humanos pareciam concentrar no Runi. Entretanto ouvia falarem pouco de Shangrin, mas sabia que aquilo era iminente. Não se atreviam a mencionar o capitão mas, em troca, era a ele que o robô procurava.

“Ordenamos ao capitão Varun Shangrin, comandante da “Vasco”, que se apresente diante do conselho para conhecer o texto relativo à sua destituição do dito cargo e para ser informado das decisões em relação à sua pessoa e que afetam também ao monstro estrangeiro chamado Runi.”

Quando o robô-beleguim alcançou os limites dos setores evacuados, cruzou com uma patrulha de soldados das seções exploradoras. Os homens olharam-no com frieza. Haviam permanecido fieis a Shangrin porque Magalhães significava para eles muito menos que para os demais. No momento se limitavam a mostrar os dentes, embora tivesse bastado uma ordem do capitão para desencadear as hostilidades. Sua missão ainda era ambígua: por um lado protegiam os misteriosos propósitos de Shangrin e por outro impediam que algum ocupante da “Vasco” se aventurasse naquela área.

O robô-beleguim se perguntava se aqueles homens se atreveriam a disparar contra ele, mas a possibilidade da sua própria destruição não chegou a afetá-lo. Os soldados se limitaram a observá-lo enquanto ele se afastava pelo corredor em linha reta.

Começou então a sentir sobre si os eflúvios da torrente energética que percorria as paredes. Várias chispas começaram a brotar da correntinha de ouro e da ponta da espada, até que as descargas aumentaram de intensidade e terminaram rodeando-o com um arco brilhante.

O robô não tinha porque temer os obstáculos energéticos. Quando tocou na primeira porta fechada, surgiu uma grande chama e a fechadura se fundiu no ato. Após tentar em vão acionar o trinco, começou a cortar uma abertura circular com sua arma e assim entrou no setor dos geradores. Era impossível interromper seu funcionamento sem suprimir ao mesmo tempo a alimentação energética de toda a nave e ele sabia disto. Se não fosse isso, teria sido muito fácil desativar as correntes mortais e em seguida imobilizar Shangrin.

Atravessou uma segunda porta e saiu em um corredor que o conduziu à câmara esférica da navegação. Sobre a imensa tela curva, as poucas estrelas ainda visíveis pareciam enlouquecidas.

Pela imagem que lhes oferecia a grande tela da sala do conselho, as pessoas da “Vasco” seguiam o avanço do robô-beleguim. Viram-no subir para a cabine de navegação, que ocupava o centro da esfera, e vislumbraram de passagem como o capitão havia interconectado os diversos cibernéticos para ter em suas mãos um relativo controle sobre o rumo da nave. Shangrin estava sentado atrás de uma mesa e ao seu lado flutuava, imperturbável, o Runi dentro do seu ovo.

Mas o robô-beleguim mal teve tempo de iniciar a leitura do seu texto: “Ordenamos que o capitão Va...”. O olhar de Shangrin pousou sobre a pequena e brilhante espada e seu semblante adquiriu uma expressão tempestuosa, enquanto empunhava uma desintegrador pesado. Logicamente, a reação do robô-beleguim teria sido fulminante, mas rápida que qualquer ação humana, mas ele vacilou durante uma fração de segundo ao ver a medalha de comando que o capitão tinha no pescoço.

Aquilo lhe foi fatal. Havia sido uma brevíssima indecisão entre a diminuta espada e a larga medalha circular, símbolo do poder de Magalhães. E a espada fundiu-se, volatilizando-se, enquanto a couraça do robô cedia após uma breve resistência. Em menos de um milésimo de segundo foram desintegradas as capas protetoras da superfície da maquinaria. A diminuta consciência jurídica do robô-beleguim acabou por extinguir-se e suas cinzas pareceram voar diante das telas que refletiam o vazio, até o abismo tenebroso que se abria entre os brilhos dos astros erráticos.

- Os guardiães! Que os guardiães intervenham! - gritou em uníssono o conselho.

Armou-se um tumulto inaudito. Gregori empalideceu e seus dentes rangeram. Ao destruir daquela forma o robô-beleguim, Shangrin havia violado a lei de Magalhães e atentado gravemente contra a Constituição. Devia estar louco para se atrever a tamanha insensatez, pois era impossível enfrentar os guardiães e ninguém podia resistir a eles. Tratava-se de um axioma aprendido na escola: o poder dos guardiães era ilimitado, perfeitamente capaz de sufocar qualquer tipo de motim e de destruir por completo, se assim fosse necessário, qualquer nave que se rebelasse. Em uma palavra, eram a suprema garantia das leis.

Entretanto não se podia recorrer a eles sem que as circunstâncias fossem extremas. Toda nave contava com um cibernético especial encarregado de avaliar a gravidade de tais perigos e de decidir se recorreria ou não à intervenção dos guardiães. E para que esse cibernético funcionasse, era preciso que uma maioria de dois terços do conselho em exercício introduzisse uma chave especial nas placas individuais destinadas às votações.

Ao contemplar a tribuna, Gregori notou a palidez do rosto de Smirno. O xenólogo gesticulava freneticamente, mas sua voz não conseguia dominar o tumulto. O segundo em comando compreendeu que até ele vacilava diante de uma medida tão transcendental. Porque, para dizer a verdade, ninguém sabia com certeza o que eram os guardiães. Tratar-se-ia de simples máquinas, embora infinitamente mais temíveis que os robôs-beleguim? Surgiriam por acaso entre os próprios ocupantes da "Vasco"? De qualquer forma, se o conselho decidisse assim, o poder seria entregue aos guardiães até que a crise passasse e a força desse lugar novamente ao exercício da lei.

Os robôs-beleguim emitiram seus estridentes apitos e a calma se restabeleceu finalmente.

- Rogo a vocês que meditem a fundo antes de tomar esta decisão - disse Smirno com voz grave. - Lembrem que as consequências são inapeláveis e que uma vez que eles entrem em ação, nada nem ninguém poderá evitar que executem sua missão até onde achem necessário.

- Não importa! Queremos que os guardiães intervenham! - insistiram várias vozes, logo seguidas em coro por uma aparente maioria.

- Está bem! - capitulou Smirno.

As dúvidas do xenólogo surpreenderam a muitos, mas Gregori as compreendeu perfeitamente.

Enquanto oitenta e nove mãos introduziam outras tantas chaves em igual número de fechaduras, as de Gregori permaneceram imóveis sobre seus joelhos. Viu que Norma acionava a sua chave e olhava-o fixamente, mas não mudou sua atitude por isto. Ele não ia trair Shangrin daquele modo, não até esse ponto.

Mas sobre a tela superior a própria fuga das estrelas constituía por si uma traição. Que podia esperar o capitão com seu desatino? Que podiam esperar dos guardiães os membros do conselho? Estas duas perguntas se contradiziam entre si.

- Foram vocês que quiseram - pronunciou Smirno em voz baixa.

Na tela do circuito interno, que havia voltado a ficar opaca após a destruição do robô-beleguim, apareceram as dezesseis estrelas dos mundos centrais de Magalhães. A constelação fartamente conhecida de todos suscitou no ânimo de cada um a nostalgia do seu exílio. Uma voz brotou dos fonóforos, uma voz familiar para muitos e que era de um homem que, insolitamente, não iria nascer até terem transcorridos trinta milhões de anos, um homem que chegaria a ser o presidente da Guilda dos navegantes.

- Homens e mulheres de Magalhães - começou a voz, - vocês decidiram recorrer

aos guardiães porque se sentem ameaçados por uma grave crise. Durante os sessenta séculos da história da nossa civilização somente foram registrados quarenta e sete vezes o caso em que alguma nave tenha tomado semelhante decisão. Devemos acrescentar algum daqueles cujo rumo se perdeu completamente e desejo sinceramente que vocês tenham melhor sorte que eles.

Sabei, homens e mulheres de Magalhães, que a instituição dos guardiães adotou diferentes formas durante os séculos passados. Eu sou quase o único que as conhece todas e posso assegurar-lhes que sempre procuramos adaptar as características de cada nave a este recurso supremo ao poder da lei.

Vou informar-lhes no que concerne ao nosso caso. As portas mestre que isolam os diferentes setores da nave estão fechadas e só podem ser abertas pelo chefe dos guardiães. Este chefe se encontra entre vocês e foi escolhido levando-se em conta sua experiência e sua capacidade. No caso em que ele morra durante sua intervenção, será imediatamente substituído por outro cujo nome me reservo a falar.

Gregori está presente na sala?

O referido levantou-se pouco a pouco, pálido e procurando dominar o tremor das suas pernas. Sua voz era quase inaudível quando respondeu:

- Sim, estou aqui. Estou escutando.

Mas suas resposta era desnecessária, já que todos os robôs-beleguim tinham o olhar fixo nele. E aquilo era suficiente para que a ação concentrada dos seus olhos mecanizados transmitissem os impulsos das suas células supersensíveis que, captados por algum cérebro artificial oculto, exerceram de imediato seus poderes sobre Gregori. Tratar-se-ia de algum poderoso elemento oculto nas profundezas da nave e que teria permanecido completamente inativo até então, cego, surdo e inservível, mas que acabara de ser posto subitamente em atividade pelas oitenta e nove chaves ao serem introduzidas nas fechaduras. Expressava-se mediante a voz de um homem ainda não nascido e ia avaliar a gravidade de situação fundamentando-se em leis ainda não escritas nem promulgadas. Era impossível subtrair-se a tudo aquilo.

- Bem - prosseguiu a voz. - Você foi condicionado para a missão que agora vai empreender, embora você mesmo ignore isto. Em sua grande sabedoria, os chanceleres da Guilda decidiram solucionar as insuficiências humanas em material legal. Você não é nem vai ser outra coisa senão o braço da lei. Uma vez que este braço deve ser completamente seguro e forte, nenhuma consideração de afinidades nem de interesses poderá influenciar em sua atuação. Esta força e esta segurança, assim como o conhecimento das leis, foram gravadas em sua mente, Gregori, junto com certas particularidades desta nave que ninguém a bordo conhece e que vão lhe dar o controle absoluto da mesma. Entretanto, um bloqueio hipnótico instalado em seu subconsciente o impede por enquanto o acesso a tais conhecimentos. Tal dispositivo será inibido por um mecanismo do qual existem vários exemplares ocultos em diversos pontos da "Vasco" e a um deles os robôs-beleguim vão conduzi-lo agora mesmo .

- Não... não aceito - murmurou Gregori.

O cérebro artificial, o chanceler invisível (este era o nome que se dava aos guardiães quando as pessoas comentavam entre si sobre sua possível existência), pareceu vacilar por um breve instante. Gregori reconheceu naquele acúmulo de sutilezas e precauções, tão inteligentemente previstas, toda a minuciosidade dos prudentes juristas de Magalhães, toda sua astúcia de mercadores espertos, e experimentou uma náusea irreprimível ao considerar o labirinto para o qual seria empurrado.

- Você não tem escolha, Gregori - sentenciou a voz.

O chanceler, ou o que fosse, havia escolhido aquela resposta entre registros disponíveis e que continham frases e palavras pronunciadas pelo homem ainda não nasci-

do. Cabia suspeitar que suas entranhas metálicas conteriam todo um repertório de argumentos a opor a qualquer possível objeção

- Repito, você não tem escolha - insistiu a voz implacável. - Os robôs-beleguim têm instruções de obrigá-lo, empregando a força se necessário, a sofrer um tratamento especial destinado a desativar a sugestão hipnótica. E deve fazer isto em um prazo máximo de doze horas.

Não tenha medo, Gregori. Tão logo consideremos terminada sua missão, você será devolvido à sua antiga personalidade e não conservará lembrança alguma do que tenha feito neste lapso de tempo. Você vai ser somente, além da sua própria consciência e à margem da sua própria pessoa, o braço executor de Magalhães.

Contará com a ajuda dos robôs-beleguim providos de suas espadas de ouro, assim como de homens que você mesmo escolherá e que também serão objeto de um certo tratamento psicológico. Ninguém poderá evitar a designação e qualquer que seja o adversário, ninguém poderá opor-se à justiça que você representa. Assim é a lei e deve ser cumprida.

Se sofrer algum acidente, outro ocupará seu lugar. Deste modo eu disponho de você e referendo com minha assinatura, eu, Arno de Lurve, Arconte de Suni e de Lorna, supremo mercador de Magalhães e presidente da Guilda dos navegantes.

- Isto é impossível! - suspirou Gregori.

Mas ninguém o ouviu. Os robôs-beleguim vieram render-lhe homenagens e se colocaram ao seu redor. Quando sentiu que uma mão buscava a sua, voltou a cabeça e viu junto a si o cabelo loiro de Norma, com os olhos brilhantes e os lábios pálidos.

- É preciso - sussurrou ela baixinho. - Você deve fazer isto.

Mas Gregori a rechaçou e abriu caminho para a saída, seguido pelos robôs. Todos os rostos se voltaram para ele, interrogativos. Ergueu-se e procurou ficar tranquilo. Quando alcançou a porta, compreendeu que a única escapatória imaginável lhe seria negada: os robôs-beleguim não se afastariam do seu lado e velariam para que nada lhe acontecesse, inclusive contra sua própria vontade.

Restavam-lhe doze horas.

Um homem levantou-se e o interpelou. Era Arno Linz, o chefe das patrulhas exploradoras, velho companheiro de Shangrin e talvez o homem mais duro da nave.

- Não permita isto, Gregori! Nada se perdeu ainda! Meus homens ocupam o centro da nave e cuidarão para que...

- Está preso, Arno Linz - preveniu-o um dos robôs.

- Sim? Então venha me deter! - replicou o oficial empunhando a arma.

Mas um penetrante raio o alcançou instantaneamente entre os olhos. Caiu como um boneco sobre o encosto da sua poltrona e uma mancha vermelha começou a brotar da sua testa.

Era o primeiro sangue derramado, mas haveria mais. Todos os robôs-beleguim haviam pendurado no pescoço a pequena espada de ouro.

CAPÍTULO 14

A situação era dramática. Os exploradores aliados do capitão acabavam de avisar que ninguém se aproximasse da sala de navegação sem permissão do próprio Shangrin e que estavam dispostos a disparar contra qualquer intruso, inclusive contra os guardiães.

- Uma guerra civil? - perguntou Norma olhando para Smirno.

- É isto que eu temo - respondeu o xenólogo. - Eles dispõem de armas pesadas e podem resistir por muito tempo, a não ser que Gregori se submeta prontamente ao tratamento e descubra o modo de fazê-los entrar na razão.

"E enquanto isso nós continuamos nos afastando", pensou o cientista.

- Não quero que aconteça a ele alguma... - começou a dizer a jovem com voz serena, mas não conseguiu terminar a frase e pôs-se a chorar voltando-se para a parede. Os soluços sacudiam seus ombros.

- Basta! - exclamou Smirno.

Ele quis parecer duro, mas só conseguiu ser desagradável. Ele próprio estava muito abalado pelo sucedido.

Henrik entrou no gabinete do xenólogo.

- Temos que fazer alguma coisa! - falou com voz urgente. - É preciso que Gregori aceite. Mas agora mesmo, e não dentro de doze horas. Estamos nos afastando rapidamente do cúmulo estelar de Xandra e como quase todos os cibernéticos de navegação estão desligados, nos expomos a nos perder para sempre.

"Duplamente perdidos", pensou Smirno. "Perdidos no tempo e no espaço, perdidos entre as indecisões e a rebelião, entre a fidelidade e a lei."

- Eu tentei discutir com Shangrin - disse em voz alta, - mas ele se nega a me ouvir. Disse que inverterá o rumo quando tivermos mudado nosso parecer.

- Quem é ela? - perguntou Henrik apontando para Norma.

O xenólogo encolheu os ombros.

- Norma Sundi - respondeu. - A amante de Gregori, ou algo parecido.

A calva de Henrik se moveu enquanto ele arregalava os olhos.

- Espaço! - exclamou. - se existe alguém capaz de convencê-lo é ela. Por que ainda não foi enviada?

- Ela não quer. Tem medo por ele.

- Puxa, será que todo mundo está com medo?

- Você não?

- Bem, eu...

- Pois então cale-se!

"Esta situação seria interessante para o Runi", pensou Smirno. "Que complexidades em jogo" Que caos nos movimentos das peças". Aproximou-se de Norma e pegou-a pelos ombros, odiando a si mesmo pelo que ia dizer.

- Você irá em busca de Gregori - disse com voz sombria, automática. - Deve convencê-lo a se submeter ao tratamento. Se ele não fizer isto será executado pelos ro-

bôs antes das doze horas e outra pessoa será designada em seu lugar.

A jovem voltou-se lentamente, fixando nele seus olhos dilatados e brilhantes pelo choro. O xenólogo temeu que ela adivinhasse sua dúvida, mas acabou lendo no mudo lamento dos seus lábios que Norma acreditava nele. Aquilo o fez desviar o olhar.

"E se fosse verdade?", pensou. "E se tocasse a mim a próxima vez? O que eu faria se tivesse que me submeter ao tratamento? Quais seriam minhas reações? Aceitaria sem vacilar uma operação que me transformaria durante algumas horas, alguns dias ou talvez por toda a eternidade em uma infalível máquina destruidora, na suprema encarnação da Nêmesis?" A ideia do sacrifício hipnótico o invadiu com um alívio repentino, como uma promessa de paz. "Eu poderia tomar o lugar de Gregori e tudo terminaria bem. Conseguiria sobreviver e, pelo menos uma vez, teria sido Smirno o homem escolhido, o homem de ação."

Mas não era possível, provavelmente ele não figurava na lista, nem nunca teria recebido o condicionamento previsto. O chanceler invisível não lhe permitiria ocupar o posto de Gregori. É preciso que cada um cumpra com seu destino. Homem algum é insubstituível até que sua substituição seja necessária por ter desaparecido.

- Vá procurá-lo - disse finalmente a Norma.

A ordem saiu contra sua vontade entre seus lábios apertados.

- Sim - respondeu a jovem docilmente.

Quando o xenólogo se atreveu a olhar para ela, pôde ler em seus olhos uma decisão absoluta e tão desolada que seria capaz de surpreender o próprio Shangrin.

Não quero ver ninguém - respondeu Gregori através do fonóforo.

- Nem mesmo a mim? - suplicou Norma.

- Não, nem mesmo a você.

- Deixou de me querer?

Houve uma pausa

- Não sei.

E logo:

- Não é o momento.

Mas Norma se obrigou a explicar-se depressa:

- Não pode ficar aí esperando, Gregori. Nem tampouco permitirá que nossos filhos sejam condenados a este horrível pesadelo. Diga-me que não me impedirá de ver algum dia os jardins de Suni e de Lorna onde nos conhecemos. Não duvide, Gregori. Pense que são apenas um ancião e um... estrangeiro, frente a milhares de crianças, mulheres e homens. Não tem direito a duvidar, Gregori. Convença-se de que tudo depende de você, de que você é agora o sucessor do capitão. E lembre que o antigo Shangrin jamais abandonou os seus na dificuldade ou na tristeza. Você deve agir como ele sempre fez, Gregori, e salvar-nos a todos, embora isto custe um sacrifício.

Gregori não respondeu. Norma procurou adivinhar através da tela e da sua expressão se ele a havia ouvido, mas ele parecia surdo. Nem sequer piscava. Somente o seu lábio superior tremia imperceptivelmente, sacudindo minúsculas gotas de suor.

- Por favor, Gregori.

Lá de dentro, ele viu como os lábios de Norma se esmagavam contra a tela e como a fria superfície de vidro deformava suas bochechas e seu nariz, enquanto que o longo cabelo solto se agitava como se ela tentasse alcançá-lo fisicamente atravessando qualquer obstáculo.

Então cortou o contacto e a tela escureceu.

“É preciso que antes eu fale com ele - pensava Gregori. - Devo falar com Shangrin antes que algo me transforme em uma máquina implacável, capaz unicamente de aplicar a lei. Tenho que me dedicar no empenho de falar-lhe da energia que empregaria depois para dominá-lo”. Voltou a cabeça e viu os robôs que o rodeavam, como um negro enxame marcado pelo signo da espada estilizada.

“Tenho que tirá-los de cima de mim”, pensou.

A grande nave afundava-se no espaço. As alterações introduzidas por Shangrin no sistema de navegação da “Vasco” haviam enfraquecido perigosamente as margens de segurança do seu rumo, fazendo-a roçar no subespaço em certas aberrações crônicas capazes de arrancá-la do continuum sem uma explosão sequer.

Henrik assediava Smirno.

- Todos nos acusam por não fazermos nada - dizia. - Começaram a formar grupos de assalto. Alguns saquearam um depósito de armas e estão providos de equipamentos isolantes, com os quais empreenderam a tarefa de forçar as portas principais. Dizem que acabarão com as patrulhas exploradoras e que nada os deterá até chegarem à cabine de navegação.

- Quem os está dirigindo? - perguntou o xenólogo - O que os robôs-beleguim estão fazendo?

- Trata-se mais de uma ação anárquica, e são vários os grupos que agem independentemente. Não vacilarão em atrever-se mesmo contra os próprios robôs, porque, não recebendo ordens, estes não se decidem em empregar armas mortais e se deixam destruir um após o outro.

- Quem poderia detê-los?

- Não sei. Eu tentei mas não tive êxito. Talvez Gregori. Você teria que convencê-lo.

- Você está pensando o mesmo que eu, não é verdade?

- Eles estão marchando para uma morte certa, em massa...

- Pois é, eles não sabem combater. Os homens das patrulhas exploradoras, em troca, são profissionais. Somente Shangrin poderia impedir este desastre.

Henrik acariciou a careca lustrosa.

- Não existe forma de chegar até ele. Ele se nega a responder.

- Espere, eu tentarei falar com os amotinados.

Smirno manobrou no teclado dos comunicadores e pigarreou pra limpar a voz, mas não conseguir desfazer o nó que lhe apertava a garganta.

- Ouçam-me todos! Parem e me escutem! - exclamou com a voz transtornada pela emoção. - Estou me dirigindo a vocês, homens das patrulhas exploradoras, que pretendem defender, acima do dever, um homem que os condenou a uma situação sem saída; e especialmente também aos que se apoderaram, indevidamente e violando a lei, de armas com as quais pretendem empreender uma ação suicida, desesperada e inútil. Pensem todos que a situação da “Vasco” já é por si muito grave para que alguém queira acrescentar...

Mas sua voz acabou se apagando. Então, como um marulho, potentes como o rumor do mar, invadiram todas as salas e corredores da nave as vaias que rechaçavam aquela mensagem. Eram o ódio, o terror e a violência descontrolados.

Gregori consultou seu relógio. Restavam-lhe quase dez horas. Durante este tempo ele teria que atravessar quase a metade da nave, evitar as hordas amotinadas, passar pelos controles estabelecidos pelas patrulhas de exploração e desafiar a morte

contida nas paredes colocadas sob tensão.

Tirou a roupa, escolheu um equipamento isolante e vestiu. Após uma breve vacilação, pegou também uma arma. Os robôs-beleguim o olhavam sem se mover; somente interviriam caso ele tentasse usá-la contra si mesmo.

Alcançou então um fonóforo e marcou um número.

- Smirno? - falou. - Está me ouvindo?

- Estou escutando, Gregori - respondeu a voz do xenólogo.

- Preste atenção. Vou tentar estabelecer um contato com Shangrin, para ver se consigo fazê-lo mudar de atitude. Há algum meio de falar-lhe? Não consegui através do circuito normal.

- Nem eu, tampouco. Acho que desconectou os comunicadores.

- Então vou procurá-lo - disse Gregori. - Tentarei passar.

- Por que não aceita o tratamento, Gregori?

- Preciso dizer?

- Em certo sentido eu entendo. Que posso fazer para ajudá-lo?

- Qual lhe parece o melhor caminho para alcançar a câmara de navegação?

Houve um breve murmúrio no outro lado do fio.

- Henrik está aconselhando que você tente alcançar o parque artificial três e que dali, seguindo pelas canalizações do fundo do lago, tente chegar aos circuitos de refrigeração dos geradores. Se conseguir praticar uma abertura no lugar adequado, sairá junto da câmara.

- O lago não se derramará todo sobre os geradores?

- Não, porque a brecha se fecha automaticamente. Mas resta o perigo das radiações. Você terá uma chance em dez para evitá-las.

- Terei que correr este risco. Outra coisa: como eu poderia me livrar dos robôs-beleguim?

- Não vejo como - confessou Smirno.

- Bem, haverá algum meio; do contrário eles não me deixariam chegar até o final. Smirno vacilou.

- Eu... eu lhe desejo boa sorte, Gregori.

- Obrigado.

A porta se abriu diante de Gregori, que lançou uma olhada para o corredor. Estava deserto. Avançou lentamente até a grande artéria radial da nave e viu ali, junto à boca de outro passadiço, algumas silhuetas que corriam entre violentos lampejos.

Voltou-lhes as costas e apressou o passo para deslizar por uma das vias secundárias. Procurava por algum caminho que o conduzisse diretamente para o parque artificial e examinava cada uma das portas antes de passar, vigiando, ao mesmo tempo se algum o seguira.

Finalmente encontrou um poço. O coração batia com violência enquanto ele levantava a tampa e examinava a brilhante e cilíndrica profundidade que se abria sob seus pés. Aqueles poços não eram utilizados normalmente para circular pela nave, mas ligavam entre si os diferentes níveis e, em caso de emergência, permitiam passar de um para outro em um tempo mínimo.

Inspirou profundamente e saltou. O campo antigravitacional freou sua queda. A parede lisa e desprovida de acidentes lhe parecia imóvel.

Compreendeu que acabara de cometer um erro ao escutar várias vozes no fundo do poço e mais ainda quando aterrizou mesmo no centro de uma praça, no meio de um grupo vociferante.

Bastou um olhar para adivinhar que eram amotinados. Os homens levavam armas heterogêneas e pareciam não ter chefes. Gregori os havia surpreendido, mas não se-

ria fácil escapar e lhe faltava tempo para dedicar em explicações.

Correu para a única passagem relativamente livre, mas uma mão o agarrou por um ombro, fazendo-o perder o equilíbrio, e o empurrou para o lado. Um feixe mortífero passou muito perto da sua cabeça. Gregori rolou procurando o amparo de uma parede. O parque estava perto, mas teria que correr por terreno descoberto para alcançar a entrada. Ouviu atrás de si vozes que trocavam perguntas e ordens. Eles o haviam reconhecido e queriam sua pele. Pelo visto, haviam decidido que se conseguissem matá-lo qualquer possível sucessor demoraria menos para aceitar o tratamento e a crise poderia ser resolvida com maior rapidez.

Gregori sacou sua arma, apontou-a cuidadosamente e disparou. O fluxo radiante percorreu um grande trecho do teto metálico, que caiu entre uma nuvem de chispas, enquanto vários cabos de alta tensão entravam em curto-circuito e começavam a pegar fogo. Os extintores automático entraram em ação, acrescentando novas fumaças às já provocadas. Gregori abandonou seu esconderijo e lançou-se para o parque.

A fumaça atacou sua garganta enquanto ele cruzava entre sombras confusas, pertencentes a homens que o procuravam com raiva. Finalmente conseguiu alcançar o recinto artificial.

Era uma paisagem de dunas, instalada pelos jardineiros na noite anterior. Somente algumas palmeiras projetavam suas sombras sob um sol tórrido.

Vários homens surgiram entre as dunas mas não dispararam de imediato, sem dúvida tentando adivinhar a que bando ele pertencia. Gritaram-lhe algumas frases que ele não entendeu. Então viu que os emboscados tentavam cortar-lhe o passo e compreendeu que eles o haviam reconhecido.

As dunas desciam para o lago por uma inclinação. Alguns tiros levantaram a areia junto de Gregori enquanto este corria. Rolou sobre si mesmo e assim chegou à margem. Quando tentou se levantar, sentiu uma dor aguda no tornozelo. Então viu seus perseguidores e fechou os olhos, convencido de que tudo havia acabado.

Mas a morte não chegou. Embora ouvisse gritos, nenhum raio o alcançou. Sentou-se na areia e tocou no tornozelo deslocado. Quando voltou a olhar para cima, compreendeu que devia sua salvação aos robôs-beleguim, que o haviam seguido e que acabavam de dispersar seus inimigos. Agora eles se aproximavam planando, lentos e majestosos.

Desta vez não iam deixá-lo escapar. Gregori levantou-se como pôde e começou a entrar no lago, cambaleando. A água não demorou em cobri-lo até a cintura. Então deixou-se cair para a frente e começou a nadar.

Os robôs planavam sobre ele e pareciam estar se perguntando como resgatá-lo. Gregori submergiu tentando burlar a perseguição. Quis ajustar o respirador ao resto do seu equipamento, mas não pôde e teve que subir à superfície, onde respirou profundamente enquanto via as silhuetas que se lançavam sobre ele como gigantesco falcões.

Voltou a submergir e desta vez conseguiu acoplar o respirador. Então nadou a grandes braçadas para o fundo. A água era morna, mas tinha que desenvolver toda sua força para manter-se submerso, pois não levava lastro.

Uma forma oblonga e negra passou por Gregori. Era um dos robôs. Não desistiam do seu propósito de resgatá-lo contra sua vontade. Compreendeu que eles na realidade só estavam cumprindo seu dever.

Procurou seguir as canalizações instaladas no fundo do lago, até que descobriu as grandes bocas rodeadas de um leve redemoinho, que aspiravam e projetavam, alternadamente, a água. As aberturas estavam gradeadas.

Rápidos como esqualos, os robôs o acoassavam de perto. Gregori tateou as fecha-

duras das grades, pegou sua arma e apertou o gatilho. As grades saltaram entre torvelinhos de vapor. Procurou refugio na escuridão da canalização, onde dispunha apenas de espaço para deslizar, mas cuja largura tornava impossível que os robôs pudessem segui-lo.

Deixou-se arrastar pela corrente. A água do lago era aproveitada para refrigerar os geradores, embora se distribuísse em um grande numero de coletores. Convinha não se extraviar naquele labirinto.

Parou na primeira bifurcação e aproximou a cabeça da parede, tentando ouvir algum som mais intenso e nadou por um longo tempo na mais completa escuridão, apalpando com as mãos as próprias entranhas da nave, como se fosse um peixe perdido naquelas cavernas artificiais.

Finalmente conseguiu se orientar e sair por uns enormes tubos paralelos que com toda certeza deviam atravessar a sala dos geradores. Duvidou então sobre qual das paredes deveria perfurar. Segundo lembrava, algumas daquelas tubulações ficavam a várias dezenas de metros acima do solo, enquanto que outras penetravam nos mecanismos dos geradores. Era-lhe indispensável sair o mais perto possível do chão e bem longe de qualquer fonte de radioatividade. Tentou recordar o plano da instalação.

Quando decidiu sua rota, atacou a canalização onde esta formava um ângulo. A parede resistiu bastante antes de ceder. Então foi se arrastando pela torrente e foi jogado no chão, apenas um metro mais abaixo. Ficou momentaneamente aturdido, tombado sobre a prancha metálica que as bombas já estavam secando, enquanto uma sirene de alarme uivava e o jorro de água começava a se reduzir.

Ajeitou-se sobre os cotovelos e fez uma careta que queria ser um sorriso. Havia superado a primeira parte do seu plano. Consultou o relógio: havia transcorrido menos de uma hora desde que confiou seu projeto a Smirno. O tempo da ação também tinha sido relativo.

Mas o mais difícil, talvez o mais trabalhoso, faltava ser feito. Devia chegar até Shangrin e, sobretudo, convencê-lo.

CAPÍTULO 15

- Vamos, de pé! - gritaram-lhe.

Gregori olhou atônito. O homem tinha uma expressão carrancuda e tinha o crânio raspado. Vestia o equipamento das patrulhas de exploração e sustentava sua arma como se fosse uma ferramenta. Aproximou-se de Gregori e, ao ver que ele não se movia, empurrou-o com o pé.

- Quem é você? - perguntou. - De onde saiu?

Gregori retirou penosamente o respirador do rosto.

- Sou Gregori - disse. - Vim falar com o capitão.

Conhecia o soldado. Tentou recordar do seu nome mas a memória falhou.

- Então é Gregori, hein? - respondeu o homem. - Já sei que você se passou para o outro lado e que fez matarem Linz. Agora quer a cabeça do velho, não é verdade? Pois chegou em um mal momento.

E levantou sua arma, enquanto Gregori gesticulava freneticamente.

- Espere! Não cometa outra insensatez! Eu vim para salvá-lo. Você tem que me levar à sua presença.

O homem vacilou. Gregori lembrava que ele havia tomado parte na expedição que lutou em Xandra. Ele o tivera sob seu comando e o outro lembraria disto sem dúvida.

- Acha que sou capaz de traí-lo? - perguntou.

- Não se mova. Posso estar errado, mas vou lhe dar uma oportunidade.

Lançou um assovio e vários homens se aproximaram. Entre eles havia um suboficial.

- Vocês estão loucos? - repreendeu Gregori, enquanto tentava se erguer sob a ameaça das suas armas. - Devem me obedecer! Eu sou o segundo em comando a bordo desta nave!

- Só obedeco a Shangrin - respondeu o suboficial.

Mas Gregori notou que ele vacilava. Os arraigados reflexos da disciplina continuavam agindo nele.

- Shangrin não aprovariam o que estão fazendo agora - insistiu. - Sei que...

- Ele nos ordenou montar guarda aqui, com instruções de não deixar ninguém passar, nem homem nem máquina.

- Diga-lhe que vim parlamentar!

A voz de Gregori soou seca e cortante. Tive que se apoiar na parede, pois o tornozelo doía tanto que mal podia ficar de pé. Mas notou o espanto na expressão do suboficial.

- Não podemos nos comunicar com ele, porque desconectou os fonóforos. Disse que queria paz e silêncio.

Gregori maneou a cabeça. Estava empapado.

- Preciso falar com ele.

- Você se submeteu ao tratamento? - perguntou o suboficial, indeciso.

- Acha que eu estaria aqui, neste estado, se eu tivesse feito isso? - explodiu Gre-

gori. - Faça alguma coisa rápido. Não esqueça de que vão ser atacados de um momento para outro.

- Não temos medo de ninguém

Eram teimosos como mulas.

- Realmente desejam disparar contra outros magalânicos?

Os homens se olharam. Então o suboficial pareceu tomar uma decisão.

- Deixe sua arma aqui e me siga.

- Que um dos seus homens me ajude. Não posso caminhar.

Voltaram a se olhar e o chefe da patrulha fez um sinal afirmativo. Um dos guardas pendurou sua arma no ombro e aproximou-se de Gregori, que se apoiou nele enquanto caminhava com o rosto contraído pela dor.

- De qualquer forma não acho que isto dê resultado algum - dizia o suboficial. - Ninguém já consegue falar com o capitão.

- Ele ainda está na câmara de navegação?

- Encerrou-se na sala dos cibernéticos.

- Posso me aproximar para que ele me ouça?

- É possível. Eu ainda não tentei.

- Vamos lá - disse Gregori.

O grupo cruzou a imensa sala dos geradores. Formavam um cortejo singular.

- O capitão pôs as paredes sob tensão - advertiu o suboficial - Não toque em nada.

- Obrigado - respondeu Gregori.

Ajudado pelo guarda, ele chegou até a porta circular da esfera. No final da estreita passarela, pôde distinguir a câmara de navegação e, mais acima, o começo do passado, no extremo do qual, em um estreito recinto onde os cibernéticos meditavam em silêncio sobre a rota da nave, Shangrin havia se refugiado com o Runi. Era uma espécie de toca de ratos.

- Shangrin! - gritou Gregori.

Sua voz ressoou dentro da esfera como se refletida pela abóbada celeste, como um eco recolhido pela imensidão daquele universo fugidio. Encheu seus pulmões e insistiu.

- Shangrin!

Aguçou o ouvido e acreditou ter ouvido ruídos do outro lado do perfil luminoso da porta, como se uma massa pesada se arrastasse pelo chão. Avançou um passo.

- Cuidado! - gritou o guarda. Mas Gregori ignorou-o

- Ouça, Shangrin! - gritou. - Sou eu, Gregori!

A voz do capitão finalmente respondeu, amplificada por algum megafone. Parecia explodir naquele espaço reduzido.

- Vá embora! - dizia Shangrin. - Volte para os seus.

Gregori esperou que o eco se extinguísse

- Volte, capitão, por favor! Toda a nave está um caos. Não permita que seus homens se matem entre si! Volte antes que seja muito tarde!

Fez uma pausa. Suas palavras tinham que atravessar aquela esfera feita à imagem do universo e, através do falso céu, alcançar os deuses refugiados em sua caverna metálica. Ao seu redor, no resto da enorme esfera, reinava o caos após a destituição do capitão. Assim consideraria Shangrin a situação, lá no coração da "Vasco", microcosmo artificial que continha a imagem do universo e que fugia através do cosmos real em crescente aceleração.

- É inútil, Gregori! - respondeu Shangrin - Já tomei minha decisão.

- Mas você não poderá fugir! - Gregori modificou o tom de voz: - O Runi pode me ouvir?

Houve uma pausa.

- Sim - respondeu finalmente Shangrin. - Ele está aqui comigo.

- Eu preferiria que conversássemos a sós.

- É impossível Não vou sair daqui.

- Pois bem, tanto pior - disse Gregori. - Deixemos que o Runi saiba o que vou lhe dizer.

Pigarreou para limpar a garganta, porque a voz já começava a falhar de tanto gritar para se fazer ouvir. Ou estava gritando demais sem se dar conta disto, como se desejoso de que o universo inteiro o escutasse?

- Você não pode sacrificar a "Vasco" nem os homens e mulheres confiados à sua tutela, para defender um estrangeiro, um monstro. Volte, eu lhe rogo! Ainda está em tempo de resolver tudo e conseguirá um novo triunfo.

- Não - recusou Shangrin. - Deixe-me, já estou muito velho! Agora é a sua vez, Gregori.

- Permita então que eu me aproxime e me deixe devolver a "Vasco" ao seu ponto de partida. Você está nos condenando.

Shangrin rugiu de cólera, embora neste ato mostrasse esgotamento.

- Você também acha que estou louco, não é verdade? Só lhes peço algum tempo. Restabelecerei a situação, não duvide. Ou por acaso acredita que não levei em conta todas as possibilidades?

- Que está esperando então? Que está fazendo?

A resposta demorou bastante para chegar.

- Fiz um trato com o Runi - respondeu lentamente o capitão. - Jogamos uma partida de xadrez. Eu lhe propus esta última partida. Se eu ganhar, ele se conformará em salvar a vida e aceitará abandonar imediatamente a nave para tentar a sorte no espaço. Se eu perder, terei que cumprir o que lhe prometi. Preciso de tempo; devo ganhar. Deixe-me em paz, Gregori! Avise aos demais que me concedam algumas horas.

Gregori maneou a cabeça, pesaroso.

- Está louco - sussurrou.

O guarda ouviu-o e olhou com hostilidade.

Pela última vez, Gregori quis convencer o capitão.

- Lembre, Shangrin, que mesmo que consiga ganhar, não poderá oferecer nada aos senhores do tempo. Não poderá negociar a devolução do seu povo ao seu tempo, coisa que você havia prometido.

- Jamais regressarei a Magalhães, Gregori. Eu sei. Mas meu povo o fará, se eu não perder esta partida. E eu não penso em perdê-la. Tomei drogas para aguçar minha inteligência. O Runi concordou. Ele me concedeu esta vantagem. Volte agora para os seus, Gregori.

- A partida é apaixonante - elogiou o Runi, com a voz clara como cristal.

- Mas, por que, por que? - gritou Gregori.

- Você sabe que eu fiz uma aliança com outro povo e que jamais a trairei. Isto é tudo. Há algum guarda aí perto de você?

- Sem, está ao meu lado.

- Que ele o acompanhe ao conselho. Eu o proíbo de permanecer por mais tempo neste setor da nave.

O retângulo luminoso começou a diminuir no outro lado e a porta fechou-se.

- Vamos - disse o guarda.

Gregori apoiou-se em seu ombro e seguiu-o desesperado. Quando se reuniram com os demais, o suboficial saiu ao seu encontro com uma careta.

- Os robôs-beleguim chegaram até aqui - disse. - Vieram buscá-lo.

Ali estavam eles. Gregori achou uma certa semelhança entre eles e o ovo do Runi. Ambos representavam o mesmo aspecto não humano e incompreensível do universo. Os robôs-beleguim se apoderaram dele com muita consideração, enquanto Gregori fechava os olhos e se deixava conduzir através dos corredores desertos.

Umas mãos deslisavam docemente sobre o seu corpo e pareciam levar a dor embora. Gregori estava deitado de costas, continuava com os olhos fechados e refletia. Umas vozes que pareciam salmodiar estranhas pregações, revolteavam ao seu redor.

A mente de Gregori ainda está longe dali, no centro da nave, onde tinha lugar a partida entre o capitão e um demônio. Tudo pelo empenho obstinado de um ancião em respeitar até a morte sua ética profissional. Significaria por acaso aquela contenda algo muito mais profundo do que ele chegava a entender, embora pressentisse vagamente? O jogo podia ser um meio de comunicação entre duas espécies e era necessário empregá-lo para que nenhum equivoco definitivo chegasse a ser criado entre elas. As consequências da partida podiam estender-se com ondas através da substância fluida do tempo, animadas pelos movimentos sucessivos de jogadores inimagináveis. O jogo podia ser para Shangrin um último recurso para sondar a natureza do Runi e, para este, o processo mais cômodo para calibrar a infinita complexidade da natureza humana. Porque, tanto a paixão como a razão intervínham na partida; e toda a fisionomia da história futura podia depender daquele enfrentamento. Os paralelismos podiam ser impressionantes entre a partida sustentada por Shangrin e o Runi e aquela outra, incomparavelmente mais vasta, que, como disse o enviado do futuro, os Runi disputavam, ao mover os humanos como simples peões sobre o campo das estrelas.

Gregori viu que os astros se dispunham em forma de tabuleiro, até que todo o conjunto começou a girar vertiginosamente e rompeu-se pelo centro, fazendo-o cair naquele poço de ouro e de trevas. Ao seu redor, o som das vozes se fez mais intenso.

- Não quero me submeter ao tratamento - disse.

Era uma ideia fixa. Continuou dando voltas em sua mente até que acabou por abandoná-la, ao mesmo tempo em que uma espécie de véu parecia desgarrar-se em seu interior. Gregori sentiu-se de imediato mais maduro e decidido do que nunca. Compreendia com clareza a situação da "Vasco" e sabia exatamente qual era sua obrigação. Tinha que proteger Shangrin a todo custo, inclusive agindo contra sua vontade. Agora também conhecia as características da nave com uma certeza jamais suspeitada. De imediato lembrou de uma infinidade de passagens secretas cuja existência havia esquecido por completo, assim como a localização exata de certos dispositivos que permitiam cortar ou desviar a alimentação da energia em diversos setores da nave.

- Tarde demais - respondeu uma voz distante, que ele reconheceu ser de Smirno. - Acaba de superá-lo. Com êxito, claro. Como se sente?

- Bem - respondeu friamente Gregori.

Examinava as possibilidades da situação. Não se sentia inumano, nem experimentava ódio contra Shangrin nem contra ninguém. Pelo contrário, parecia-lhe compreender melhor o capitão e o respeitava ainda mais. O véu mental que o fazia duvidar e interpretar corretamente os atos de Shangrin havia se levantado. As pequenas paixões que entorpeciam o exercício da sua inteligência e da sua sensibilidade passaram a carecer de importância. Compreendeu que o capitão não era nem um deus nem

um herói, e sim um homem como ele próprio, e que todos seus atos obedeciam à determinação própria de um homem.

- Assim são as coisas - murmurou.

Levantou-se sem esforço e contemplou com curiosidade os instrumentos que o rodeavam. Eram muito simples: uma bola minúscula e brilhante que girava e brincava em um cabo magnético, tão rápida que era difícil seguir seu movimento. Parecia oscilar segundo certos ritmos de acordo com os impulsos cerebrais.

- Precisarei de trinta homens - decidiu Gregori. - Somente voluntários. Os demais deverão entregar suas armas. Suponho que agora eles me obedecerão.

- Temo que os homens das patrulhas exploradoras não farão isto - opinou Smirno.

- Mas diga-me: está certo de que não deseja descansar um pouco antes de agir?

- Acho que ele está em plena forma - julgou Zoltan, o biólogo.

- Quero que estejam prontos em meia hora - insistiu Gregori.

Apalpou a perna. Restava uma certa fraqueza, mas a dor havia desaparecido. Poderia caminhar sem ajuda.

Então um pensamento lhe preocupou.

- Por quanto tempo eu dormi? - perguntou.

- Umas sete horas - respondeu Zoltan. - Não falou sonhando. Somente soubemos que havia chegado até Shangrin. O que ele está fazendo?

Gregori vacilou. Sete horas. A partida já teria desenvolvido todas suas complicações. Teria talvez terminado? Não podia explicar-lhes sobre o jogo porque não compreenderiam.

- Nada - respondeu. - Somente espera.

Trinta homens avançavam pelas passagens secretas da nave, encaminhando-se para a esfera central de navegação. Gregori ia à frente. Agora conhecia o labirinto de poços, canais e refúgios que os desconfiados construtores da "Vasco" haviam espalhado por toda a estrutura da nave. Chegaram até os cabos condutores de energia que Shangrin utilizava para isolar seu reduto e os deligaram. Continuaram avançando na escuridão, iluminando com suas lanternas, movendo-se como estranhos e reluzentes vermes em busca de um fruto enorme e artificial.

Chegaram à sala dos geradores e a voz de Gregori soou poderosa naquelas trevas carregadas de tensão e de ódio.

- Rendam-se - gritou aos homens das patrulhas de exploração. - Vocês não têm chance alguma.

Mas, ainda mais que aos soldados, Gregori interpelava realmente o próprio Shangrin. Esperava ser ouvido, receber resposta, escutar as ordens indispensáveis. Mas só ouviu insultos e desafios dos soldados, pelo que fez um sinal e um leve e inodoro gás começou a brotar de delgadas cápsulas. Esperaram por um instante, submergidos no silêncio e nas sombras, até que perceberam surdos e distantes ruídos atribuídos a vários corpos que caíam. Os homens das patrulhas nem sequer souberam o que acontecia, e não tiveram tempo de colocar seus respiradores. Havia perdido a consciência e aquele sono lhes proporcionaria o esquecimento.

- Fiquem aqui - ordenou Gregori aos seus homens.

E continuou sozinho, tateando na escuridão, temendo servir de alvo a algum soldado não adormecido pelo gás e por isto não acendeu sua lanterna. Arrastou-se até a porta da esfera, onde sabia que seu corpo desenharia uma silhueta sobre o horizonte estelar, e esperou, tenso. Mas não ouviu-se disparo algum. Voltou a falar através do fonóforo.

- Shangrin! Shangrin, ouça-me! Escute-me!

As estrelas continuavam fugindo, traçando breves rastros de luz, e ele se sentiu atrozmente sozinho

- Eu voltei, Shangrin!

Silêncio. Uma angustia indefinida apertou o coração de Gregori. Tentou imaginar o que tinha acontecido entre o ancião e o Runi. Mas daquele ponto central da nave o Runi não podia escapar.

- Shangrin?

A porta permanecia fechada no final da passarela e era percorrida por uma corrente mortal. Não era possível neutralizar aquele setor, porque ao mesmo tempo teria suprimido a alimentação energética dos cibernéticos e isto equivalia a uma catástrofe imediata.

- Shangrin! - gritou.

Avançou um passo e ouviu então uma voz ofegante.

- Espere! - respondeu alguém. - Me dê mais alguns segundos!

Embora a princípio não tivesse reconhecido, aquela voz só podia pertencer ao capitão. Parecia fraca e murcha, deforme, como se viesse de uma boca desdentada, expressando todo o cansaço de um milhão de anos consumidos em percorrer uma infinidade de mundos.

Compreendeu a angustia que o havia destroçado: as drogas, essas drogas que incrementam a inteligência mas esgotam o sistema nervoso, que diminuem a cronaxia⁽¹⁾ mas arruinam as células nervosas, devorando seus envoltórios de mielina, estimulantes fatais que obrigam as engrenagens da inteligência a girar mil vezes mais rápido, mas que terminam estrangulando-as.

- O que está fazendo, Shangrin? - uivou.

- Só mais uns minutos, muitos poucos - ofegou a voz - Estou quase terminando

- Xequé no rei - pronunciou o mecanismo do Runi.

Gregori sentiu um calafrio na nuca e seus músculos de contraíram. Quis chamar o capitão mais uma vez, mas aquilo não fazia sentido, como tampouco serviria de nada lançar-se contra a porta mortal para assaltar a ponte estendida sobre as estrelas. Aguçou o ouvido e acreditou perceber uma espécie de estertor, acompanhado de peças roçando sobre a madeira de um tabuleiro. Podia ser imaginação sua; talvez fosse somente a música daquelas estrelas imaginárias percorrendo suas trajetórias inimagináveis.

- Xequé mate!

Era a voz do capitão; e o som das suas palavras foi como um eco da antiga fanfaronada de Varun Shangrin, da sua áspera ironia e do sua vontade altaneira, embora que reduzida a uma caricatura espectral.

- Shangrin! - chamou Gregori pela enésima vez.

- Um momento agora! - implorou o capitão.

Alguns sons metálicos brotaram do silêncio, ruídos de molas que alguém rompia ou afrouxava.

"Ele disse que o poria em liberdade imediatamente", recordou Gregori. "Mas como ele vai fazer isto? Pensa em abrir passagem até um dos módulos exploradores da "Vasco", instalar nele o Runi e lançá-lo para o espaço exterior?". Se perguntou o que estariam pensando seus homens, a quem havia deixado para trás, na escuridão. Ele

(1) *Med. Cronaxia: é o tempo mínimo utilizado, em que a corrente com o dobro de intensidade da reobase, deve ser utilizada para desencadear um potencial de ação.*

Reobase: é a mínima intensidade de corrente, de tempo teoricamente infinito, necessária para produzir um estímulo elétrico que promova uma contração muscular limiar (N. do Espinhudo)

havia ido sozinho, não para colher a decisão dos deuses, e sim para obrigá-los a ceder. Mas agora se limitava a esperar, sendo o único que sabia o que esperava, condenado a continuar sendo o único para sempre.

“Posso arriscar tudo pelo todo”, meditou. “Confiar em meu equipamento isolante, arrojar-me contra esta porta e impedir que o Runi...”

Avançou pela estreita passarela até alcançar a porta, onde se deteve por uns segundos. Podia conceder aquele pouco tempo a Shangrin, tomar sobre si a responsabilidade de outorgar. Que importava! Se o capitão demorasse demais, aquela seria sua última vacilação.

- Já pode passar - pronunciou a voz de Shangrin, muito distante, muito fraca e desoladoramente fatigada.

CAPÍTULO 16

Gregori apoiou as mãos na porta, esperando sentir o abalo mortal que poria fim à sua vida, que o queimaria em uma fração de segundo sem sequer dar-lhe tempo para se queixar. Mas nada aconteceu; a porta era inofensiva.

A porta cedeu. Ele cruzou a escura câmara de navegação e depois o corredor, procurando manter o ritmo dos seus passos e vencer uma fraqueza repentina que começava a invadi-lo. As luzes haviam se queimado quando as paredes foram postas sob tensão e o perfil luminoso que viu na sua visita anterior vinha daquele reduto onde Shangrin havia se refugiado. Era curioso avançar Tateando por aquele lugar tão familiar, tão curioso como redescobri-lo Tateando com os pés e com a ponta dos dedos, roçando nas trevas as paredes de cada lado.

O corredor dava em uma porta. Gregori empurrou-a com o pé e abriu. A primeira coisa que distinguiu sob aquela luz deslumbrante foi o ovo do Runi. Estava vazio. Ao seu redor havia um emaranhado de fios de ouro e de cobre, toda a complexa estrutura que havia alimentado aquele ser e que lhe havia permitido se comunicar com os homens.

Aquilo lhe lembrou algo. Toda aquela teia de ouro e cobre, aqueles detetores sutis, não se pareciam muito com um detetor de mentiras? Como não havia pensado nisto antes? O dispositivo tradutor do Runi funcionava também como um detetor de mentiras. E o próprio Runi sabia disto desde o princípio!

Tal revelação iluminava com inquietante clareza uma série de acontecimentos. Gregori forçou sua memória e sondou mais a fundo em suas recordações, para lembrar de determinadas circunstâncias em que o sistema tradutor pareceu se quebrar, em que aquele dispositivo inteiro vacilava e balbuciava..

Feriu-o como um raio a suspeita de que o Runi mentira sistematicamente. De nada serviria averiguar em que ocasiões o Runi teria escondido a verdade e não se via com forças para recordá-las uma a uma. De nada lhe serviria, pois o Runi tinha partido. Era possível que lhes tivesse mentido desde o primeiro momento? Haveria por acaso desempenhado uma comédia, jogando sozinho sua partida pessoal e exclusiva, cuidadosa e diabolicamente planejada? Mas ele já não estava ali e o segredo da sua fuga lhe pertencia. Havia-se desvanecido no espaço imaginário das falsas estrelas? Ou talvez sempre conheceria os segredos que permitiam os enviados do futuro esfuçarem-se em um abrir e fechar de olhos? Mas já não tinha sentido analisar problemas inúteis nem empenhar-se em averiguar se ele havia mentido ou não, pois ninguém nunca mais poderia lhe perguntar. Nem ele mesmo jamais voltaria a encontrar os seus, nem tampouco poderia regressar à sua época.

Gregori balançou a cabeça. Quase tinha vontade de rir, mas com um riso fatigado, decepcionado e triste. O Runi tinha estado mentindo. E um homem bom, um grande homem, um homem como poucos existiam na história de Magalhães, chegou à sua própria destruição por ter depositado confiança naquele monstro. Era uma ironia tanto amarga como definitiva. Havia talvez alguma pequena possibilidade, algum lugar

para a dúvida? Talvez o Runi não tivesse feito outra coisa senão trabalhar ao seu modo, sem perversidade, e sim obedecendo à sua própria natureza, que consistia em ser um bom jogador de xadrez e em saber mentir?

Mas assim havia sido o jogo dos demais, da mesma forma que a natureza contrária de Shangrin consistiu em ser leal até mais além da fidelidade. Gregori voltou-se para o capitão que parecia cochilar em sua cadeira com a cabeça caída sobre o peito. Mas ele tinha os olhos abertos.

Existia um mundo onde os jogos tinham regras respeitadas, sempre obedecidas pelos jogadores: era o mundo de Shangrin. E havia outro, um mundo real, onde as regras não contavam: o Runi, Gregori, Smirno e todos os demais habitavam esse mundo. Shangrin passou por louco porque ignorava este reverso da sua verdade e era preciso que continuasse ignorando. Agora, a única coisa importante para Gregori era conseguir que o capitão continuasse em seu desconhecimento de tão feia realidade.

Levantou com suavidade a cabeça de Shangrin e viu que a barba aparecia escorrida e que as rugas impressas naquele rosto eram tão profundas como se em uma só noite tivessem se passado aqueles duzentos e trinta milhões de anos que tão desesperadamente aquele homem havia tentado ganhar no jogo. Somente seus olhos continuavam claros e infantis, sem mostrar e nunca ter mostrado o menor vestígio de dubiedade: eram o fiel reflexo da alma de Shangrin.

O capitão moveu os lábios e um murmúrio profundo brotou dos seus pulmões. Todos seus músculos mostravam uma flacidez e um cansaço enorme. E umas palavras afloraram aos seus lábios, tão baixas que Gregori teve que se inclinar até quase tocar com o ouvido na boca do ancião.

- Eu o enganei - sussurrou Shangrin. - Trapaceei para ganhar e ele não se deu conta disto.

Embora aqueles olhos continuassem sem perder sua nitidez, Gregori observou com horror como as pupilas levantavam-se pouco a pouco até ficarem fixas no teto. Varun Shangrin estava morto. Gregori pôs-se a chorar.

Todos iam regressar, atravessando o grande abismo do tempo.

Deixariam para trás Shangrin, dono absoluto da sua nave, capaz de seguir navegando com ele por um milhão ou dez milhões de anos a mais, capaz de tentar por seus próprios meios o trânsito por aquele espaço de tempo que ele não pôde superar. Eles o deixariam para trás e tudo seria justo e incruento, sem implicar em esquecimento nem ingratidão, condenação ou vingança, sem rastro daquelas paixões humanas que o haviam possuído e que ele havia dominado. Eles o deixariam para trás porque precisavam empreender outra rota e não podiam levar consigo, através do tempo, nenhum morto ou nenhuma nave. E o deixariam enterrado no sarcófago mais vasto, mais complexo e mais caro da história de Magalhães. Entre as recordações nebulosas do planeta legendário onde um dia nasceu a espécie humana, se registravam certas lendas relativas a reis enterrados sob pétreas montanhas piramidais, ou imperadores dos mares depositados por seus homens, entre procissões e tochas, a bordo de naves funerárias cujo velame púrpura era inchado pelos frios ventos e que derivavam pelas penumbras setentrionais até alcançar o país dos gelos eternos. Shangrin ocupava um lugar naquela augusta linhagem...

Cediam-lhe o reino do passado, porque o porvir voltava a abrir-se diante deles, segundo lhes prometiam os enviados do futuro. Pois estes haviam voltado, desta vez em dupla, e tão iguais entre si que se acreditaria que fossem gêmeos, a não ser pela

rivalidade que havia no fundo da sua mútua relação. Mas aceitaram a versão dos acontecimentos que Gregori e Smirno lhes ofereceram, encaixando sem balbuciar o desaparecimento do Runi. Eram na verdade jogadores consumados, hábeis em dissimular suas reações. Admitiram a boa fé dos homens de Magalhães e voltaram a oferecer-lhes, desta vez incondicionalmente, o regresso para o futuro.

Intuindo a satisfação com que acolhiam a explicação de Gregori, Smirno considerou que aqueles personagens continuavam temendo que os turbulentos homens de Magalhães ainda pudessem transtornar seus planos metódicos. Por isto pronunciaram as palavras e fizeram as coisas necessárias, indicando à "Vasco" um encontro em certo setor do espaço que correspondia a um planeta expressamente destinado por eles para tal fim. Ali encontrariam, situados em imensas criptas, os campos de estase onde os sete mil, oitocentos e vinte e dois ocupantes da "Vasco" iam iniciar o inamovível presente de um sonho que duraria duzentos e trinta milhões de anos, vivendo-os à margem do frenesi das moléculas e da dança íntima da matéria.

Durante três dias brotou da "Vasco" uma continua torrente de homens. Os deslizadores iam e vinham, transportando seu carregamento de viajantes do tempo para as gigantescas criptas escavadas nas montanhas. O planeta era pequeno e estava situado em uma zona do espaço quase vazia de estrelas. Seu céu permanecia escuro durante longas noites; chegado o dia, o resplendor do sol distante mal conseguia atravessar as nuvens carregadas de cristais de gelo que flutuavam na alta atmosfera.

Smirno foi o último a abandonar a nave. Antes ele observou como Gregori e Norma se distanciavam pela esplanada rochosa para o último deslizador. O segundo em comando da "Vasco" e a jovem caminhavam em silêncio. Entre eles gravitaria durante um tempo uma espécie de sombra, a recordação do desatino e da grandeza de Shangrin, até que os anos e uma razoável felicidade extinguissem aquela inquietação. O xenólogo não se sentia muito seguro disto, pois intuía em Gregori a têmpera de outro Shangrin. Cedo ou tarde, certos impulsos o induziriam a empreender fabulosas viagens para desafiar espaço e o tempo, ou até mesmo a lei, arrastado por uma imperiosa necessidade.

Que seria aquela necessidade que arrebatava os homens, afastando-os dos seus mundos e das suas esposas, para lançá-los nos abismos espaciais e temporais? Por acaso os senhores do tempo a entenderiam? O que eles chamavam o final da história, não corresponderia ao desaparecimento daquela necessidade? Que tipo de universo seria para o homem aquele em que todos os planetas chegassem a ser conhecidos e todas as fatalidades medidas?

Shangrin havia procurado a resposta àquelas perguntas valendo-se do Runi e do jogo, através do implacável movimento das pedras sobre o tabuleiro. E a seu modo havia encontrado. Assim admitia Smirno, enquanto via elevar-se a enorme e agora deserta "Vasco", majestosa como uma gigantesca e silenciosa bolha, minguando no solo sua sombra esférica até finalmente perder-se nos cinzentos âmbitos do céu. Shangrin havia encontrado, enquanto que ele continuaria procurando, ainda prescrutando o céu quando já nem rastro se vislumbra da "Vasco". Agora pensava naquela outra nave idêntica que os enviados do futuro lhes haviam prometido e que haveria de devolvê-los para Magalhães.

Acreditou que a paz tomaria conta dele quando visse abrir diante de si as portas do futuro, quando voltasse a acariciar o sonho de ser um xenólogo dos mundos centrais, um dos escolhidos que edificavam teorias e sondavam os arcanos da vida e da inteligência. Mas a paz não acudiu, mas somente a consciência de que simplesmente

havia acertado e de que havia vencido em sua desforra contra o capitão. Havia estado certo.

Mas a amargura não abandonava seu ânimo e com ela vinha a angústia. Agora sabia que havia invejado Shangrin, seu poder, sua audácia, sua vitalidade. Havia conseguido ganhar, mas sua vitória custou a perda de um grande homem.

Subiu no deslizador e contemplou a árida planície que fugia sob seus pés, onde algumas moitas de líquens aproveitavam as gretas das rochas para assegurar uma vida precária. Viu as montanhas crescerem diante deles, como se brotassem lentamente do solo. Por fim chegaram e as grandes portas das criptas se fecharam silenciosamente às suas costas.

Entraram então sob aquela imensa abóbada, submersa em um esplendor frio e azulado, em cujas paredes se abriam milhares de alvéolos. Em cada um daqueles dormia um magalânico. Se algum dia os líquens evoluíssem até uma forma de vida superior, algo que tentasse abrir o caminho para a inteligência, e se aquela vida descobrisse por casualidade o estranho lugar, sem dúvida acreditaria ter achado um inferno, ou algum recinto sagrado para onde os deuses houvessem se retirado para esperar, sonhando com o renascer do mundo.

Dirigindo-se para seu nicho, Smirno viu que Gregori e Norma se separavam depois de se beijarem. Então se disse que todos deviam completar sozinhos aquele trânsito através do tempo, embora estivesse convencido de que seriam milhares de espectros que perturbariam seu próprio sono. Quem poderia contemplar impunemente a velada face do futuro? Todos os homens por nascer seriam agora seus semelhantes, todos os homens destinados a viver até saturar o universo com sua presença futura. E não somente os homens, como também os povos, incluídos aí os Runi. Os jogadores e as peças necessárias para o jogo. Seria aquilo o que Shangrin havia vislumbrado?

Smirno compreendeu com amargura que tudo vinha completar maravilhosamente o quadro. Da mesma forma como a história constituía um todo em seu conjunto e relatava os acontecimentos, os Runi e os humanos se complementavam também entre si. Era provável que sem os Runi os humanos não tivessem alcançado nem a sombra das suas plenas possibilidades. Eles teriam sido o supremo desafio que empurrava as civilizações humanas pelo caminho da superação.

E até mesmo a guerra, talvez como caberia concebê-la em suas múltiplas diversidades futuras, poderia não ser necessariamente mortífera. Existem infinitas formas de guerra. A guerra podia ser puramente econômica, cultural ou social, ou talvez assumir modalidades ainda inimagináveis. Todos seus aspectos coincidiam no ponto comum do ódio, mas a própria agressividade podia significar também o contrário. E ele, Smirno, jamais poderia julgar os humanos nem os Runi, pois era, por natureza, o ser eternamente estranho: um observador, um apátrida, um xenólogo.

Somente de um coisa se sentia seguro. Nas centenas de milhões de anos vindouros, ninguém voltaria a apresentar naqueles termos a questão dos Runi. Proferir semelhantes enormidades seria para um humano um crime pior que o homicídio.

E era este mesmo crime que, até certo ponto, ele havia reprovado em Shangrin. Venceu o capitão, mas sua vitória não lhe acrescentado nada. E agora se sentia como um despojo que a onda do tempo açoitaria durante duzentos e trinta milhões de anos.

Assim meditava Smirno enquanto, submerso na luz azulada, ia invadindo-lhe a estase para gelar seus nervos durante uma fração de eternidade. Shangrin os havia conduzido até as portas do futuro recobrado, mas por duvidar dos deuses e atrever-se a vislumbrar algo muito mais importante e transcendental, não pôde franquear o umbral das eras. Entretanto, tendo sido vítima ou brinquedo, ou tendo escolhido deli-

beradamente seu próprio destino, pôde crer por um instante que concedia ao Runi a vantagem de umas regras de jogo estabelecidas por ele. E havia obrado em consequência, redimindo-se através da sua própria empresa.

Pelo menos naquilo Shangrin havia vencido.

O tempo passou. Um dedo invisível empurrou um peão sobre o tabuleiro. Gregori se moveu. Seus lábios se abriram e ele murmurou:

- Que horas são?

No universo sem limites, a humanidade havia feito sua aparição.

Gilles d'Argyre e sua obra

Creio haver conhecido bem o visconde d'Argyre, pelo menos tanto quanto alguém pôde conhecê-lo, ou seja, muito pouco. Era um homem estranho e sedutor, reservado e afável. Frequentemente invejei essa genial desenvoltura com que atraía as mulheres, sem que nenhuma delas chegasse a ter a mínima ideia da multiplicidade das suas conquistas. Para dizer a verdade, ele não tinha nada de conquistador, e qualquer coisa que empreendesse parecia que tinha esquecido completamente o passado. Poderíamos dizer que ele era amnésico se não tivesse demonstrado tanta fidelidade ao presente. Seu desaparecimento foi de acordo com sua forma de viver. Permitam-me aqui render uma espécie de homenagem ao homem que tanto me ajudou e de quem tanto aprendi.

Eu jamais soube se seu título era autêntico e sua origem será sempre um mistério para mim. Às vezes, rindo, ele dizia que, ao contrário de tantos seres que devem seu nome ao passado, ele havia recebido o seu do futuro. Cheguei inclusive a sonhar que ele gozava de uma ascendência invertida, ou seja, que em suas cinco histórias havia descrito, sem dúvida embelezando-a, sua própria crônica familiar. Sabemos que na cartografia oficial de Marte existe uma paragem chamada Argyre, a 50º de latitude Sul e perto do meridiano 40. Além disso, arguros significa “prata” em grego.

Ele era um homem generoso, embora que quando nos conhecemos, na rua Saint-Guillaume, não aparentava ser mais rico que eu, por exemplo. Portanto, após me confessar uma admiração que me perturbou e que ocultava apenas uma certa ironia, ele se propôs a remediar minha falta de dinheiro escrevendo algumas obras, sem importância alguma segundo ele, e cujo produto seria totalmente para mim.

Quão longe me achava de imaginar a colossal fortuna que isto me traria, digna de um Monte cristo, e que a partir de então me permitiu dedicar à pesquisa sócio-econômica, meu passatempo favorito, sem a menor preocupação material. Seu objetivo, segundo ele, era o de ajudar-me a escrever emprestando-me sua caneta. E embora eu não deixasse de fazê-lo, fiel à sua vontade, temo que meu escasso talento tenha decepcionado suas esperanças. Não direi que ele me via na Academia, mas com certeza esperava de mim um alto destino. Foi o único erro que o vi cometer.

Mas eu também me inclino a acreditar que em suas preocupações de mecenas, hoje em dia tão insólitas, seu propósito era muito diferente. Como muito bem fez notar Jacques Goimard, Argyre não era alheio a uma certa inquietação pedagógica. Nas conversas que sustentamos, ele declarava apaixonadamente que um grande país não deve carecer de uma imagem do porvir, e deplorava que a literatura da ficção científica, que no seu entender devia contribuir para a formação desta imagem, fosse importada quase totalmente a América; e não porque menosprezasse as obras anglo-saxãs, pelo contrário, e prova disto é que me obrigou a estudar inglês para que pudesse descobri-las em sua própria língua. O que acontecia é que ele pensava que tal literatura só podia encontrar ampla audiência se correspondesse, ainda que insuficientemente, às preocupações, à tradição e à cultura dos seus leitores; que não era

bom nem possível que um futuro de inspiração estrangeira, nascido em outra sociedade, sem outra problemática econômica e política, fosse enxertado em bloco no tronco europeu. Acreditava no diálogo com os autores anglo-saxões, e em particular com os americanos, mas não se identificava com eles. Recordo que no princípio dos anos sessenta, em nossas conversas ele me fazia constatar que se a América era tão obsessiva em projetar para o futuro distante suas estruturas e mesmo seus vícios sociais, no fundo era porque não acreditava em seu próprio porvir, e que o mais provável era que não o tivesse, pelo menos nas formas conhecidas. Opinião essa que então me pareceu muito ousada e muito paradoxal para ser alguma coisa mais que um ex-abrupto. Mas o maremoto que abalou e ainda continua convulsionando a América dá uma nova luz a esta teoria e a converte em algo profético; tanto mais que a maioria das obras de ficção científica anglo-saxãs a partir do final do decênio dos sessenta manifestam, não sem deleite, que o futuro é a ausência do porvir.

Por isto, Gilles d'Argyre sonhava em implantar em nosso continente uma literatura de previsão forte e original, e para fazê-lo, queria predicar com o exemplo dirigindo-se com toda modéstia ao público que lhe parecia mais promissor e popular e, sem a menor dúvida, também o mais jovem. Então, já lançado esse primeiro impulso, Gilles d'Argyre parou de escrever e desapareceu de cena, pois não era homem capaz de incorporar e perseguir uma ambição pessoal mais além do seu objetivo.

Hoje nos falta o homem e nos resta sua obra, embora que muito breve. É útil decompor-la em duas partes. Os três primeiros títulos formam uma história contínua, a saga dos d'Argyre, que se desenvolve em um futuro relativamente próximo e que descreve o destino de três gerações da família d'Argyre sobre um fundo de proezas tecnológicas.

Os dois últimos títulos são muito independentes em relação à saga dos d'Argyre, apesar de aparecerem como uma prolongação da mesma. Podemos nos perguntar se ele se propunha a escrever uma história do futuro no estilo de Robert Heinlein e Michel Demuth.

O Cetro do Azar e Os Assassinos do Tempo constituem os pontos mais avançados dessa exploração do porvir. Avançados mas muito distantes um do outro. O Cetro transcorre no século XXV, e portanto situa-se em um futuro relativamente próximo, histórico. É em um futuro muito mais distante, na realidade mitológico, onde se situa Os Assassinos, cuja ação começa no ano de 27.937, e não é certo que se trate da nossa era. Em uma forma muito mais "assanhada" que em suas obras anteriores, d'Argyre brinca com o tempo e com o espaço, e não falta razão a Jacques Goimard, ao descobrir nela um rastro de van vogtismo ⁽¹⁾ que contrasta com o realismo, às vezes friamente científico, do resto das suas obras.

De qualquer forma, para o crítico, O Cetro do Azar e Os Assassinos do Tempo apresentam mais de um sinal de complementaridade ou de similaridade. De um ponto de vista psicanalítico, que não recusaria o criador de Franz d'Argyre, é interessante considerar O Cetro do Azar como uma história da mãe, enquanto que Os Assassinos do Tempo é evidentemente a da imagem paterna, primeiramente admirada, exaltada, e então destruída. A ordem em que os livros foram escritos e editados, ordem inversa da que apresentam nesta coleção, também está cheia de sentido: a história do pai precede a da mãe, o que evidentemente é o contrário da sequência das experiências do menino. Poderia portanto tratar-se de uma exploração inversa, regressiva, do passado subjetivo. Vale a pena deter-nos sobre isto.

No Cetro do Azar, já no princípio, a mãe de Ingmar Langdon é, de certa forma, temida por ele. E apesar de parecer ausente do conjunto da ação, descobre-se no fim

(1) relativo a E. A. Van Vogt

que foi ela quem mexeu os fios, pelos menos alguns deles. Desde o nascimento de Ingmar, ela tende a reorganizar sua vida, a procurar-lhe uma esposa, a conferir-lhe um poder, o poder. Mas ao mesmo tempo, este poder que pretende atribuir-lhe, é roubado ao impô-lo, negando-lhe a oportunidade de conquistá-lo por si próprio e, sobretudo, mantendo em segredo as maquinacões mediante as quais espera conferi-lo. Apesar de filho-joguete da sua ambiciosa mãe, Ingmar Langdon é alheio ao seu destino. Por isto, na ausência, é um retrato de mãe abusiva, castradora, o que nos mostra o autor. E como por azar, este esquema coincide com o de uma sociedade cujo poder é transmitido pela sorte, ou seja, sem adquirir a experiência da realidade, da adversidade. Langdon realiza a seu nível a experiência de uma castração - a do poder político - que foi perpetrada a grande escala em toda uma sociedade. Em certo sentido, o silêncio que se guarda na novela sobre os responsáveis do assassinato do estocastócrata Devon, predecessor de Langdon, é significativo: é o assassinato do pai como mito. E a difícil aprendizagem da independência por parte da Langdon passa pela mesma ameaça, e pela frustração, a princípio involuntária, inocente, das intrigas da sua mãe. Outros símbolos coincidem no mesmo sentido. Por exemplo, o deslizador-casulo em que vive Langdon, que a princípio apresenta sinais de imaturidade afetiva. Está perfeitamente claro que nesse refúgio aéreo Langdon encontrou asilo contra as iniciativas - principalmente matrimoniais - da sua mãe, mas ainda é mais claro que se trata de uma matriz simbólica. Os escassos dados que nos facilitam sobre sua relação com sua ex-esposa Herbie, também nos faz pensar que ela era tão imatura quanto ele, e é unicamente no final da sua experiência libertadora que Langdon poderá encarar, embora de outra forma, o reatamento daquela relação.

O paralelismo entre o papel da mãe de Langdon e o da mãe de Sandra Devon é igualmente surpreendente. Uma e outra exercem uma influência indireta, oculta, mas real sobre o destino de Ingmar, embora que a da sua mãe nos parece negativa e a da mãe de Sandra, positiva. Se levarmos isto em conta, compreenderemos melhor o fato de que o livro não conclui com um "happy end" entre Langdon e Sandra. Ao casar-se com ela, como talvez era de se esperar, Langdon voltaria a uma situação na qual toda sua evolução o obriga a renunciar. Intuição ou habilidade do autor, a frustração final de Ingmar Langdon, ao não receber o prêmio costumeiro nas aventuras do herói, é a única colusão possível e satisfatória da sua experiência, a que lhe abre finalmente a liberdade conseguida.

O sacrifício de Ora é igualmente significativo. Somente porque Langdon aceitou se servir de uma mulher, pôde deixar de ser o juguete de outra, por doloroso que seja isto. Deste modo, descobre na dor o preço da entrega e, através do sacrifício de Ora, a existência de outra mulher. Como se pode ver, estamos muito distantes dos estereótipos sentimentais, ou melhor, sentimentaloides, da novela popular. De uma perspectiva dialética, tem que ser levado em conta que o papel de Clara, a mãe de Langdon, é menos negativo do que parece à primeira vista. Com efeito, é sua sede de poder o que a a princípio bloqueia a Máquina do Azar e então permite sua subversão. É ela quem concentra os fatores da crise que desencadearão o desbloqueio da História. Sua jogada (adulterada) aniquila completamente o reinado do azar. Sublinhemos por último que são os poderes psíquicos - as capacidades telecinéticas de Ora e do Jogador - os que à margem pesam a favor deste bloqueio-desbloqueio da História, poderes do inconsciente, poderes que em sua essência são comparáveis àqueles de que se crê que se acredita dotado o menino. A mobilização desses vestígios é indispensável para a organização de uma nova economia "libidinal", como diria Boris Eyzikmann.

Assim pois, se O Cetro é a história da mãe-destino, ausente, toda-poderosa e tal-

vez malvada, Os Assassinos do Tempo é, evidentemente, a história do pai-mito. Vemos antes de tudo os tripulantes da nave projetada para um passado distante, de certo modo tragados por Cronos, o pai devorador por excelência, a quem devem matar (o título da obra é suficientemente explícito) para poder viverem. Assassinato simbólico que perseguirá, embora não seja quem o planejou, Varun Shangrin, herói dominador, figura paternal quase estereotipada. A história nos ilustrará a princípio a sua precedência, para estabelecê-lo depois no âmbito da paixão e da obstinação, antes de tirar esta conclusão: a caducidade. Somos obrigados a estabelecer um paralelo entre Shangrin e o personagem mítico de Moisés. Como este, ele lidera um povo de emigrantes; como ele, é também por sua vez guerreiro e comerciante; como ele, nunca chegará a pisar a terra prometida porque pecou, ou seja, fez um pacto circunstancial com o inimigo, no caso o Runi, ou seja, o pagão, a entidade das Runas, por sua vez indecifrável (como as Runas) e estrangeira; como ele, finalmente, mantém relações ambíguas com a lei que promulgou, dobrando-a para acatá-la finalmente até o sacrifício pessoal em sua mais ínfima motivação: a lealdade, a observância do pacto secreto.

Shangrin é o personagem histórico por excelência, o fundador de impérios em oposição ao qual se definem: Smirno, o homem do conhecimento abstrato, ineficaz, de certa forma o sacerdote, e Gregori, seu segundo em comando, o filho espiritual, o discípulo. Não existe nada de estranho que ao redor desta trilogia não reste muito lugar para uma mulher e que Norma Shundi, "noiva" de Gregori, apareça antes como uma pálida convenção que como um ser real. Ao lado de Shangrin, o próprio Gregori parece inconsistente, pelo menos até ser investido pela lei, uma lei de certo modo transcendente, que o designa contra sua vontade e o obriga a desafiar o pai simbólico, Shangrin, ou ao menos constatar sua derrota. E temos que destacar esta sutileza pelo que vale: não é Gregori quem vence Shangrin, e sim a realidade, e somente ela. Portanto, não se lhe permite orgulhar-se da sua ação. É a este preço - a descoberta da fragilidade, da fraqueza - que se lhe concederá, tanto a ele como aos seus, o franquear o abismo do tempo, o dominar Cronos, embora que só seja provisoriamente. Segundo a definição orgulhosa da última frase do livro "no universo sem limites, a humanidade havia feito sua aparição".

Resta-nos decifrar o Runi, esse extraterrestre, ou melhor dizendo, esse não-humano, em uma história onde significativamente jamais aparece a Terra, o planeta mãe. O leitor não familiarizado com a psicanálise talvez se surpreenda pelo significado que encontra, mas é muito exatamente o fantasma do pênis da mãe. A própria descrição do Runi nos indica isto: "... um caranguejo peludo. Uma espécie de carapaça de cor laranja protegia parte do seu sistema nervoso, coroando um cilindro forrado de pele... O Runi podia esticar-se até alcançar um comprimento superior aos quatro metros, ou comprimir-se até encaixar seus anéis em menos de um metro..." Este conjunto incongruente é fácil de analisar. De um lado o caranguejo, animal marinho, o símbolo da água e já se sabe que a associação entre mar e mãe é muito mais que um simples jogo de palavras. Este ser se acha equipado com apêndices que "pareciam instrumentos cirúrgicos", o que evoca a imagem da vagina castradora. Além disso, este cilindro erétil está envolto em peles. Durante toda a ação, o Runi constitui o mistério, mas sem que isto o impeça de possuir uma ciência incomensurável, ainda sem ter origem definida, e exercer sobre o tempo e o espaço um poder aparentemente ilimitado e consubstancial aos mesmos; é praticamente desta forma que o menino se representa, ou melhor dizendo, presciente à sua mãe.

Durante toda a obra, Shangrin e o Runi aparecem indissolivelmente unidos; fizeram um pacto, inclusive deixando de fora o próprio Gregori. E um aspecto deste pac-

to reside no jogo, o xadrez, no qual Gregori curiosamente não parece se interessar. O surpreendente é que em nenhuma parte se alude a alguma partida de xadrez entre Shangrin e seu segundo, apesar de que a simples lógica o reclama. Mas não, o jogo de xadrez é um assunto privado entre o Runi e Shangrin e se desenvolve sempre em um espaço fechado, a cabine do capitão, ou seja, em resumo, na cúpula esférica da câmara de navegação, que reproduz o universo. É sugestivo ver nisto a representação de outro jogo não menos secreto e conflitivo para a criança. Da mesma forma, ao longo da narrativa Gregori sente a respeito do Runi uma mescla de fascinação e repulsa. Por pelo menos duas vezes acode ao local do ato, suplicando a Shangrin que se separe do Runi. E nas duas vezes esperará esperançoso, e talvez aterrorizado, no umbral da porta, que o jogo prossiga e termine. Aos seus olhos e nos próprios termos do relato, a salvação de Shangrin e dos seus subordinados - traduzamos: dos seus filhos - só pode ser obtida às custas de repudiar o Runi.

O apego de Shangrin ao Runi nos parece mais passional que racional. Impele-o à decisão de sacrificar os que lhe foram confiados, à manutenção dessa relação, que Gregori no fundo teme atacar, embora o deseje, e contra a qual só se decide a intervir sob coação. Estou tentando dizer que ante seus olhos horrorizados se enfrentam, através de toda a obra, o falo paterno de Shangrin e o Runi-pênis-materno fantasmagórico, e que a ordem só pode se restabelecer com a possível derrota deste último. Derrota que unicamente pode acontecer ao final de um combate que esgota até à morte as forças de Shangrin e que, com já indicamos, é a condição indispensável para a ascensão à humanidade. Na verdade Shangrin é um pai forte - a insistência sobre este ponto é característica, - mas fica quase impotente contra uma força mais antiga, mais universal e também mais secreta: a da mãe, tanto mais invencível porquanto sua representação permanece arcaica e não quer admitir a humanidade.

Assim, por meio desta explicação, vemos reaparecer uma estrutura que já tínhamos encontrado - ou que aparecerá em *O Cetro*, obra posterior - fundamentada sobre o personagem da mãe onipotente, manipuladora; má, porque impede o acesso à autonomia, e boa, na medida em que sem ela a busca da independência seria impossível. Mas enquanto que em *Os Assassinos do Tempo* o pai não morre até o final e assume pessoalmente o essencial do ambíguo combate contra a matriz original, em *O Cetro*, ele já está morto desde o princípio, se aceitamos ver no estocastócrata Devon uma figura paterna. Portanto, o personagem de Langdon é muito mais completo e, logicamente, muito mais interessante que o de Gregori. *O Cetro* não é uma repetição dos *Os Assassinos*, mas o testemunho de uma evolução: do mítico passa ao político, do sonho à realidade.

Em *Os Assassinos*, o poder dos Runi é indescritível, mesmo para os seres mais avançados do mais distante futuro, enquanto que em *O Cetro* o reino da sorte não é imprescindível, pode ser abolido. A guerra eterna como jogo em *Os Assassinos*, tem vertentes de psicose insuperável, enquanto que a neurose de Langdon, em *O Cetro*, pode ser corrigida.

É muito difícil (e sem dúvida seria indiscreto) decidir se Gilles d'Argyre introduziu conscientemente tais recursos em sua obra com o fim de poder zombar *in petto* dos esforços de eventuais críticos apaixonados pela análise (entre os quais me conto), ou se sua história pessoal o conduziu sem saber a introduzir em suas histórias a estrutura de uma "novela familiar". Tenho muitos motivos para crer que ele tinha um senso de humor bastante peculiar, um tanto perverso, para dar corpo de tal maneira às narrativas mais simples em aparência. Além disto, possuía, e posso atestá-lo, uma boa cultura em psicanálise, com o que podia permitir-se tais jogos. Em sua biografia não conhecemos nada que possa fazer-nos pensar que sua personalidade tivesse

marcas de antigos conflitos que tivessem deixado tais rastros. Sua infância, pelo pouco que contava, foi tranquila e feliz. Em resumo, o que aqui nos interessa, como é tradicional em tais pesquisas, é a obra tal como a temos e não o homem, ao qual se pode apreender em sua particularidade.

Um indivíduo que aponta a favor de uma consciência em tal sentido em sua obra, pelo menos parcialmente, reside em uma aparente debilidade que, segundo certos leitores meticolosos, desmerece o final de *Os Assassinos do Tempo*. De fato, Shangrin resolve o conflito, base de toda a obra, vencendo o Runi no xadrez, mas fazendo trapaça. E todo mundo sabe que é absurdo e impossível fazer trapaças no xadrez. Gilles d'Argyre, que era um jogador mediano e ganhou todas nossas partidas, não podia ignorar tal coisa. O que acontece é que esta trapaça essencial é uma espécie de assinatura. Seria abusivo ver aqui uma saída fácil, quando todo o livro leva a marca de um construtor meticoloso. Se Shangrin faz trapaça - ou pelo menos disse a Gregori que fez, - não é somente porque não tenha outro modo de vencer o Runi - o que seria pueril, - e sim porque é o engano em si o que vence o Runi. Foi dito que o Runi, por constituição, não pode enganar, da mesma forma que a realidade não se engana a si mesma. Trapaceando no momento em que vai perder, então Shangrin demonstra sua superioridade, transtornando as regras do jogo, situando-se fora do mesmo, mas por meio dele. Logicamente, ao Runi só resta a fuga, como o demônio dos contos fantásticos, que vê como se lhe escapa uma alma no último minuto, após um arrependimento tão eficaz quanto tardio. O Runi se encontrou diante de algo que o horroriza, que o vence: a capacidade de faltar às regras aceitas, a rutura, o subterfúgio. Mas Shangrin, que com isto negou a si mesmo, não pode explorar a vitória nem continuar vivendo. Sua trapaça é a expressão de um sacrifício supremo, o dos valores aos quais consagrou sua vida, a confissão de um fracasso pessoal, se é na confissão onde encontra a oportunidade da sua vitória. O sentido é claro: a lógica não basta. Não se triunfa sobre a realidade, sobre a mãe mítica, observando as regras que ela impõe, senão separando-se delas, mesmo em grau insignificante. O homem é um animal que não se conforma em ser enganado, mas que faz trapaças - principalmente com a morte - e que sabe disto.

Serei muito mais breve sobre as implicações sociológicas das duas obras, pelo fato de que são muito mais evidentes. É curioso constatar que *O Cetro do Azar*, escrito em novembro de 1962, no regresso de uma estadia na Argélia, apareceu em julho de 68, no dia seguinte aos acontecimentos conhecidos de todos. Assim pois, os Indignos, esses párias da sociedade do Cetro, representam os marginalizados esperando seu momento. Por superficial que seja, a análise política tem um algo estranhamente de sessenta e oito. Na cúpula da hierarquia social, muito simplificada, da sociedade estocastocrática vivem com todo o luxo dos eleitos de uma sociedade de consumo. Mas, embora os próprios beneficiários o ignorem, este luxo só é possível devido à existência de um duplo proletariado de robôs e de produtos instalados entre os Indignos e, portanto, excluídos do mesmo. A instituição do poder é derivada diretamente das sondagens de opinião, já convertidos em sistema. E o uso do acaso na decisão já é o cúmulo da intercambialidade dos homens, que parece o último fim do capitalismo; recorrer ao acaso, é decidir a total equivalência dos indivíduos com o ineludível corolário da sua banalização, do desaparecimento dos seus valores. E esta é a razão pela qual Langdon busca no passado vestígios desses valores; por causa dessa preocupação e apesar de não ser um homem providencial, é talvez o único que pode solucionar a crise do regime estocastocrático. Ingmar Langdon, em seu começo, é objetivamente um reacionário, embora o seja de uma espécie passiva e timorata; mas ao ser também o único que conservou e amou a lembrança de uma história, de um

passado, é o único que em seu momento pode conceber e levar a termo sua subversão. Sente que perdeu alguma coisa e os acontecimentos o encarregarão brutalmente de fazê-lo conhecer o que. Pode ser característica do grupo social ao qual pertence Gilles d'Argyre o fato de que não conte em momento algum com a massa dos Indignos como força social motriz. O papel social e político outorgado a Langdon não é devido unicamente às convenções do gênero, e sim a um preconceito inconsciente. Preconceito de aristocrata ou preconceito de intelectual. Pois embora não se diga explicitamente, é a cultura, e em especial a cultura literária, a quem Langdon deve sua capacidade de dominar a situação. E o mais grave é que é pela generosidade clarividente de Langdon e de Franz d'Argyre, intelectuais aristocratas, que o povo dos Indignos pode esperar um porvir melhor. Nisto há algo que pertence ao reformismo mais timorato e que pessoalmente me perturba. Um fator importante da ação faz pensar que, ou Gilles d'Argyre estava consciente deste problema, ou sua pluma o levou a incluí-lo quase sem se dar conta. É o papel essencial desempenhado pelo poder telecinético que aparece entre certos Indignos, ligado à mesma causa da sua indignidade (as mutações) e que está ausente entre os "normais", os privilegiados. Poder não consciente, mas latente, do proletariado, poder que pode ser desviado para melhor dominá-los, ou que pode servir de arma para revolução. Isto não é tão somente uma experiência que Langdon encontrou entre os Indignos, experiência suscetível de motivá-lo, e sim um meio (na forma de uma energia primária até o momento não afetada, não comprometida) de subverter o reino do acaso. Subversão que é anunciada a partir da cena do Jogador, na qual Langdon compreende progressivamente que não pode perder de vista um ser que controla a sorte. Uma cena essencial na qual se indica a razão fundamental da exclusão dos Indignos: o preço de um poder incompatível com o funcionamento da estocastocracia. É preciso que este poder só possa ser exercido em lugar fechado e fora de toda referência a uma ação concreta, em um jogo de azar que deixa de sê-lo para transformar-se em espetáculo. É devido ao espetáculo da sua própria força desviada para o insignificante pelo qual se manja à vontade esses proletários, parece dizer Gilles d'Argyre, do mesmo modo que em nossa sociedade, é toda a força revolucionária da sua aspiração à felicidade a que se lhes devolve mutilada em forma de frivolidades estereotipadas.

O grupo social dos intelectuais tem por função (à maneira de uma dobradiça) experimentar com a realidade e então transformá-la, apoiando-se nas forças sociais, no sentido de um desbloqueio do sistema, de um novo e maior enfrentamento, e não de uma pacificação ilusória e fraudulenta. O problema apresentado em *O Cetro* seria, portanto, o da proletarização possível, talvez provável, dos intelectuais, e sua resposta a esta afirmação da confiança em sua capacidade para mudar o mundo. Resposta sem dúvida otimista, mas, quão ingênua!

O papel de Smirno em *Os Assassinos do Tempo* é como um eco: a função do intelectual é a de restabelecer a razão. Ainda mais revelador é o caminho seguido em *Os Assassinos*, em que depois da rutura, a reparação é deixada nas mãos de um homem ao que se tem de qualificar como excepcional e providencial. Podemos ver aqui como uma homenagem indireta para um político de alta classe, cujas ideias Gilles certamente não compartilhava, mas para o qual não negava sua admiração, embora que fosse só por sua astúcia. Quando não aparece alguma saída razoável, é preciso recorrer-se a um chefe carismático que engane, tente e não retroceda diante da manobra ou da mentira calculada; que seja capaz inclusive de precipitar-se na fenda aberta para esculpir nela um império à sua medida, mas que de fato, e quando tudo parece desesperado, persiga incansavelmente um único objetivo: reduzir a rutura e fazer chegar sua nave e seus homens às margens do presente.

A referência, intencional ou inconsciente, a uma época que sempre é a nossa, está perfeitamente clara na base da história. Dois impérios, de dimensões quase inconcebíveis para os magalânicos, se enfrentam segundo as regras de uma estratégia fria e cheia de cumplicidades. Mas esta ação desmesurada, ao contrário do que ocorreria em um Van Vogt, só é percebida através dos seus efeitos secundários. É o cruzar um campo de batalha de outrem, o que provoca a odisseia da "Vasco", vítima involuntária de uma armadilha preparada para outros. Há aqui uma imagem muito clara desse mundo da segunda metade do século XX, onde os grandes adversários se aliam em seu próprio combate para poder continuá-lo e onde, por neutro que um seja, sempre pode ver-se metido em um campo de minas ou de batalha sem chegar a compreender os riscos e perigos que isto implica. Nessas condições, conclui Shangrin, mas vale fazer todo o o barulho possível e por-se tão pesado que os grandes, embora seja somente para continuarem em paz, decidam colocá-los em um lugar seguro. Conceito muito semelhante à de um conhecido língua de trapo, cuja determinação às vezes conseguia fazer respeitar um país acima dos seus meios objetivos, mantendo-se assim tecnologicamente afastado dos combatentes, vítimas impotentes do conflito, e dos verdadeiros árbitros do combate. Eis aqui algo que poderia dar o que pensar a quem denuncia a ficção científica como pura literatura escapista, totalmente alheia à realidade.

Gérard Klein, junho de 1974

Gérard Klein é o verdadeiro nome de Gilles d'Argyre.